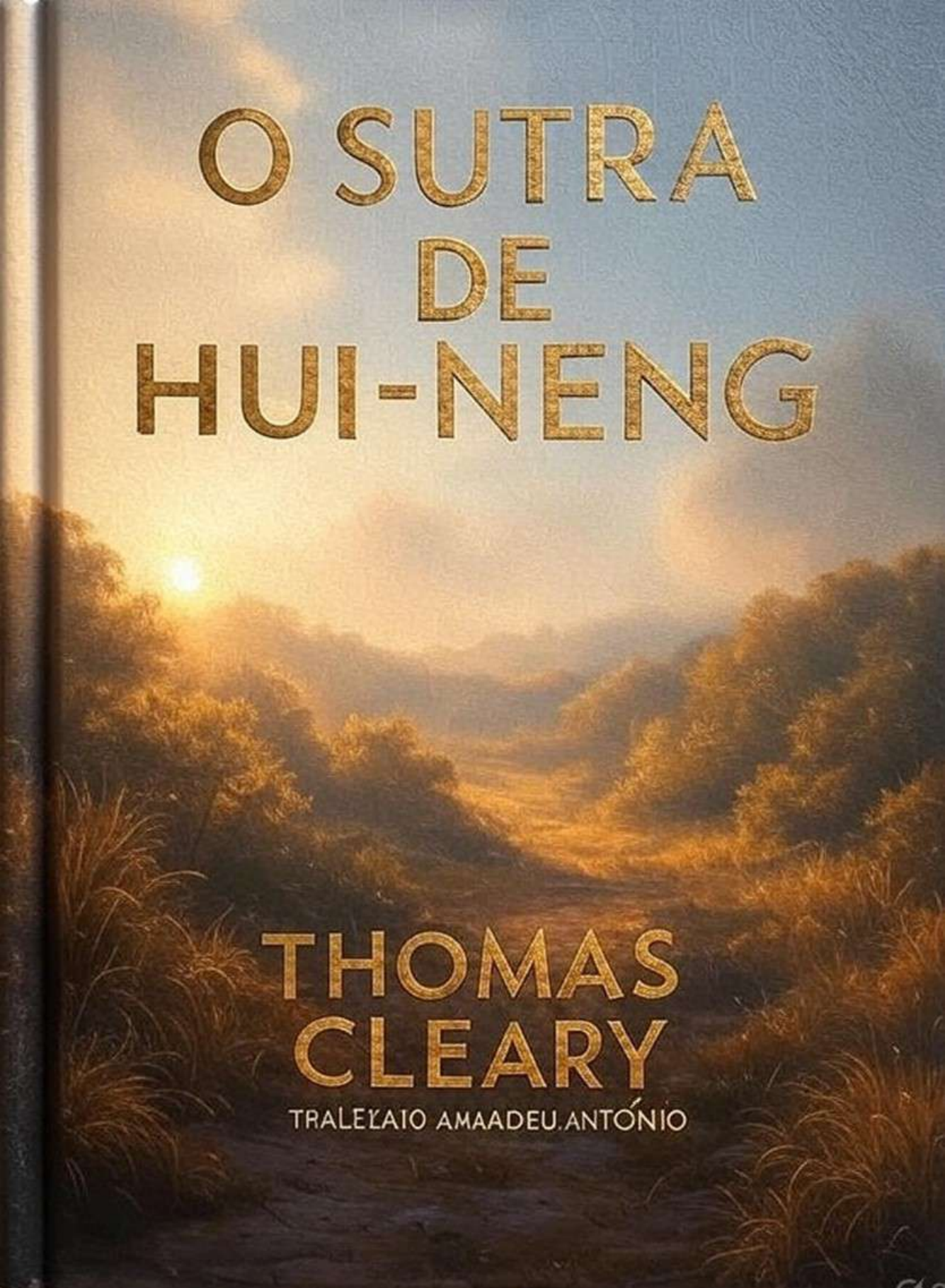
O SUTRA DE HUI-NENG



THOMAS CLEARY

TRADUÇÃO AMADEU ANTÓNIO

O SUTRA DE HUI-NENG

Com o Comentário de Hui-neng ao

SUTRA DO DIAMANTE

Traduzido do chinês por

THOMAS CLEARY

SHAMBHALA

Boston & London

2012

CONTEÚDO

INTRODUÇÃO

1. HISTÓRIA PESSOAL
2. PRAJNA
3. PERGUNTAS
4. ESTABILIZAÇÃO E INSIGHT
5. MEDITAÇÃO SENTADA
6. ARREPENDIMENTO
7. EVENTOS CHAVE
8. IMEDIATO E GRADUAL
9. A CONVOCAÇÃO IMPERIAL

COMENTÁRIO DE HUI-NENG AO SUTRA DO DIAMANTE

PREFÁCIO POR HUI-NENG

1. A CAUSA E RAZÃO DA ASSEMBLEIA DE ENSINO
2. SUBHUTI INICIA A INTERROGAÇÃO
3. A VERDADEIRA FONTE DO GRANDE VEÍCULO
4. PRÁTICA SUBTIL SEM PERMANÊNCIA
5. VERDADEIRO VER DE ACORDO COM A VERDADE
6. A RARIDADE DA VERDADEIRA FÉ
7. NENHUMA ATTAINMENT E NENHUM PREGAR
8. EMERGÊNCIA NA VIDA ATRAVÉS DA VERDADE
9. UNIDADE SEM FORMAS
10. ADORNAR UMA TERRA PURA
11. A SUPERIORIDADE DAS BÊNÇÃOS NÃO CRIADAS
12. HONRAR O VERDADEIRO ENSINO
13. ACEITAR E MANTER O ENSINO COM PRECISÃO
14. PAZ ABSOLUTA PARA ALÉM DAS FORMAS
15. AS VIRTUDES DE MANTER O SUTRA
16. A CAPACIDADE DE LIMPAR OBSTRUÇÕES KÁRMICAS
17. AUTOLESS FINAL
18. VISÃO IMPARCIAL DA UNIDADE
19. O ENSINO QUE PERMEA O COSMOS DAS REALIDADES
20. DESAPEGO DAS FORMAS E APARÊNCIAS
21. NÃO PREGAR UMA DOUTRINA
22. NÃO HÁ NADA A ATINGIR

23. PURIFICAR A MENTE E FAZER O BEM
24. BÊNÇÃOS E SABEDORIA SEM COMPARAÇÃO
25. ENSINAR SEM ENSINAR NINGUÉM
26. A INCORPORAÇÃO DA REALIDADE NÃO É APARÊNCIAS EXTERNAS
27. NENHUMA ANIQUILAÇÃO OU EXTINÇÃO
28. NÃO ACEITAR, NÃO SER GANANCIOSO
29. SERENIDADE DE CONDUTA
30. O PRINCÍPIO DO COMPOSTO
31. VISÕES NÃO OCORREM
32. A RECOMPENSA E A EMANAÇÃO NÃO SÃO O REAL
NOTAS SOBRE O SUTRA DE HUI-NENG

Introdução

Hui-neng (638–713) é uma figura central na tradição budista zen. O último dos primeiros Grandes Mestres ou professores fundadores do zen, Hui-neng é popularmente considerado o fundador da chamada Escola do Sul do zen. Hui-neng caracterizou o seu ensino como o ensino da imediatidade, baseado na insight direto na natureza essencial da consciência. Como testemunho do seu lugar eminente na tradição zen, o registo da vida e palestras de Hui-neng é o único documento do género a ser dignificado com o título de sutra, ou “escritura”, a palavra tradicionalmente reservada, na literatura budista, para os ensinamentos de um buda.

Hui-neng viveu durante a dinastia T’ang (619–906), que é frequentemente considerada o apogeu da cultura chinesa. O desenvolvimento do budismo chinês foi particularmente marcado durante esta era, assistido pelo patrocínio imperial. Tradutores da Índia, Khotan, Sogdiana, Tocharia, Kucha e outras terras continuaram o enorme trabalho de traduzir os cânones budistas para chinês, enquanto grandes mestres das escolas chinesas emergentes prosseguiam a articulação plena de sínteses pragmáticas dos ensinamentos.

Hui-neng é tradicionalmente dito ter sido um lenhador analfabeto de uma área fronteiriça. Alcançou a iluminação quando era um jovem sem importância, segundo a história, e herdou o posto de Grande Mestre do zen. Subsequentemente, foi obrigado a fugir da perseguição de elitistas invejosos e desapareceu nas montanhas. Hui-neng reapareceu na meia-idade como o último dos fundadores do zen, finalmente popularizando o ensino entre todas as classes de pessoas. Embora ele próprio fosse iletrado e expusesse o budismo nos termos mais simples, os alunos e discípulos de Hui-neng incluíam eruditos confucionistas, bem como monges eminentes, até mesmo um mestre do cânone budista da Índia.

A carreira de Hui-neng teve um efeito incalculável na disseminação do zen na China. De acordo com a biografia de Hui-neng registada em fontes zen tradicionais, havia trinta e três pessoas conhecidas como sucessores formais do Grande Mestre, que ensinaram o zen abertamente. Havia um número não registado de outros que atingiram o ensino, acrescenta a biografia, que ocultaram os seus nomes e esconderam os seus rastos. Os nomes de dez destes mestres ocultos foram encontrados, embora nada mais se saiba deles.

Além destes quarenta e três sucessores conhecidos de Hui-neng, Grande Mestre do zen, também se diz que inúmeras pessoas "despertaram para o Caminho e transcenderam o comum" sob o impacto do seu ensino.

Duas versões do sutra de Hui-neng, chamado Sutra do Altar, estão facilmente disponíveis hoje. Um manuscrito de uma versão mais antiga e mais breve atribuída ao discípulo de Hui-neng, Fa-hai, foi descoberto entre as muitas obras desenterradas em Tun-huang. Uma versão mais detalhada compilada em 1291 baseava-se em vários textos. É nesta versão mais completa que a presente tradução se baseia.

O compilador desta versão do sutra, um monge chamado Tsungpao, nota num posfácio à sua edição:

Os ensinamentos que o Sexto Grande Mestre usou para expôr eram todos a mensagem completa e imediata do Grande Veículo; é por isso que isto é chamado um sutra. As palavras são quotidianas, mas a sua orientação é de longo alcance; a expressão é fácil, o significado é claro. Todos os que o leem obtêm algo dele. O Mestre Ming-chiao elogiou-o dizendo: "Aqueles cuja potencialidade natural é aguçada obterão o profundo, aqueles cuja potencialidade natural é embotada obterão o superficial." Quão verdadeiras são estas palavras!

Quando entrei pela primeira vez no Caminho, fui inspirado por este sutra. Subsequentemente, vi três textos diferentes de qualidade variável. Os blocos de madeira já estavam desgastados, por isso fiz uma comparação dos textos, corrigindo erros e preenchendo abreviaturas, adicionando também as histórias das perguntas dos discípulos, na esperança de que aqueles que desejam aprender possam obter a mensagem.

1

História Pessoal

Realização do Ensino e Herança do Manto

Quando o Grande Mestre chegou ao Mosteiro da Floresta de Joias, o Governador Wei da Província de Shao foi às montanhas com alguns oficiais do governo para pedir ao Mestre que saísse para a cidade e pregasse para as pessoas no salão de palestras do Grande Mosteiro de Brahma.

Quando o Mestre ocupou a cadeira, o governador, mais de trinta oficiais, mais de trinta eruditos confucionistas e mais de mil monges, freiras e leigos todos se curvaram ao mesmo tempo e pediram para ouvir os essenciais do ensino.

O Grande Mestre disse à multidão:

Bons amigos, o bodhi é inerentemente puro; basta usar esta mente e realizareis diretamente o budado.

Bons amigos, por agora ouvi o curso de eventos através dos quais realizei o ensino.

O meu pai era originalmente de Fan-yang, mas foi banido para Ling-nan, onde se tornou um camponês na Província de Hsin [“Nova”]. Infelizmente para mim, o meu pai também morreu cedo. Com a minha mãe viúva, mudei-me para Nan-hai, onde sofremos de pobreza enquanto eu vendia lenha para viver.

Um dia, um cliente comprou alguma lenha e mandou-me entregá-la à sua loja. O cliente recebeu a madeira e eu saí da loja com o meu dinheiro. Lá fora, vi um viajante a recitar uma escritura. Ao ouvir as palavras da escritura, a minha mente abriu-se e compreendi.

Perguntei ao viajante que escritura estava a recitar. Ele disse que era o Sutra do Diamante. Perguntei-lhe então de onde tinha obtido esta escritura. Ele disse: “Obtive-a no Mosteiro da Meditação Oriental na Prefeitura de Huang-mei na Província de Ch’i, onde o Grande Mestre Hung-jen, o Quinto Grande Mestre [do budismo Ch’an], está a ensinar mais de mil alunos. Fui lá e ouvi esta escritura que o Grande Mestre sempre recomenda tanto ao clero como aos leigos, dizendo que se mantiverem o Sutra do Diamante, verão a sua própria natureza essencial e realizarão diretamente o budado.”

Ao ouvir esta explicação, senti uma afinidade pré-existente. Um cliente deu-me dez onças de prata para me permitir fornecer comida e roupa à minha mãe, permitindo-me ir diretamente a Huang-mei para visitar o Quinto Grande Mestre.

Depois de ter instalado a minha mãe, parti imediatamente e cheguei a Huang-mei em trinta e poucos dias. Aí prestei respeitos ao Quinto Grande Mestre.

O Grande Mestre perguntou: “De onde és e o que queres?”

Respondi: “Sou um camponês da Província de Hsin em Ling-nan. Vim de longe para prestar os meus respeitos apenas porque procuro ser um buda, nada mais.”

O Grande Mestre disse: “És um sulista e um aborígene; como podes ser um buda?”

Eu disse: “As pessoas podem ser sulistas ou nortistas, mas a natureza-buda originalmente não tem sul nem norte. Como aborígene, o meu estatuto social não é o mesmo que o teu, mas que diferença há na nossa natureza-buda?”

O Grande Mestre quis falar mais comigo, mas viu que os seus seguidores estavam todos à volta, por isso mandou-me fazer tarefas com os trabalhadores.

Eu disse-lhe: “A minha própria mente sempre produz sabedoria. Não estar alienado da própria natureza essencial é em si um campo de bênçãos. Que trabalho me mandarias fazer?”

O Grande Mestre disse: “Este aborígene é muito aguçado! Não digas mais nada. Vai trabalhar no moinho.”

Assim, retirei-me para um edifício nos fundos, onde um trabalhador me mandou rachar lenha e bater arroz. Passei mais de oito meses nisto, quando o Grande Mestre me viu um dia e disse: “Penso que a tua insight é fiável, mas temi que pessoas más te prejudicassem, por isso não falei contigo. Compreendes isto?”

Eu disse: “Sim, compreendo a tua intenção. É por isso que não ousei andar em frente ao auditório, para que não haja descuido.”

Um dia, o Grande Mestre chamou todos os seus discípulos e disse: “Digo-vos, para as pessoas neste mundo, o assunto do nascimento e da

morte é sério. Vocês só buscam campos de bênçãos o dia todo e não buscam sair do oceano de miséria do nascimento e da morte.

Se a vossa própria natureza estiver confusa, como podem as bênçãos salvar-vos? Que cada um de vós olhe para a vossa própria sabedoria, apreenda a natureza perspicaz da vossa própria mente básica e componha um verso para me mostrar. Se tiverdes compreendido o grande significado, legar-vos-ei o manto e o ensino, e farei de vós o Sexto Grande Mestre.

É urgente, por isso não demorem. Pensar nisso não serve de nada — as pessoas que viram a natureza essencial devem vê-la no momento em que é mencionada. Alguém assim poderia vê-la mesmo numa linha de batalha de espadas giratórias."

Depois de os seguidores terem recebido estas instruções, retiraram-se e disseram uns aos outros: "Nós não temos de esclarecer as nossas mentes e concentrar-nos em compor versos para mostrar ao professor. Para quê? Shen-hsiu, o sénior, é atualmente o mentor — ele certamente o obterá. Se nós presumíssemos compor versos, estaríamos a desperdiçar energia mental."

Outras pessoas, ao ouvirem isto, todos acalmaram as suas mentes, dizendo: "Confiaremos no Mestre Shen-hsiu daqui em diante; porquê preocuparmo-nos em compor um verso?"

Shen-hsiu refletiu: "A razão pela qual os outros não apresentam versos é que eu sou o mentor deles. Devo compor um verso para apresentar ao professor — se não apresentar um verso, como saberá o professor a profundidade ou superficialidade da insight e compreensão na minha mente? Se a minha intenção em apresentar um verso for buscar o ensino, então é bom; se for buscar o posto de Grande Mestre, isso é mau — seria o mesmo que a mentalidade comum. Como seria diferente de usurpar o posto de um sábio? Se não apresentar um verso, nunca obterei o ensino. Isto é muito difícil, muito difícil."

Em frente ao auditório do Quinto Grande Mestre havia um corredor com três salas de comprimento, onde iam mandar um artista pintar um mural da projeção do Lankavatara-sutra e da sucessão dos cinco Grandes Mestres do Ch'an. Depois de Shen-hsiu ter composto o seu verso, várias vezes chegou até à frente do auditório pretendendo apresentá-lo, mas cada vez se sentiu fraco e suou. Incapaz de se forçar a apresentar o seu verso, ao longo de um período de quatro dias fez treze tentativas sem sucesso.

Finalmente, Shen-hsiu pensou: “Seria melhor se eu escrevesse o verso no corredor, onde o professor o possa ver. Se o professor disser que é bom, sairei respeitosamente e declararei ser a minha composição. Se ele disser que não serve, tenho desperdiçado anos nas montanhas aceitando respeito dos outros — que caminho adicional praticaria?” Nessa noite, a meio da noite, sem que ninguém soubesse, pegou numa lâmpada e escreveu o seu verso na parede do corredor sul, apresentando a sua insight.

O verso dizia:

O corpo é a árvore da iluminação,

A mente é como um suporte de espelho claro.

Poli-o diligentemente uma e outra vez,

Não deixando que acumule pó.

Tendo escrito isto, Shen-hsiu voltou ao seu quarto, completamente sem ser detetado por ninguém.

Shen-hsiu também pensou: «Se o Grande Mestre ficar satisfeito ao ver o meu verso amanhã, então tenho afinidade com o ensinamento. Se ele disser que não é digno, é ilusão minha — as barreiras dos meus hábitos existentes são múltiplas, e não sou apto para receber o ensinamento. A mente de um sábio é difícil de sondar.»

Enquanto pensava no seu quarto, sentia-se inquieto, quer se sentasse quer se deitasse. Isto continuou até ao amanhecer.

Ora, o Grande Mestre já sabia que Shen-hsiu ainda não tinha entrado pela porta e não via a sua própria natureza essencial. De manhã, chamou o artista Lu Kung-feng para fazer o mural na parede do corredor sul.

De repente, ao ver o verso, o Grande Mestre disse ao artista para não prosseguir com o mural, agradecendo-lhe o esforço. «As Escrituras dizem que todas as formas são ilusórias», disse ele. «Deixa apenas este verso para as pessoas recitarem. Se agirem de acordo com este verso, evitarão cair em caminhos maus; há grande benefício em agir de acordo com este verso.»

Instruiu os discípulos a acenderem incenso, a prestarem respeito ao verso e a aprenderem o verso para que pudessem ver a natureza

essencial. Os discípulos recitaram o verso, e todos o celebraram com admiração.

A meio da noite, o Grande Mestre chamou Shen-hsiu aos seus aposentos e disse: «Foste tu que compuseste o verso?»

Shen-hsiu disse: «Fui eu que compus o verso, mas não presumo buscar o estatuto de Grande Mestre. Espero pela vossa compaixão, para ver se tenho alguma sabedoria ou não.»

O Grande Mestre disse: «A tua composição deste verso indica que ainda não viste a tua natureza fundamental. Apenas chegaste ao exterior da porta; ainda não entraste no interior. Se buscas a iluminação insuperável com uma compreensão como esta, nunca a conseguirás atingir. A iluminação insuperável requer que sejas capaz de reconhecer a tua própria mente básica com uma palavra, e veres a tua própria natureza original, não nascida e não perecível. Quando te vês a ti mesmo em todos os momentos, instante a instante, sem te demorares em nada, como um é real, todos são reais — os miríades de objetos são eles próprios talidade como é. A consciência da talidade como é é a verdade real; se vires desta forma, esta é a natureza inerente da iluminação insuperável.»

«Vai-te embora por agora e reflete durante um ou dois dias. Depois, compõe outro verso. Se eu vir pelo teu verso que conseguiste entrar pela porta, confi-te-ei o manto e o ensinamento.»

Shen-hsiu curvou-se e saiu. Quando passaram mais alguns dias, e ainda não tinha conseguido produzir um verso, sentiu-se desfalecido no coração e inquieto no espírito e no pensamento. Era como se estivesse num sonho. Sentia-se inquieto e desconfortável, quer andasse quer se sentasse.

Dois dias depois, um rapaz que passava pelo moinho estava a recitar aquele verso. Assim que o ouvi, percebi que este verso ainda não revelava a essência fundamental. Embora não tivesse recebido instrução, já conhecia a ideia principal, por isso perguntei ao rapaz: «Que verso é esse que estás a recitar?»

O rapaz disse: «Seu aborígene! Não sabes que o Grande Mestre disse que para as pessoas neste mundo o assunto do nascimento e da morte é sério — se quiserem obter a transmissão do manto e do ensinamento, mandou os discípulos comporem versos. Se alguém tiver realizado o grande significado, transmitirá o manto e o ensinamento e fará dele o

Sexto Grande Mestre. O monge sénior Shen-hsiu escreveu este verso sem forma na parede do corredor sul; o Grande Mestre mandou todos memorizá-lo, dizendo que se alguém puser este verso em prática evitará cair em caminhos maus, e se alguém puser este verso em prática ganhará grande benefício.»

Eu disse: «Estou aqui a moer arroz há mais de oito meses, e nunca fui ao auditório. Por favor, leva-me até onde está o verso, para que eu possa prestar as minhas homenagens.»

Quando o rapaz me levou até ao verso para prestar homenagens, eu disse: «Sou analfabeto; por favor, lê-o para mim.» Naquele momento, o inspetor militar adjunto da Província de Chiang estava lá, um homem chamado Chang Chih-yung; ele leu o verso em voz alta. Depois de o ouvir, eu disse que também tinha um verso, e pedi ao inspetor adjunto para o escrever por mim.

O inspetor adjunto disse: «Que extraordinário que tu também comporás um verso!»

Eu disse ao inspetor adjunto: «Se queres aprender a iluminação suprema, não menosprezes os principiantes. Uma pessoa do estatuto mais baixo pode ter o conhecimento mais elevado, enquanto uma pessoa do estatuto mais elevado pode faltar-lhe sabedoria prática. Se menosprezares as pessoas, terás cometido um erro incalculável.»

O inspetor adjunto disse: «Recita o teu verso, e eu escrevê-lo-ei para ti. Se obtiveres o ensinamento, deves libertar-me. Não esqueças estas palavras.»

O meu verso era assim:

A iluminação originalmente não tem árvore,

E um espelho claro não é um suporte.

Originalmente não há uma única coisa —

Onde pode o pó ser atraído?

Depois de este verso ter sido escrito, toda a comunidade ficou espantada, e todos se maravilharam. Disseram uns aos outros: «Que estranho! Não se pode julgar as pessoas pela aparência! Como pudemos empregar ele, um bodhisattva vivo, como servo durante tanto tempo?»

Vendo a surpresa e o espanto da multidão, o Grande Mestre receou que alguém me pudesse fazer mal, por isso apagou o verso com o sapato e disse: «Isto ainda não é perceção da essência.»

Todos pensaram que assim era, mas no dia seguinte o Grande Mestre veio sorrateiramente ao moinho, onde me viu a moer arroz, com uma pedra à cintura. Ele disse: «As pessoas que buscam o Caminho esquecem os seus corpos pelo bem do ensinamento; será que ele será assim?» Depois, perguntou-me: «O arroz já está pronto?»

Eu respondi: «O arroz está pronto há muito tempo, mas ainda precisa de ser peneirado.»

O Grande Mestre bateu três vezes no almofariz com a sua bengala. Compreendendo imediatamente o significado do Grande Mestre, fui ao seu quarto à terceira vigília [a meio da noite]. Usando o seu manto como ecrã para que ninguém nos pudesse ver, explicou-me o Sutra do Diamante. Quando chegou ao ponto onde diz: «Deves ativar a mente sem te demorares em nada», com estas palavras tive a realização avassaladora de que todas as coisas não estão separadas da natureza inerente.

Então, disse ao Grande Mestre: «Quem esperaria que a natureza inerente seja originalmente intrinsecamente pura? Quem esperaria que a natureza inerente seja originalmente não nascida e não perecível? Quem esperaria que a natureza inerente seja originalmente completa em si mesma? Quem esperaria que a natureza inerente seja originalmente imóvel? Quem esperaria que a natureza inerente possa produzir miríades de coisas?»

Sabendo que eu tinha realizado a natureza original, o Grande Mestre disse-me: «Se alguém não discernir a mente original, não há benefício em estudar o ensinamento. Se discernires a tua própria mente original e vires a tua própria natureza essencial original, és o que chamam um grande homem, um mestre de humanos e anjos, um buda.»

Recebi o ensinamento a meio da noite, sem que ninguém soubesse. Ele então transmitiu-me a doutrina da imediatidade, bem como a taça e o manto, dizendo: «Tu és o Grande Mestre da sexta geração. Sê conscienciosо e liberta espiritualmente os seres em toda a parte, popularizando o ensinamento para que não se extinga no futuro. Ouve o meu verso:

“Aqueles com sentido plantam sementes;

Os frutos crescem da terra.

Como não há semente sem sentido,

Não há natureza, não há vida.”»

O Grande Mestre também disse: «Quando o grande mestre Bodhidharma veio pela primeira vez a esta terra há muito tempo, as pessoas ainda não acreditavam nele, por isso transmitiu este manto como encarnação da fé, e tem sido herdado através das gerações. Quanto ao ensinamento, é transmitido mente a mente, permitindo a todos despertarem-se a si mesmos e compreenderem-se a si mesmos.

«Desde os tempos antigos, os budas apenas comunicaram a realidade original; os mestres transmitiram intimamente a mente original. O manto é um osso de discórdia; que pare contigo e não seja passado adiante. Se transmitisses este manto, a tua vida estaria em perigo. Deves ir embora imediatamente, pois temo que as pessoas te possam fazer mal.»

Eu perguntei: «Para onde devo ir?»

O Grande Mestre disse: «Para quando encontrares Huai; hiberna quando encontrares Hui.»

Pegando no manto e na taça a meio da noite, eu disse: «Sou originalmente do sul, não familiarizado com as estradas de montanha aqui. Como posso chegar à foz do rio?»

O Quinto Grande Mestre disse: «Não te preocupes. Eu próprio te levarei lá.» O Grande Mestre levou-me diretamente à Estação de Nine River, onde me mandou entrar num barco. O Quinto Grande Mestre pegou ele próprio nos remos e remou.

Eu pedi ao Grande Mestre para se sentar e deixar-me remar, mas ele disse: «É apropriado que eu te transporte para o outro lado.»

Eu disse: «Quando as pessoas estão perdidas, o guia transporta-as; quando alguém está iluminado, transporta-se a si mesmo.»

O Grande Mestre disse: «Assim é. Assim é. Doravante, o budismo tornar-se-á muito popular através de ti. Três anos depois de partires, deixarei este mundo. Agora deves ir; dirige-te para o Sul. É melhor não falar abertamente demasiado depressa; é difícil promover o budismo.»

Depois de me despedir e deixar o Grande Mestre, parti para o sul. Em dois meses, cheguei ao Monte Ta Yu.

(Depois de o Quinto Grande Mestre regressar, não deu palestras durante vários dias. A comunidade ficou perplexa. Perguntaram se ele estava doente ou indisposto. Ele respondeu que não estava doente, mas que o ensinamento já tinha ido para o Sul. Quando perguntaram a quem tinha sido transmitido, respondeu: «O capaz obteve-o.» A comunidade então soube quem era [porque “capaz” é o significado de neng no nome Hui-neng].)

Várias centenas de pessoas vieram atrás de mim, querendo tirar-me o manto e a taça. Um monge, chamado Hui-ming, antigamente um general de quatro estrelas e um homem rude e pronto, juntou-se à perseguição com extremo entusiasmo. Alcançou-me antes de qualquer outro.

Atirei o manto e a taça para cima de uma rocha e disse: «Este manto representa a fé; é apropriado lutar por ele?» Depois, escondi-me no mato.

Hui-ming aproximou-se do manto e da taça e tentou pegá-los, mas não os conseguiu mover. Então, chamou-me: «Trabalhador, vim pelo ensinamento, não pelo manto!»

Então, saí e sentei-me numa rocha. Hui-ming curvou-se e disse: «Por favor, explica-me o ensinamento, Trabalhador.»

Eu disse: «Como vieste pelo ensinamento, deves excluir todos os objetos e não conceber um único pensamento; então exporei o ensinamento para ti.»

Hui-ming ficou em silêncio durante muito tempo. Eu disse: «Quando não pensas no bem e não pensas no mal, qual é o teu rosto original?»

Com estas palavras, Hui-ming teve uma grande iluminação. Depois, perguntou: «Há alguma ideia secreta além da ideia secreta que acabaste de falar secretamente?»

Eu disse: «O que te disse não é secreto. Se refletires interiormente, o secreto está em ti.»

Hui-ming disse: «Embora estivesse em Huang-mei, na realidade ainda não tinha visto o meu próprio rosto. Agora que recebi a tua instrução, sou como um homem que bebe água e sabe por si mesmo se está fria ou quente. Agora, tu és o meu mestre, Trabalhador.»

Eu disse: «Se és assim, tu e eu somos ambos alunos de Huang-mei. Mantém-no cuidadosamente por ti mesmo.»

Hui-ming também perguntou: «Para onde devo ir depois disto?»

Eu disse: «Se chegares a Yuan, então para; se chegares a Meng, então fica.»

Hui-ming curvou-se e partiu. (Quando Hui-ming chegou ao sopé da montanha, disse à multidão de perseguidores: «Acabei de subir às alturas, mas afinal não havia rasto dele. É melhor procurarmos noutro lugar.» Os perseguidores acreditaram todos nele. Hui-ming mudou mais tarde o seu nome para Tao-ming, para evitar assumir o mesmo primeiro caráter que o Mestre Hui-neng.)

Mais tarde, cheguei a Ts'ao-ch'i, mas fui novamente perseguido por homens maus, e refugiei-me entre um grupo de caçadores na Cordilheira Ssu-ming. Passei quinze anos entre eles, ocasionalmente expondo o ensinamento aos caçadores quando surgiam oportunidades adequadas.

Os caçadores costumavam mandar-me vigiar as redes, mas sempre que via criaturas vivas, libertava-as todas. Às horas das refeições, punha vegetais na panela onde a carne estava a ser cozinhada. Se alguém me perguntasse sobre isso, respondia que só comia os vegetais ao lado da carne.

Um dia, pensei que tinha chegado o momento de disseminar o ensinamento, e que não devia ficar escondido para sempre. Por isso, finalmente parti e fui ao Templo da Natureza da Realidade na Província de Kuang. Aí, encontrei o mestre doutrinário Yin-tsung a dar uma palestra sobre o Sutra do Nirvana.

Naquele momento, soprava um vento, e as flâmulas estavam a agitar-se. Um monge disse: «O vento está a mover-se.» Outro disse: «As flâmulas estão a mover-se.» Argumentaram indefinidamente, por isso avancei e disse: «Não é o vento que se move, não são as flâmulas que se movem; são as vossas mentes que se movem.»

Todos ficaram atónitos. Yin-tsung convidou-me para o lugar da frente e questionou-me de perto sobre o significado interior. Viu que a minha fala era simples e o meu raciocínio preciso; e que isso não vinha de escritos.

Yin-tsung disse: «Trabalhador, certamente não és um homem comum. Há muito tempo ouvi que o manto e o ensinamento de Huang-mei vieram para o Sul. Não serás tu, Trabalhador?»

Eu disse: «Não ouso presumir.»

Agora, Yin-tsung curvou-se, e pediu-me para mostrar à comunidade o manto e a taça que me tinham sido transmitidos. Yin-tsung também perguntou: «Como é demonstrado e transmitido o legado de Huang-mei?»

Eu disse: «Não há demonstração nem transmissão; trata-se apenas de ver a natureza, não de meditação ou libertação.»

Yin-tsung perguntou: «Porque não se trata de meditação e libertação?»

Eu disse: «Porque estas duas coisas não são budismo; o budismo é um ensinamento não dualista.»

Yin-tsung perguntou: «Qual é o ensinamento não dualista do budismo?»

Eu disse: «Tu dás palestras sobre o Sutra do Nirvana, que explica a natureza de buda. Este é o ensinamento não dualista do budismo. Por exemplo, o bodhisattva Rei das Nobres Qualidades diz ao Buda: 'A violação das quatro proibições graves, a comissão dos cinco pecados perversos, ou ser irremediavelmente incorrigível, cortará as raízes da bondade e a natureza essencial da budeidade?'

«O Buda disse: 'As raízes da bondade são duplas: uma permanente, uma impermanente. A natureza essencial de buda não é nem permanente nem impermanente, por isso não é cortada; isso chama-se não dualidade.

«'A unidade é boa, o dualismo não é bom. A natureza essencial de buda não é nem boa nem não boa; isso chama-se não dualidade.

«'As pessoas comuns veem o corpo e o mundo como dois; os sábios realizam que a sua natureza essencial não é dois. A natureza não dual é a natureza de buda.'»

Ao ouvir esta explicação, Yin-tsung ficou exultante. Juntando as palmas das mãos, disse: «As minhas palestras sobre as escrituras são como cascalho; o teu discurso sobre o significado é como ouro puro.»

Agora, rapou-me a cabeça e desejou considerar-me o seu mestre. Assim, finalmente abri a Escola da Montanha do Leste debaixo da árvore da iluminação.

Obtive o ensinamento na Montanha do Leste, suportando extrema dificuldade e dor, com a vida por um fio. Agora que consegui participar nesta assembleia juntamente com o governador e os seus oficiais, monges, freiras e leigos, são todos pessoas de afinidades de éones: e é

por terem apoiado budas em vidas passadas, plantando raízes de bondade juntos, que conseguiram ouvir o relato anterior da obtenção da verdade do ensinamento da imediatidade.

O ensinamento da imediatidade foi transmitido pelos sábios do passado; não é a minha própria sabedoria pessoal. Aqueles que desejam ouvir o ensinamento dos sábios de outrora devem cada um limpar a sua própria mente. Depois de o ouvirem, cada um de vós livrai-vos da dúvida por vós mesmos, e não sereis diferentes dos sábios das gerações anteriores.

Tendo ouvido o ensinamento, toda a assembleia curvou-se alegremente e retirou-se.

Shen-hsiu também pensou: «Se o Grande Mestre ficar satisfeito ao ver o meu verso amanhã, então tenho afinidade com o ensinamento. Se ele disser que não é digno, é ilusão minha — as barreiras dos meus hábitos existentes são múltiplas, e não sou apto para receber o ensinamento. A mente de um sábio é difícil de sondar.»

Enquanto pensava no seu quarto, sentia-se inquieto, quer se sentasse quer se deitasse. Isto continuou até ao amanhecer.

Ora, o Grande Mestre já sabia que Shen-hsiu ainda não tinha entrado pela porta e não via a sua própria natureza essencial. De manhã, chamou o artista Lu Kung-feng para fazer o mural na parede do corredor sul.

De repente, ao ver o verso, o Grande Mestre disse ao artista para não prosseguir com o mural, agradecendo-lhe o esforço. «As Escrituras dizem que todas as formas são ilusórias», disse ele. «Deixa apenas este verso para as pessoas recitarem. Se agirem de acordo com este verso, evitarão cair em caminhos maus; há grande benefício em agir de acordo com este verso.»

Instruiu os discípulos a acenderem incenso, a prestarem respeito ao verso e a aprenderem o verso para que pudessem ver a natureza essencial. Os discípulos recitaram o verso, e todos o celebraram com admiração.

A meio da noite, o Grande Mestre chamou Shen-hsiu aos seus aposentos e disse: «Foste tu que compuseste o verso?»

Shen-hsiu disse: «Fui eu que compus o verso, mas não presumo buscar o estatuto de Grande Mestre. Espero pela vossa compaixão, para ver se tenho alguma sabedoria ou não.»

O Grande Mestre disse: «A tua composição deste verso indica que ainda não viste a tua natureza fundamental. Apenas chegaste ao exterior da porta; ainda não entraste no interior. Se buscas a iluminação insuperável com uma compreensão como esta, nunca a conseguirás atingir. A iluminação insuperável requer que sejas capaz de reconhecer a tua própria mente básica com uma palavra, e veres a tua própria natureza original, não nascida e não perecível. Quando te vês a ti mesmo em todos os momentos, instante a instante, sem te demorares em nada, como um é real, todos são reais — os miríades de objetos são eles próprios talidade como é. A consciência da talidade como é é a verdade real; se vires desta forma, esta é a natureza inerente da iluminação insuperável.»

«Vai-te embora por agora e reflete durante um ou dois dias. Depois, compõe outro verso. Se eu vir pelo teu verso que conseguiste entrar pela porta, confi-te-ei o manto e o ensinamento.»

Shen-hsiu curvou-se e saiu. Quando passaram mais alguns dias, e ainda não tinha conseguido produzir um verso, sentiu-se desfalecido no coração e inquieto no espírito e no pensamento. Era como se estivesse num sonho. Sentia-se inquieto e desconfortável, quer andasse quer se sentasse.

Dois dias depois, um rapaz que passava pelo moinho estava a recitar aquele verso. Assim que o ouvi, percebi que este verso ainda não revelava a essência fundamental. Embora não tivesse recebido instrução, já conhecia a ideia principal, por isso perguntei ao rapaz: «Que verso é esse que estás a recitar?»

O rapaz disse: «Seu aborígene! Não sabes que o Grande Mestre disse que para as pessoas neste mundo o assunto do nascimento e da morte é sério — se quiserem obter a transmissão do manto e do ensinamento, mandou os discípulos comporem versos. Se alguém tiver realizado o grande significado, transmitirá o manto e o ensinamento e fará dele o Sexto Grande Mestre. O monge sénior Shen-hsiu escreveu este verso sem forma na parede do corredor sul; o Grande Mestre mandou todos memorizá-lo, dizendo que se alguém puser este verso em prática evitará cair em caminhos maus, e se alguém puser este verso em prática ganhará grande benefício.»

Eu disse: «Estou aqui a moer arroz há mais de oito meses, e nunca fui ao auditório. Por favor, leva-me até onde está o verso, para que eu possa prestar as minhas homenagens.»

Quando o rapaz me levou até ao verso para prestar homenagens, eu disse: «Sou analfabeto; por favor, lê-o para mim.» Naquele momento, o inspetor militar adjunto da Província de Chiang estava lá, um homem chamado Chang Chih-yung; ele leu o verso em voz alta. Depois de o ouvir, eu disse que também tinha um verso, e pedi ao inspetor adjunto para o escrever por mim.

O inspetor adjunto disse: «Que extraordinário que tu também comporás um verso!»

Eu disse ao inspetor adjunto: «Se queres aprender a iluminação suprema, não menosprezes os principiantes. Uma pessoa do estatuto mais baixo pode ter o conhecimento mais elevado, enquanto uma pessoa do estatuto mais elevado pode faltar-lhe sabedoria prática. Se menosprezares as pessoas, terás cometido um erro incalculável.»

O inspetor adjunto disse: «Recita o teu verso, e eu escrevê-lo-ei para ti. Se obtiveres o ensinamento, deves libertar-me. Não esqueças estas palavras.»

O meu verso era assim:

A iluminação originalmente não tem árvore,

E um espelho claro não é um suporte.

Originalmente não há uma única coisa —

Onde pode o pó ser atraído?

Depois de este verso ter sido escrito, toda a comunidade ficou espantada, e todos se maravilharam. Disseram uns aos outros: «Que estranho! Não se pode julgar as pessoas pela aparência! Como pudemos empregar ele, um bodhisattva vivo, como servo durante tanto tempo?»

Vendo a surpresa e o espanto da multidão, o Grande Mestre receou que alguém me pudesse fazer mal, por isso apagou o verso com o sapato e disse: «Isto ainda não é perceção da essência.»

Todos pensaram que assim era, mas no dia seguinte o Grande Mestre veio sorrateiramente ao moinho, onde me viu a moer arroz, com uma pedra à cintura. Ele disse: «As pessoas que buscam o Caminho esquecem os seus corpos pelo bem do ensinamento; será que ele será assim?» Depois, perguntou-me: «O arroz já está pronto?»

Eu respondi: «O arroz está pronto há muito tempo, mas ainda precisa de ser peneirado.»

O Grande Mestre bateu três vezes no almofariz com a sua bengala. Compreendendo imediatamente o significado do Grande Mestre, fui ao seu quarto à terceira vigília [a meio da noite]. Usando o seu manto como ecrã para que ninguém nos pudesse ver, explicou-me o Sutra do Diamante. Quando chegou ao ponto onde diz: «Deves ativar a mente sem te demorares em nada», com estas palavras tive a realização avassaladora de que todas as coisas não estão separadas da natureza inerente.

Então, disse ao Grande Mestre: «Quem esperaria que a natureza inerente seja originalmente intrinsecamente pura? Quem esperaria que a natureza inerente seja originalmente não nascida e não perecível? Quem esperaria que a natureza inerente seja originalmente completa em si mesma? Quem esperaria que a natureza inerente seja originalmente imóvel? Quem esperaria que a natureza inerente possa produzir miríades de coisas?»

Sabendo que eu tinha realizado a natureza original, o Grande Mestre disse-me: «Se alguém não discernir a mente original, não há benefício em estudar o ensinamento. Se discernires a tua própria mente original e vires a tua própria natureza essencial original, és o que chamam um grande homem, um mestre de humanos e anjos, um buda.»

Recebi o ensinamento a meio da noite, sem que ninguém soubesse. Ele então transmitiu-me a doutrina da imediatidade, bem como a taça e o manto, dizendo: «Tu és o Grande Mestre da sexta geração. Sê consciencioso e liberta espiritualmente os seres em toda a parte, popularizando o ensinamento para que não se extinga no futuro. Ouve o meu verso:

“Aqueles com sentido plantam sementes;

Os frutos crescem da terra.

Como não há semente sem sentido,

Não há natureza, não há vida.”»

O Grande Mestre também disse: «Quando o grande mestre Bodhidharma veio pela primeira vez a esta terra há muito tempo, as pessoas ainda não acreditavam nele, por isso transmitiu este manto como encarnação da fé, e tem sido herdado através das gerações. Quanto ao ensinamento, é transmitido mente a mente, permitindo a todos despertarem-se a si mesmos e compreenderem-se a si mesmos.

«Desde os tempos antigos, os budas apenas comunicaram a realidade original; os mestres transmitiram intimamente a mente original. O manto é um osso de discórdia; que pare contigo e não seja passado adiante. Se transmitisses este manto, a tua vida estaria em perigo. Deves ir embora imediatamente, pois temo que as pessoas te possam fazer mal.»

Eu perguntei: «Para onde devo ir?»

O Grande Mestre disse: «Para quando encontrares Huai; hiberna quando encontrares Hui.»

Pegando no manto e na taça a meio da noite, eu disse: «Sou originalmente do sul, não familiarizado com as estradas de montanha aqui. Como posso chegar à foz do rio?»

O Quinto Grande Mestre disse: «Não te preocupes. Eu próprio te levarei lá.» O Grande Mestre levou-me diretamente à Estação de Nine River, onde me mandou entrar num barco. O Quinto Grande Mestre pegou ele próprio nos remos e remou.

Eu pedi ao Grande Mestre para se sentar e deixar-me remar, mas ele disse: «É apropriado que eu te transporte para o outro lado.»

Eu disse: «Quando as pessoas estão perdidas, o guia transporta-as; quando alguém está iluminado, transporta-se a si mesmo.»

O Grande Mestre disse: «Assim é. Assim é. Doravante, o budismo tornar-se-á muito popular através de ti. Três anos depois de partires, deixarei este mundo. Agora deves ir; dirige-te para o Sul. É melhor não falar abertamente demasiado depressa; é difícil promover o budismo.»

Depois de me despedir e deixar o Grande Mestre, parti para o sul. Em dois meses, cheguei ao Monte Ta Yu.

(Depois de o Quinto Grande Mestre regressar, não deu palestras durante vários dias. A comunidade ficou perplexa. Perguntaram se ele estava doente ou indisposto. Ele respondeu que não estava doente, mas que o ensinamento já tinha ido para o Sul. Quando perguntaram a quem tinha sido transmitido, respondeu: «O capaz obteve-o.» A comunidade então soube quem era [porque “capaz” é o significado de neng no nome Hui-neng].)

Várias centenas de pessoas vieram atrás de mim, querendo tirar-me o manto e a taça. Um monge, chamado Hui-ming, antigamente um general de quatro estrelas e um homem rude e pronto, juntou-se à perseguição com extremo entusiasmo. Alcançou-me antes de qualquer outro.

Atirei o manto e a taça para cima de uma rocha e disse: «Este manto representa a fé; é apropriado lutar por ele?» Depois, escondi-me no mato.

Hui-ming aproximou-se do manto e da taça e tentou pegá-los, mas não os conseguiu mover. Então, chamou-me: «Trabalhador, vim pelo ensinamento, não pelo manto!»

Então, saí e sentei-me numa rocha. Hui-ming curvou-se e disse: «Por favor, explica-me o ensinamento, Trabalhador.»

Eu disse: «Como vieste pelo ensinamento, deves excluir todos os objetos e não conceber um único pensamento; então exporei o ensinamento para ti.»

Hui-ming ficou em silêncio durante muito tempo. Eu disse: «Quando não pensas no bem e não pensas no mal, qual é o teu rosto original?»

Com estas palavras, Hui-ming teve uma grande iluminação. Depois, perguntou: «Há alguma ideia secreta além da ideia secreta que acabaste de falar secretamente?»

Eu disse: «O que te disse não é secreto. Se refletires interiormente, o secreto está em ti.»

Hui-ming disse: «Embora estivesse em Huang-mei, na realidade ainda não tinha visto o meu próprio rosto. Agora que recebi a tua instrução, sou como um homem que bebe água e sabe por si mesmo se está fria ou quente. Agora, tu és o meu mestre, Trabalhador.»

Eu disse: «Se és assim, tu e eu somos ambos alunos de Huang-mei. Mantém-no cuidadosamente por ti mesmo.»

Hui-ming também perguntou: «Para onde devo ir depois disto?»

Eu disse: «Se chegares a Yuan, então para; se chegares a Meng, então fica.»

Hui-ming curvou-se e partiu. (Quando Hui-ming chegou ao sopé da montanha, disse à multidão de perseguidores: «Acabei de subir às alturas, mas afinal não havia rasto dele. É melhor procurarmos noutro lugar.» Os perseguidores acreditaram todos nele. Hui-ming mudou mais tarde o seu nome para Tao-ming, para evitar assumir o mesmo primeiro caráter que o Mestre Hui-neng.)

Mais tarde, cheguei a Ts'ao-ch'i, mas fui novamente perseguido por homens maus, e refugiei-me entre um grupo de caçadores na Cordilheira

Ssu-ming. Passei quinze anos entre eles, ocasionalmente expondo o ensinamento aos caçadores quando surgiam oportunidades adequadas.

Os caçadores costumavam mandar-me vigiar as redes, mas sempre que via criaturas vivas, libertava-as todas. Às horas das refeições, punha vegetais na panela onde a carne estava a ser cozinhada. Se alguém me perguntasse sobre isso, respondia que só comia os vegetais ao lado da carne.

Um dia, pensei que tinha chegado o momento de disseminar o ensinamento, e que não devia ficar escondido para sempre. Por isso, finalmente parti e fui ao Templo da Natureza da Realidade na Província de Kuang. Aí, encontrei o mestre doutrinário Yin-tsung a dar uma palestra sobre o Sutra do Nirvana.

Naquele momento, soprava um vento, e as flâmulas estavam a agitar-se. Um monge disse: «O vento está a mover-se.» Outro disse: «As flâmulas estão a mover-se.» Argumentaram indefinidamente, por isso avancei e disse: «Não é o vento que se move, não são as flâmulas que se movem; são as vossas mentes que se movem.»

Todos ficaram atónitos. Yin-tsung convidou-me para o lugar da frente e questionou-me de perto sobre o significado interior. Viu que a minha fala era simples e o meu raciocínio preciso; e que isso não vinha de escritos.

Yin-tsung disse: «Trabalhador, certamente não és um homem comum. Há muito tempo ouvi que o manto e o ensinamento de Huang-mei vieram para o Sul. Não serás tu, Trabalhador?»

Eu disse: «Não ouso presumir.»

Agora, Yin-tsung curvou-se, e pediu-me para mostrar à comunidade o manto e a taça que me tinham sido transmitidos. Yin-tsung também perguntou: «Como é demonstrado e transmitido o legado de Huang-mei?»

Eu disse: «Não há demonstração nem transmissão; trata-se apenas de ver a natureza, não de meditação ou libertação.»

Yin-tsung perguntou: «Porque não se trata de meditação e libertação?»

Eu disse: «Porque estas duas coisas não são budismo; o budismo é um ensinamento não dualista.»

Yin-tsung perguntou: «Qual é o ensinamento não dualista do budismo?»

Eu disse: «Tu dás palestras sobre o Sutra do Nirvana, que explica a natureza de buda. Este é o ensinamento não dualista do budismo. Por exemplo, o bodhisattva Rei das Nobres Qualidades diz ao Buda: 'A violação das quatro proibições graves, a comissão dos cinco pecados perversos, ou ser irremediavelmente incorrigível, cortará as raízes da bondade e a natureza essencial da budeidade?'

«O Buda disse: 'As raízes da bondade são duplas: uma permanente, uma impermanente. A natureza essencial de buda não é nem permanente nem impermanente, por isso não é cortada; isso chama-se não dualidade.

«'A unidade é boa, o dualismo não é bom. A natureza essencial de buda não é nem boa nem não boa; isso chama-se não dualidade.

«'As pessoas comuns veem o corpo e o mundo como dois; os sábios realizam que a sua natureza essencial não é dois. A natureza não dual é a natureza de buda.'»

Ao ouvir esta explicação, Yin-tsung ficou exultante. Juntando as palmas das mãos, disse: «As minhas palestras sobre as escrituras são como cascalho; o teu discurso sobre o significado é como ouro puro.»

Agora, rapou-me a cabeça e desejou considerar-me o seu mestre. Assim, finalmente abri a Escola da Montanha do Leste debaixo da árvore da iluminação.

Obtive o ensinamento na Montanha do Leste, suportando extrema dificuldade e dor, com a vida por um fio. Agora que consegui participar nesta assembleia juntamente com o governador e os seus oficiais, monges, freiras e leigos, são todos pessoas de afinidades de éones: e é por terem apoiado budas em vidas passadas, plantando raízes de bondade juntos, que conseguiram ouvir o relato anterior da obtenção da verdade do ensinamento da imediatidade.

O ensinamento da imediatidade foi transmitido pelos sábios do passado; não é a minha própria sabedoria pessoal. Aqueles que desejam ouvir o ensinamento dos sábios de outrora devem cada um limpar a sua própria mente. Depois de o ouvirem, cada um de vós livrai-vos da dúvida por vós mesmos, e não sereis diferentes dos sábios das gerações anteriores.

Tendo ouvido o ensinamento, toda a assembleia curvou-se alegremente e retirou-se.

2 Prajna

No dia seguinte, o Governador Wei pediu mais instrução. O Mestre ocupou o lugar e disse à assembleia.

Todos limpem as vossas mentes e invoquem mentalmente mahaprajnaparamita.

Depois, continuou,

Bons amigos, as pessoas do mundo originalmente têm dentro de si o conhecimento de bodhi e prajna, mas não o podem realizar por si mesmas devido ao vaguear da mente condicionada; é por isso que precisam de um mestre para o apontar e guiá-las à perceção da natureza essencial.

Deveis saber que a natureza de buda é fundamentalmente igual em pessoas ignorantes e sábias. É apenas devido à diferença na confusão e na iluminação que há ignorância e sabedoria.

Agora explicarei para vós o princípio da visão transcendente universal, para que cada um de vós possa atingir conhecimento e sabedoria. Concentrai a vossa mente e ouvi com clareza; explicarei para vós.

Bons amigos, as pessoas do mundo que recitam “Prajna” o dia inteiro sem conhecerem a prajna na sua própria natureza essencial são como se falassem de comida sem se saciarem. Se apenas falarem de vazio, não atingirão a perceção da natureza essencial mesmo em miríades de éones — em última análise, não há benefício.

Bons amigos, maha-prajnaparamita é uma palavra sânscrita, traduzida aqui como “grande visão que chegou à outra margem”. Isto deve ser aplicado mentalmente; não está na repetição verbal. A repetição verbal sem aplicação mental é ilusória e evanescente. Quando é tanto falada como aplicada mentalmente, então mente e fala correspondem.

A natureza essencial original é buda. Não há buda separado da natureza essencial.

O que significa maha? Maha significa grande. A extensão da mente é vasta como o espaço, sem limites. Não tem quadratura nem redondeza, nem grandeza nem pequenez; não tem azuis, amarelos, vermelhos ou brancos. Não tem cima nem baixo, nem longo nem curto. Não tem raiva nem alegria, nem certo nem errado, nem bom nem mau. Não tem cabeça nem cauda.

As terras de todos os budas são todas iguais ao espaço. A natureza subtil das pessoas no mundo é originalmente vazia, sem nada que possa

ser agarrado. O verdadeiro vazio da nossa natureza inerente é também assim.

Bons amigos, não vos agarreis ao vazio quando me ouvis falar de vazio. Acima de tudo, não vos fixeis no vazio. Se vos sentardes em silêncio com uma mente vazia, estais fixados no vazio indiferente.

Bons amigos, o vazio do espaço físico contém as cores e formas de miríades de coisas, o sol, a lua e as estrelas, as montanhas, rios e terras, as fontes e riachos das vales, as ervas, árvores e florestas, pessoas más e pessoas boas, coisas más e coisas boas, o céu e o inferno, os oceanos e as montanhas — tudo está dentro do espaço. O vazio da natureza essencial das pessoas no mundo é também assim.

Bons amigos, a nossa natureza inerente contém todas as coisas — isto é grandeza. Todas as coisas estão na vossa natureza essencial. Se vedes o mal e o bem de todos mas não os agarrais nem rejeitais, e não sois afetados por isso, a vossa mente é como o espaço — isto chama-se grandeza, daí o termo maha.

Bons amigos, as pessoas iludidas expõem verbalmente, as pessoas sábias praticam mentalmente. Há também pessoas iludidas que se sentam em silêncio com mentes vazias, sem pensar em nada, e afirmam que isto é grandeza. Este tipo de pessoa não vale a pena falar com ela, porque a sua é uma visão errada.

Bons amigos, a extensão da mente é tão vasta que permeia o cosmos. Quando é usada de modo a funcionar adaptativamente com clareza abrangente, sabe tudo. Tudo é um, o um é tudo. Ir e vir livremente, a substância da mente sem bloqueio — isto é prajna.

Bons amigos, toda a visão de prajna vem da nossa própria natureza essencial; não entra de fora. Não useis mal o vosso pensamento e chamai isso a função inerente da natureza essencial intrínseca.

Quando se é real, tudo é real. A extensão da mente é demasiado vasta para viajar por um caminho estreito. Não faleis apenas de vazio o dia inteiro sem cultivar a sua aplicação na mente. Isso seria como um plebeu que se declara rei, sem nunca o conseguir atingir. Tais pessoas não são meus discípulos.

Bons amigos, o que é prajna? Prajna traduz-se para chinês como visão ou sabedoria. Quando não sois tolos instante a instante, onde quer que estejais, a qualquer momento, agindo sempre com visão e sabedoria, isto

é a aplicação de prajna. Um momento de tolice, e prajna é cortada; um momento de sabedoria e prajna surge.

As pessoas do mundo são ignorantes e iludidas; não veem prajna. Falam de prajna, mas nas suas mentes permanecem ignorantes. Afirmam sempre cultivar prajna, mas enquanto falam incessantemente de vazio, não conhecem o verdadeiro vazio.

Prajna não tem forma; o coração de sabedoria é isso. Se o compreenderdes desta forma, isto chama-se o conhecimento de prajna.

O que significa paramita? Esta é uma palavra ocidental, que significa “chegado à outra margem” em chinês. Se compreenderdes o significado, desprendeis-vos do nascimento e da morte. Se vos fixais em objetos, ocorre nascimento e morte, como quando a água tem ondas — isto chama-se “esta margem”. Quando vos desprendeis de objetos, não há nascimento nem morte, como quando a água flui suavemente — isto chama-se “a outra margem”, por isso é referido como paramita.

Bons amigos, as pessoas perdidas podem reiterar isto verbalmente, mas mesmo enquanto o reiteram há erro e falsidade nelas. Se o praticarem em cada momento de pensamento, isto chama-se verdadeira natureza.

Realizar esta realidade é a realidade de prajna; cultivar esta prática é a prática de prajna. Se não a cultivardes, sois mortais comuns; no momento em que a pondes em prática, vós próprios sois iguais aos budas.

Bons amigos, os mortais comuns são eles próprios budas, a aflição é ela própria iluminação. Iludidos no momento anterior, éreis um mortal comum; iluminados no momento seguinte, sois um buda. Fixação em objetos no momento anterior era aflição; desprendimento de objetos no momento seguinte é iluminação.

Bons amigos, maha-prajnaparamita é o mais honroso, supremo, primordial. Não tem morada, nem ida, nem vinda. Os budas do passado, presente e futuro emergem de dentro dela. Deveis usar grande sabedoria para romper as aflições e os trabalhos mundanos dos cinco agregados. Se cultivardes a prática desta forma, seguramente atingireis o caminho dos budas, transmutando os três venenos em disciplina, concentração e visão.

Bons amigos, este ensinamento meu produz 84.000 visões a partir de uma prajna. Porquê? Porque as pessoas do mundo têm 84.000 paixões. Se não tivessem paixões, a sabedoria estaria sempre manifesta, não

separada da própria natureza essencial. Aqueles que realizam este ensinamento estão livres de pensamento, recordação e apego; não criam falsidades enganosas. Empregando a sua própria natureza essencial de ser como é, vendo com visão, nem agarram nem rejeitam nada. Este é o caminho para ver a natureza essencial e realizar a budeidade.

Bons amigos, se quiserdes entrar no reino mais profundo da realidade e no samadhi de prajna, deveis cultivar a prática de prajna e recitar o Sutra do Diamante Prajna; então atingireis a perceção da natureza essencial. Deveis realizar que o mérito deste sutra é imensurável, ilimitado; é claramente exaltado no sutra, mas ninguém o pode explicar completamente.

Este ensinamento é o veículo mais elevado, exposto para pessoas de grande visão e faculdades superiores. Quando pessoas de faculdades menores e pouca visão o ouvem, concebem descrença. Porquê? Quando chove por todo um continente, as habitações humanas ficam inundadas; mas quando chove sobre o oceano, isso nem aumenta nem diminui a água do oceano. Similarmente, quando pessoas do Grande Veículo ou pessoas do Veículo Supremo ouvem o Sutra do Diamante exposto, as suas mentes abrem-se à compreensão. Assim, sabem que a sua própria natureza essencial inerentemente tem a visão de prajna. São continuamente observantes, usando a sua própria visão; por isso não dependem de escritos.

A água da chuva não vem do céu, mas é produzida pelas agências da humidade, causando que todos os seres vivos, todas as ervas e árvores, todos os seres animados e inanimados, sejam refrescados; os cem rios e miríades de riachos entram no oceano, fundindo-se num só corpo. A visão de prajna na natureza original dos seres vivos é também assim.

Bons amigos, quando pessoas de pequenas faculdades ouvem este ensinamento da imediatidade, são como ervas e árvores com raízes naturalmente pequenas que colapsam em chuvas fortes e não podem crescer. Assim é com pessoas de pequenas faculdades: originalmente têm a sabedoria de prajna, não diferente das pessoas de grande sabedoria — por que não despertam por si mesmas quando ouvem o ensinamento? É porque as barreiras das suas visões falsas são pesadas e as raízes das suas paixões são profundas. São como nuvens enormes cobrindo o sol; se o vento não soprar, o sol não aparecerá.

A sabedoria de prajna não é nem grande nem pequena: estas diferenças devem-se às diferenças na ilusão e na iluminação das mentes de todos

os seres vivos. Aqueles com mentes iludidas e visões externalistas cultivam práticas para buscar a budeidade sem terem realizado a sua própria natureza essencial; são os de pequenas faculdades.

Se vos abrirdes à compreensão do ensinamento da imediatidade, não cultivais prática agarrando externos; simplesmente ativais a perceção precisa em todos os momentos na vossa própria mente, para que aflições e paixões nunca vos possam influenciar. Isto é perceção da natureza essencial.

Bons amigos, quando não vos demorais no interior nem no exterior, indo e vindo livremente, sois capazes de eliminar a mentalidade de apego e penetrar sem obstrução. Se puderdes pôr isto em prática, basicamente não há diferença do Sutra Prajna.

Bons amigos, todos os sutras e outros escritos, incluindo o cânone de doze partes dos veículos grande e pequeno, foram todos estabelecidos por causa das pessoas. Só puderam ser estabelecidos com base na natureza da inteligência. Se não houvesse pessoas no mundo, miríades de ensinamentos não existiriam originalmente por si mesmos. Assim, sabemos que miríades de ensinamentos originam das pessoas; todos os escritos e livros existem por causa do que as pessoas disseram.

Porque há pessoas ignorantes e sábias entre a humanidade, os ignorantes tornam-se as pessoas menores, os sábios tornam-se os grandes; os ignorantes questionam os sábios, os sábios explicam coisas aos ignorantes. Quando os ignorantes subitamente compreendem e as suas mentes se abrem, então não são diferentes dos sábios.

Bons amigos, enquanto não estiverem iluminados, os budas são seres humanos; no momento em que estão iluminados, os seres humanos são budas. Assim, sabemos que todas as verdades estão nas nossas próprias mentes. Por que não ver imediatamente a natureza original do ser verdadeiro como é a partir de dentro da vossa própria mente? O sutra sobre ética para bodhisattvas diz que a nossa natureza original é fundamentalmente inerentemente pura. Se conhecerdes a vossa própria mente e virdes a sua natureza essencial, todos atingireis a budeidade. O Sutra do Nome Puro diz: “Nesse momento, recuperas a mente original, clara e aberta.”

Bons amigos, despertei imediatamente ao ouvir as palavras do Mestre Hung-jen, vendo subitamente a natureza original do ser como é. Portanto, estou a popularizar este ensinamento para permitir que aqueles que estudam o Caminho despertem a iluminação de uma vez.

Cada um de vós, observai a vossa mente vós mesmos; vede a vossa natureza original vós mesmos. Se não a realizardes por vós próprios, deveis buscar um mestre que compreenda o Veículo Supremo, para vos mostrar o caminho certo. Tal mestre tem uma grande causa, nomeadamente guiar os outros à perceção da natureza essencial. Porque todas as qualidades boas podem ser ativadas por um mestre real, mesmo que os cânones de doze partes dos budas do passado, presente e futuro estejam originalmente inerentes na natureza humana, se as pessoas não puderem compreender por si mesmas, precisam de encontrar mestres para apontar o caminho para que possam ver.

Aqueles que realizam por si mesmos não precisam de buscar fora. Se insistirdes absolutamente que um mestre é necessário para atingir a libertação, isso não é certo. Porquê? Porque há um mestre dentro da própria mente que compreende espontaneamente. Se criardes falsidade, confusão, pensamento erróneo e ilusão, então mesmo se um mestre vos der instrução, não vos pode ajudar.

Se ativardes a visão da prajna genuína, num instante todos os pensamentos erróneos desaparecem. Se conhecerdes a vossa própria natureza, com uma realização imediatamente atingis a budeidade.

Bons amigos, a visão penetra o interior e o exterior, penetrando claramente, discernindo a vossa própria mente original. Se conhecerdes a vossa mente original, sois fundamentalmente libertados. Se atingirdes a libertação, isto é samadhi de prajna, que é liberdade de pensamento.

O que é liberdade de pensamento? Se vedes todas as coisas sem que a mente seja afetada ou apegada, isto é liberdade de pensamento. A sua função permeia por toda a parte, sem se apegar em lugar nenhum.

Apenas purificai a mente básica, tendo as seis consciências saírem pelos seis sentidos para os seis campos de dados sem qualquer defilemento ou mistura, indo e vindo livremente, funcionando abrangentemente sem estagnação: isto é samadhi de prajna, liberdade e libertação. Isto chama-se a prática de liberdade de pensamento. Se não pensardes de todo, causareis que os pensamentos sejam parados inteiramente. Isto é escravidão dogmática; isto chama-se uma visão enviesada.

Bons amigos, aqueles que realizam o estado de liberdade de pensamento penetram todas as coisas. Aqueles que realizam o estado de liberdade de pensamento veem os reinos dos budas. Aqueles que realizam o estado de liberdade de pensamento chegam ao estatuto de budeidade.

Bons amigos, aqueles que atingem os meus ensinamentos em gerações posteriores farão voto de aceitar e manter esta doutrina da imediatidade entre aqueles com a mesma visão e a mesma prática, porque é como a atendimento a Buda; aqueles que nunca regressam toda a sua vida seguramente entrarão nos estatutos dos sábios.

Assim, deveis transmitir o que foi passado silenciosamente desde tempos imemoriais; não oculteis o ensinamento genuíno. Se as pessoas não partilharem a mesma visão e a mesma prática, mas estiverem dentro de uma norma diferente, não lho transmitais, pois será prejudicial para elas.

Talvez pessoas ignorantes que não compreendem repudiem este ensinamento, cortando a natureza seminal da budeidade por cem éones, ou mil vidas.

Bons amigos, tenho um hino sobre o sem forma, que cada um de vós deve memorizar. Seja que sejais leigos ou renunciantes, praticai apenas de acordo com ele. Se não praticardes pessoalmente mas apenas memorizardes as minhas palavras, isso não tem benefício. Ouvi o meu hino:

Comunicação pela fala e comunicação pela mente

São como o sol no céu,

Apenas transmitindo o ensinamento de ver a natureza essencial,

Emergindo no mundo para destruir doutrinas falsas.

A verdade não tem nem imediatidade nem gradualidade,

Mas a ilusão e a iluminação têm lentidão e rapidez.

Este método de ver a natureza essencial

As pessoas ignorantes não podem compreender.

A explicação pode ser de miríades de tipos;

Se acordarem com a verdade, são em última análise um.

Na morada escura da aflição,

Devemos sempre produzir o sol da sabedoria.

Quando a falsidade vem, há aflições;

Quando a verdade vem, as aflições são eliminadas.

Quando nem falsidade nem verdade são empregadas,
A pureza atinge o sem resíduo.
A iluminação é a nossa natureza inerente original:
Excitar a mente, e há confusão.
Sede puros de mente no meio da ilusão;
Apenas sede verdadeiros, e não há barreiras.
Se as pessoas do mundo praticarem este Caminho,
Nada apresentará um obstáculo.
Vede sempre os vossos próprios erros por vós mesmos
E sereis aptos para o Caminho.
Todos os tipos têm os seus próprios caminhos,
Que não interferem uns com os outros:
Se deixardes o vosso caminho para buscar outro,
Até ao fim dos vossos dias nunca vereis o Caminho.
Passando uma vida inteira em altos e baixos,
Onde quer que estejais ainda sereis atormentados em vós mesmos.
Se quiserdes ver realmente o verdadeiro Caminho,
Agir corretamente é o caminho,
Se os vossos olhos não tiverem mindfulness do Caminho,
Ides no escuro, não vendo o caminho.
As pessoas que realmente praticam o Caminho
Não veem as falhas do mundo;
Se vedes os erros dos outros,
O vosso próprio erro abeta-os.
Se os outros errarem mas vós não,
O vosso próprio erro ainda é falho.
Apenas livrai-vos da vossa própria mente errada,
Eliminai a aflição:

Com ódio e amor não afetando a mente,

Esticai as pernas e dormi.

Se quiserdes tentar ensinar outras pessoas,

Precisas de ter métodos expedientes vós mesmos:

No momento em que os levais a romper as dúvidas que têm,

Então a sua própria natureza essencial manifesta-se.

O budismo está no mundo;

Não é realizado separado do mundo.

Buscar iluminação separado do mundo

É como procurar chifres num coelho.

Ver verdadeiramente chama-se transcendência;

Ver falsamente é mundanidade:

Ponde de lado tanto o certo como o errado,

E a natureza da iluminação é clara.

Este hino é da doutrina da imediatidade,

Também chamado o navio do grande ensinamento.

Se ouvirdes confuso, leva éones sem fim;

Quando estais iluminados, leva apenas um instante.

O Mestre também disse,

Agora que expliquei esta doutrina da imediatidade no Templo do Grande Brahma, oro para que todos os seres do universo vejam a natureza essencial e atinjam a budeidade com estas palavras.

Naquele momento, o Governador Wei, os oficiais, os clérigos e os leigos todos tiveram compreensão visionária depois de ouvirem o Mestre falar. Como um só, curvaram-se e louvaram-no: “Excelente! Quem esperaria que haveria um buda aparecendo no mundo a sul da Cordilheira!”

3 Perguntas

Um dia, o Governador Wei organizou um banquete para o Mestre. Após o banquete, o governador pediu ao Mestre para dar uma palestra.

Juntamente com os oficiais, a nobreza e os plebeus, curvou-se novamente com uma expressão séria e perguntou,

Ouvi o vosso ensinamento, e é verdadeiramente inconcebível. Agora tenho algumas dúvidas, que gostaria que fosseis tão compassivo a resolver para mim.

O Mestre disse,

Se tendes dúvidas, então perguntai, e eu explicarei para vós.

O Governador Wei perguntou,

Não é o que ensinais a mensagem básica do Grande Mestre Bodhidharma?

O Mestre respondeu,

É.

O Governador Wei disse,

Ouvi que quando Bodhidharma tentou pela primeira vez ensinar o Imperador Wu de Liang, o imperador perguntou: «Toda a minha vida tenho construído templos, ordenado monges, dado esmolas e refeições caritativas: que virtude alcancei?» Bodhidharma disse: «Na realidade, nenhuma virtude é alcançada.» Não compreendo o princípio disto; por favor, explicai-me.

O Mestre disse,

Realmente não há virtude alcançada; não duvideis das palavras do antigo sábio. A mente do Imperador Wu estava errada e ele não reconheceu o verdadeiro ensinamento. Construir templos, ordenar monges, dar esmolas e refeições caritativas chama-se buscar bênçãos. As bênçãos em si não podem ser consideradas virtude alcançada. A virtude está na encarnação das qualidades, não no cultivo de bênçãos.

O Mestre também disse,

Ver a natureza essencial é realização, equanimidade é virtude. Não estagnar instante a instante, sempre vendo as funções subtis reais verdadeiras da natureza original, chama-se realização e virtude. Humildade interior é realização, cortesia exterior é virtude. Estabelecer miríades de verdades na própria natureza é realização; a mente estar essencialmente desprendida dos pensamentos é virtude. Não se afastar da própria natureza essencial é realização; agir adaptativamente sem ser

afetado é virtude. Se buscais o corpo das qualidades de realização e virtude, apenas agi sobre isto. Isso é realização e virtude reais.

As pessoas que cultivam realização e virtude não menosprezam ninguém nos seus corações, agindo sempre com respeito por todos. Se sempre menosprezardes as pessoas no vosso coração e fordes constantemente egocêntricos, então não tendes realização vós mesmos. Quando a vossa natureza é falsa e não genuína, então não tendes virtude vós mesmos, por causa do egocentrismo autoengrandecedor e do hábito de menosprezar todos.

Bons amigos, continuidade instante a instante é realização, equilíbrio e diretividade da atividade mental é virtude. Refinar a própria natureza é realização; refinar a própria pessoa é virtude.

Bons amigos, realização e virtude devem ser vistas dentro da própria natureza; não são buscadas através de esmolas e doações. É por isso que bênçãos e virtudes são diferentes. O Imperador Wu não conhecia o verdadeiro princípio — não foi o nosso ancestral espiritual que estava enganado.

O governador também perguntou,

Muitas vezes vejo clérigos e leigos invocar Amitabha Buda na esperança de renascer no [Paraíso Puro do] Ocidente. Por favor, explicai-me isto. Podemos atingir o renascimento lá? Por favor, resolvei esta dúvida para mim.

O Mestre disse,

Ouvi com clareza, Governador, e eu explicarei para vós. Quando o Honrado do Mundo estava na cidade de Sravasti, falou do Paraíso Puro do Ocidente como um dispositivo de ensino. As Escrituras são claras que «não está longe daqui», mas tratados dizem que está «a 108.000 milhas de distância». Este número refere-se aos dez males e oito erros na própria pessoa. Isto diz que está longe. Dizer que está longe é para pessoas de faculdades menores. Dizer que está perto é para pessoas de melhores faculdades.

As pessoas podem ser destes dois tipos, mas a verdade não é. Ilusão e iluminação diferem; a perceção pode ser lenta ou rápida. Pessoas iludidas invocam Buda buscando renascer noutro lugar; pessoas iluminadas purificam as suas próprias mentes. É por isso que Buda disse: «As terras dos budas são puras de acordo com a pureza das suas mentes.»

Mesmo que sejais um homem do Oriente, sois impecável desde que purifiqueis a vossa mente. Mesmo pessoas do Ocidente são falhas se as suas mentes não forem puras. Quando pessoas do Oriente fazem mal, invocam Buda, buscando renascer no Ocidente; quando pessoas do Ocidente fazem mal, em que terra buscam renascer invocando Buda?

Pessoas comuns ignorantes, não realizando a sua própria natureza essencial, não reconhecem o Paraíso Puro dentro do corpo; por isso oram pelo Oriente e oram pelo Ocidente. Para pessoas iluminadas, é o mesmo onde quer que estejam. É por isso que Buda disse: «Onde quer que estejam, estão sempre à vontade.»

Governador, desde que não haja nada na vossa mente que não seja bom, o Ocidente não está longe daqui. Se abrigardes estados de mente que não são bons, mesmo se invocardes Buda, o renascimento dificilmente pode ser atingido.

Agora exorto-vos, bons amigos, a primeiro livrardes-vos dos dez males; isso é o equivalente a viajar dez miríades de milhas. Depois, livrai-vos dos oito erros; isso é o equivalente a atravessar oito mil milhas. Vede a natureza essencial em cada momento, sempre agindo com imparcialidade e diretividade, e chegareis num estalar de dedos e vereis Amitabha Buda.

Governador, se apenas praticardes as dez virtudes, que necessidade adicional tendes de orar pelo renascimento? Se não parardes a mentalidade dos dez males, que buda viria acolher-vos? Se realizardes a realidade sem nascimento da imediatidade, a visão do Ocidente é instantânea; se invocardes Buda buscando renascer sem iluminação, a estrada é longa — como podeis lá chegar?

Eu moverei o Ocidente num instante, para que o possais ver mesmo diante dos nossos olhos. Todos querem vê-lo?

A multidão curvou-se e disse,

Se for visto aqui, por que deveríamos orar pelo renascimento mais? Que o Mestre seja tão compassivo a fazer o Ocidente aparecer para todos verem.

O Mestre disse,

O corpo físico de um ser humano é uma cidade. Os olhos, ouvidos, nariz e língua são portões. Há cinco portões exteriores e um portão interior, o portão da consciência. A mente é o chão, a natureza é o governante. O

governante vive no chão da mente. Enquanto a natureza essencial estiver lá, o governante está lá; quando a natureza se vai, o governante não está lá. Quando a natureza essencial está lá, corpo e mente existem; quando a natureza essencial se vai, o corpo decompõe-se.

A budeidade é atualizada dentro da natureza essencial; não a busqueis fora do corpo. Se a vossa própria natureza estiver confusa, sois uma pessoa comum; se a vossa própria natureza estiver desperta, sois um buda.

Bondade e compaixão são Avalokitesvara, alegria e desapego são Mahasthamaprapta; competência e pureza são Shakyamuni, imparcialidade é Amitabha. Egoísmo para com os outros é a montanha polar, ganância é a água dos oceanos, aflições são as ondas, viciousness e malevolência são dragões violentos, falsidades e ilusões são fantasmas e espíritos, paixões mundanas são peixes e tartarugas, craving e ira são infernos, tolices são animais.

Bons amigos, sempre praticai as dez virtudes, e o céu estará lá. Livrai-vos do egoísmo para com os outros, e a montanha polar tombará. Eliminai a ganância, e as águas do oceano secarão. Se as aflições não estiverem lá, as ondas morrem. Quando viciousness e malevolência forem eliminadas, peixes e tartarugas desaparecem. No chão da vossa própria mente, o buda da consciência irradia luz abundante, iluminando exteriormente os seis portões, puro o suficiente para penetrar os céus. Quando a vossa própria natureza essencial é iluminada interiormente, os três venenos são eliminados; punições como os infernos desaparecem de uma vez, por isso interior e exterior são claros de parte a parte, não diferentes do Ocidente. Se não fizerdes esta prática, como podeis lá chegar?

Ao ouvir esta explicação, a grande assembleia viu claramente a natureza essencial. Todos eles curvaram-se e elogiaram a sua excelência, entoando,

Que todos os seres vivos no universo que ouçam isto realizem compreensão de uma vez.

O Mestre disse,

Bons amigos, se quiserdes pôr isto em prática, podeis fazê-lo em casa — não depende de estar num mosteiro. Ser capaz de praticar em casa é como alguém do Oriente cuja mente é boa; estar num mosteiro mas não praticar é como alguém do Ocidente cuja mente é má.

Desde que a vossa mente seja pura, este é o Ocidente na vossa própria natureza.

O Governador Wei então perguntou,

Como podemos praticá-lo em casa? Por favor, dai-nos instruções.

O Mestre disse,

Recitarei um hino sem forma; desde que pratiqueis de acordo com ele, estareis sempre comigo. Se não praticardes de acordo com ele, que benefício no Caminho é rapar a cabeça e ser ordenado?

O hino:

Quando a mente é equilibrada, por que se preocupar em guardar preceitos?

Quando a ação é direta, qual a necessidade de praticar meditação?

Se fordes gratos, cuidais dos vossos pais com respeito;

Se fordes devotos, acima e abaixo são mentalmente simpáticos.

Se fordes deferentes, alto e baixo harmonizam amigavelmente;

Se fordes tolerantes, miríades de males não causam perturbação.

Se puderdes perfurar madeira e produzir fogo,

Produzireis lótus vermelhos da mente.

Palavras duras são claramente bom medicamento;

Se ofende o ouvido, é seguramente fala fiel.

Reformai os vossos erros, e desenvolvereis sabedoria;

Atingir o Caminho não vem de doar dinheiro.

A iluminação só deve ser buscada na mente;

Por que se preocupar em buscar mistérios fora?

Ouvindo a minha explicação, praticai com base nisso,

E o Ocidente está mesmo diante dos vossos olhos.

O Mestre acrescentou,

Bons amigos, todos devem pôr este hino em prática: vede a vossa natureza essencial, e atingi a budeidade diretamente. O tempo não espera por vós.

Que todos se dispersem agora. Eu regresso a Ts'ao-ch'i — se alguém tiver dúvidas, venha perguntar-me.

Naquele momento, o governador, os oficiais, e os bons homens e mulheres piedosas na assembleia todos atingiram compreensão, aceitaram-na fielmente, e puseram-na em prática.

4 Estabilização e Visão

Bons amigos, este ensinamento meu baseia-se em estabilização e visão. Não cometais o erro de considerar estabilização e visão como separados. Estabilização e visão são uma entidade, não duas. Estabilização é a substância da visão, visão é a função da estabilização. Quando é em si visão, estabilização está na visão; quando é em si estabilização, visão está na estabilização. Se souberdes o que isto significa, isso é aprendizado equilibrado de estabilização e visão.

Estudantes do Caminho, não digais que há diferença entre estabilização vir primeiro e depois produzir visão, e visão vir primeiro e depois produzir estabilização. Aqueles que entretêm esta visão são dualistas na sua doutrina.

Se falardes boa fala mas não fordes bons de coração, tendes estabilização e visão em vão; estabilização e visão não estão equilibradas. Se o vosso coração e a vossa fala forem ambos bons, e interior e exterior forem como um, então estabilização e visão estão equilibradas.

Auto-iluminação e -cultivo não se encontram em argumento. Se argumentardes sobre precedência, então sois os mesmos que pessoas iludidas. Se não parardes a contenda, estais a aumentar o egoísmo e não vos desprendeis das quatro imagens [de um eu, uma personalidade, um ser, e uma vida].

Bons amigos, a que se assemelham estabilização e visão? São como uma lâmpada e a sua luz. Se houver uma lâmpada, há luz; sem lâmpada, há escuridão. A lâmpada é o corpo da luz, a luz é a função da lâmpada. Os nomes podem ser dois, mas na essência são basicamente um e o mesmo. Os fenómenos de estabilização e visão são também assim.

O Mestre disse à assembleia,

Bons amigos, absorção numa prática significa sempre agir com uma mente unificada e direta em todas as situações, não importa o que estejais a fazer.

O Sutra do Nome Puro diz: «A mente direta é o local da iluminação; a mente direta é a Terra Pura.» Não faleis apenas de diretividade enquanto a vossa mente age de forma tortuosa; não faleis apenas de absorção numa prática sem uma mente direta. Apenas agi com uma mente direta e não tenhais apego a nada.

Pessoas iludidas agarram-se às aparências das coisas: agarram-se à ideia de absorção numa prática como significando apenas sentar-se constantemente imóvel, não deixando a mente ser arousada ao acaso. Identificam isto com absorção numa prática, mas aqueles que fazem esta interpretação são equivalentes a objetos inanimados. Esta é uma condição que obstrui o Caminho.

Bons amigos, o Caminho deve ser fluido, de fluxo livre. Por que então estagnais? Quando a mente não se demora nas coisas, então o Caminho é fluido. Se a mente se demora nas coisas, isso chama-se auto-vinculação. Se dizeis que sentar-se constantemente é certo, isso é contradito pelo facto de Shariputra ter sido repreendido por Vimalakirti por sentar-se quietamente na floresta.

Bons amigos, há também pessoas que ensinam sentar-se, olhando para a mente, e visualizando pureza, sem se mover ou levantar, postulando mérito disto. Pessoas confusas não compreendem, por isso agarram-se a isto e tornam-se delirantes. Há muitos como este; ensinam uns aos outros desta forma, por isso sabemos que é um grande erro.

O Mestre disse à assembleia,

Bons amigos, o verdadeiro ensinamento originalmente não é nem súbito nem gradual; são temperamentos humanos que podem ser rápidos ou lentos. Pessoas que estão perdidas cultivam gradualmente, enquanto pessoas que estão despertas atingem subitamente. Quando conheceis a vossa própria mente original e vede a vossa própria natureza original, então não há diferença. É por isso que os termos temporários súbito e gradual são estabelecidos.

Bons amigos, desde tempos imemoriais esta escola nossa estabeleceu primeiro a liberdade de pensamento como a fonte, liberdade de forma como a substância, e liberdade de fixação como a base.

Liberdade de forma significa desprendimento de formas no meio de formas. Liberdade de pensamento significa não ter pensamento no meio de pensamentos. Quanto à liberdade de fixação, enquanto a natureza básica da humanidade está no meio do mundo, com bom e mau, beleza

e fealdade, inimizade e familiaridade, palavras e fala, ofensa e ataque, engano e contenda, considera-se tudo vazio e não se pensa em retaliação, não pensando sobre os objetos no ambiente. Se pensamento após pensamento, anterior, presente e subsequente pensamentos, continuarem ininterruptos, isso chama-se escravidão. Quando pensamento após pensamento não se demora nas coisas, então não há escravidão. Assim, liberdade de fixação é básica.

Bons amigos, exteriormente estar desprendido de todas as formas e aparências chama-se liberdade de forma. Se puderdes estar desprendidos de formas e aparências, então a substância das coisas é pura. Assim, liberdade de forma é a substância.

Bons amigos, quando a mente não é influenciada por objetos, isso chama-se liberdade de pensamento. Está-se sempre desprendido de objetos nos próprios pensamentos, e não se arousa a mente sobre objetos. Se apenas não pensardes em nada, e livrardes-vos de todos os pensamentos inteiramente, uma vez que todos os pensamentos terminem, morreis e voltais à vida noutro lugar. Isto é um grande erro; aqueles que estudam o Caminho devem pensar sobre isso.

Se não conhecerdes a intenção do ensinamento, ides errados vós mesmos, e podeis também misleadar outros. A vossa auto-ilusão não é visível para vós. Até representais mal as Escrituras budistas. É por isso que estabelecemos liberdade de pensamento como a fonte.

Bons amigos, como estabelecemos liberdade de pensamento como a fonte? Pessoas iludidas que apenas falam de ver a natureza essencial têm pensamentos sobre objetos, depois criam visões falsas baseadas nesses pensamentos; todos os problemas mundanos e ideias erróneas vêm disto.

Na nossa própria natureza essencial, basicamente não há uma única coisa que possa ser agarrada. Se agarrardes qualquer coisa supostamente má ou boa, isso é um problema mundano, uma visão falsa. Portanto, este ensinamento estabelece liberdade de pensamento como a fonte.

Bons amigos, o que «liberdade de» anula, o que «pensamento» pensa? «Liberdade de» significa liberdade do dualismo, uma mente sem todo o tipo de problemas mundanos. «Pensamento» significa pensamento da natureza original da realidade tal como é. A realidade tal como é é a substância do pensamento, o pensamento é a função da realidade tal como é. A natureza intrínseca da realidade tal como é produz

pensamento. Não são os olhos, ouvidos, nariz ou língua que podem pensar; a realidade tal como é tem uma natureza essencial pela qual produz pensamento. Se não houvesse olhos ou ouvidos e não houvesse forma ou som na realidade tal como é, decompor-se-ia de imediato.

Bons amigos, a natureza essencial da realidade tal como é produz pensamento. Embora os seis sentidos tenham perceção e cognição, a natureza essencial real não é afetada por miríades de objetos; é sempre independente. Portanto, as Escrituras falam de ser capaz de distinguir as características de todas as coisas enquanto permanece imóvel na verdade última.

5 Meditação Sentada

O Mestre disse à assembleia,

Meditação sentada nesta escola basicamente não se fixa na mente, e não se fixa na pureza. Também não é imobilidade. Se falardes de fixar na mente, a mente é basicamente enganosa; é por saber que a mente é como uma ilusão que não há fixação. Se falardes de fixar na pureza, a natureza essencial das pessoas é originalmente pura; é por pensamentos falsos que cobrem a realidade tal como é — apenas não tenhais ideias falsas, e a natureza essencial é pura de si mesma. Se arousardes a mente para fixar na pureza, criais a ilusão da pureza.

A ilusão não tem localização; a fixação é ilusão. A pureza não tem forma; se definirdes uma forma pura como meditação, o ato de entreter esta visão obstruirá a vossa própria natureza original, e sereis sujeitos a escravidão pela pureza.

Bons amigos, se ides cultivar imovabilidade, quando vedes pessoas, simplesmente não vejais o certo e errado das pessoas, bom e mau, falhas e problemas; então a vossa própria natureza essencial é imóvel.

Bons amigos, pessoas iludidas podem atingir imobilidade física e no entanto no momento em que abrem as bocas estão a falar do certo e errado dos outros, forças e fraquezas, bom e mau. Viram as costas ao caminho. Se vos agarrardes à mente ou vos agarrardes à pureza, isso obstrui o caminho.

Bons amigos, o que significa o termo meditação sentada? Neste ensinamento não há obstáculo e não há obstrução: quando mente e pensamento não são arousados sobre quaisquer bons ou maus objetos ou situações no mundo exterior, isso chama-se sentada. Quando vedes a

imutabilidade da vossa própria natureza essencial interiormente, isso chama-se meditação.

Bons amigos, o que significa o termo concentração de meditação? Estar desprendido de aparências externas chama-se meditação; estar livre de perturbação interior chama-se concentração. Se estiverdes fixados em aparências exteriormente, a vossa mente está perturbada interiormente; se estiverdes desprendidos de aparências fora, então a mente não está perturbada.

A natureza essencial original é inerentemente pura e espontaneamente concentrada; é apenas por pensar sobre objetos quando se veem objetos que se torna perturbada. Se vedes todos os objetos sem a vossa mente se tornar perturbada, isso é verdadeira concentração.

Bons amigos, estar desprendido de aparências fora é meditação, não estar perturbado dentro é concentração. Meditação fora com concentração dentro chama-se concentração de meditação.

Uma escritura sobre preceitos para bodhisattvas diz: «A nossa natureza original é inerentemente pura.» Bons amigos, vede por vós mesmos a pureza da natureza essencial original em cada momento de pensamento, cultivando-vos a vós mesmos, praticando vós mesmos, atingindo budeidade vós mesmos.

6 Arrependimento

Naquele momento, vendo a nobreza e camponeses das regiões de Kuang, Shao, e os quatro quadrantes reunidos na montanha para ouvir o ensinamento, o Grande Mestre ocupou o alto assento e disse à multidão,

Bem-vindos, bons amigos. Esta coisa deve vir da vossa própria natureza essencial. Em todos os momentos, instante a instante, purificai a vossa própria mente. Cultivai-vos a vós mesmos, trabalhai em vós mesmos, vede o vosso próprio corpo de realidade, vede o buda na vossa própria mente, libertai-vos a vós mesmos, regulai-vos a vós mesmos — só então atingireis realização.

Não viestes aqui sem razão. Desde que viestes de longe para vos reunirdes aqui como um, todos tendes afinidade juntos. Agora que cada um de vós se ajoelhe: primeiro transmitirei os perfumes do corpo de realidade de cinco partes na nossa própria natureza essencial; depois passarei o arrependimento sem forma.

A multidão ajoelhou-se, e o Mestre disse,

Primeiro é o perfume da moralidade: quando não há erro na própria mente, não há mal, não há inveja ou ciúme, não há ganância ou ódio, não há roubo ou dano, isso chama-se o perfume da moralidade.

Segundo é o perfume da estabilidade: ver as características boas e más dos objetos sem perturbação na própria mente chama-se o perfume da estabilidade.

Terceiro é o perfume da sabedoria. Quando a própria mente não tem obstrução, e sempre observa a própria natureza com visão, não se faz nada mau. Mesmo quando se faz o bem, a mente não se apega a isso. Respeitoso dos mais velhos enquanto considerado com os jovens, é simpático e compassivo com os órfãos e os pobres. Isso chama-se o perfume da sabedoria.

Quarto é o perfume da libertação. Quando a própria mente não se fixa em objetos, não pensa no bem, não pensa no mau, é livre e desobstruída, isso chama-se o perfume da libertação.

Quinto é o perfume do conhecimento e visão libertados. Uma vez que a própria mente não está fixada em nada, bom ou mau, não se deve afundar no vazio e manter a quiescência; deve-se estudar amplamente e aprender muito, reconhecer a própria mente original e dominar os princípios dos budas, harmonizar a iluminação para lidar com pessoas, livre de personalidade egocêntrica, inalterável até à attainment da verdadeira natureza da iluminação. Isso chama-se o perfume da visão e conhecimento libertados.

Bons amigos, estes perfumes são efeitos interiores em cada indivíduo — não os busqueis externamente. Agora transmitirei o arrependimento sem forma para vós, para aniquilar os pecados do passado, presente e futuro, permitindo-vos atingir pureza de pensamento, palavra e ação.

Bons amigos, que cada um de vós repita depois de mim, em uníssono: «Do momento de pensamento precedente, o momento de pensamento presente, e o momento de pensamento seguinte, de momento de pensamento a momento de pensamento não serei afetado por tolice ou ilusão; arrependo-me de toda a tolice e ilusão anterior, e outros faults devido a eles, e oro para que desapareçam todos de uma vez e nunca ocorram novamente.

«Do momento de pensamento precedente, o momento de pensamento presente, e o momento de pensamento seguinte, de momento de pensamento a momento de pensamento não serei afetado por qualquer

presunção ou engano. Arrependo-me de todos os misdeeds anteriores associados com presunção maligna e engano, e oro para que desapareçam todos de uma vez, nunca para ocorrer novamente.

«Do momento de pensamento precedente, o momento de pensamento presente, e o momento de pensamento seguinte, momento de pensamento a momento de pensamento não serei afetado por ciúme e inveja. Arrependo-me de todos os misdeeds anteriores associados com ciúme maligno e inveja, e oro para que desapareçam de uma vez e nunca ocorram novamente.»

Bons amigos, o anterior constitui arrependimento sem forma. Por que se chama arrependimento? Arrependimento significa arrepender-se de erros anteriores, ações más anteriores, faults como estupidez, ilusão, presunção, engano, ciúme e inveja, arrepender-se de todos eles para que não voltem a ocorrer. Arrependimento significa ainda lamentar erros posteriores, a partir de agora consciente de comportamentos maus e faults como estupidez e ilusão, presunção e engano, ciúme e inveja, e pará-los para sempre, não os agindo mais. Isso chama-se arrependimento.

Pessoas comuns que são ignorantes e confusas só sabem arrepender-se dos seus erros anteriores e não sabem arrepender-se de faults futuros. Porque não se arrependem de faults futuros, os seus erros passados não desaparecem, e faults posteriores também surgem. Se os erros anteriores não desaparecem e faults posteriores também surgem, como poderia isto ser chamado arrependimento?

Bons amigos, uma vez que vos arrependestes, farei os quatro votos universais para vós. Cada um de vós deve ouvir com precisão.

«Os seres na minha própria mente são infinitos; voto libertá-los.

«As aflições na minha própria mente são infinitas; voto terminá-las.

«Os ensinamentos na minha própria natureza são inesgotáveis; voto estudá-los.

«A budeidade na minha própria natureza é suprema; voto atingi-la.»

Bons amigos, não diz toda a gente: «Seres são infinitos; voto libertá-los»? Falar desta forma não significa que eu vou fazer a libertação. Bons amigos, os seres na mente são ilusão, engano, imoralidade, ciúme, malícia — estados de mente como estes são todos seres. Cada um de

vós deve libertar-vos a vós mesmos através da vossa própria natureza essencial; isso chama-se verdadeira libertação.

O que significa libertar-vos através da vossa própria natureza essencial? Isso significa que os seres em visões falsas, aflições e ignorância são libertados por visão precisa. Uma vez que tendes visão precisa, obtendes a sabedoria de prajna para romper os seres em tolice e ilusão, para que cada um seja auto-libertado. Quando falsidade ocorre, verdade liberta; quando ilusão ocorre, iluminação liberta. Quando tolice ocorre, sabedoria liberta; quando mal ocorre, bem liberta. Aflições sem limites como estas são chamadas verdadeira libertação.

O que é mais, «Aflições são infinitas; voto terminá-las» significa usar a sabedoria de prajna na vossa própria natureza essencial para se livrar de ideias falsas. E «Ensinamentos são inesgotáveis; voto estudá-los» requer que vejais a vossa própria natureza essencial e sempre agis no princípio certo; isso chama-se verdadeiro aprendizado.

Quanto a «Voto atingir budeidade suprema», uma vez que sejais capazes de humilhar a vossa mente e praticar diretividade em todos os momentos, sempre produzis prajna, para além de ilusão e despertar; pondo de lado tanto realidade como falsidade, vede natureza de buda. Então atingis budeidade numa palavra. Sempre pensando em aplicação prática é o princípio do poder de votar.

Bons amigos, tendo feito os quatro votos universais, agora transmitirei para vós os preceitos dos três refúgios sem forma.

Bons amigos, tomamos refúgio no mais honroso de seres de duas pernas, o desperto. Tomamos refúgio no honroso corretamente desprendido do desejo. Tomamos refúgio no puro honroso no meio da multidão. A partir deste dia chamamos despertar o nosso mestre, não dependendo mais de cultos demoníacos, sempre testemunhando-nos a nós mesmos através dos Três Tesouros na nossa própria natureza essencial.

Bons amigos, exorto-vos a tomar refúgio nos Três Tesouros na vossa própria natureza essencial. «Buda» é consciência, «Dharma» é verdade, «Sangha» é pureza.

Quando a vossa própria mente toma refúgio na consciência, erro e confusão não ocorrem. Aquele que tem poucos desejos, está contente, e capaz de estar afastado do materialismo e sensualidade, chama-se o mais honroso de seres de duas pernas.

Quando a vossa própria mente toma refúgio na verdade, não tendes visões falsas de momento de pensamento a momento de pensamento. Porque não tendes visões falsas, não tendes orgulho pessoal egoísta, craving ou apego. Isso chama-se o honroso desprendido do desejo.

Quando a vossa própria mente toma refúgio na pureza, a vossa própria natureza essencial não é afetada por todos os trabalhos mundanos e objetos de desejo. Isso chama-se o honroso no meio da multidão.

Isso é tomar refúgio em si mesmo. Pessoas comuns que não compreendem isto tomam os Preceitos dos Três Refúgios da manhã à noite. Se dizeis que tomais refúgio em Buda, onde está Buda? Se não vedes buda, onde podeis tomar refúgio? As palavras seriam então falsidade.

Boas pessoas, que cada um de vós examine a si mesmo. Não useis a vossa mente erroneamente. As Escrituras dizem claramente para tomar refúgio no buda em si mesmo, não para tomar refúgio noutro buda. Se não recorrerdes ao vosso próprio buda inerente, não tendes nada em que confiar.

Agora que sois auto-realizados, cada um de vós deve tomar refúgio nos Três Tesouros na vossa própria mente. Interiormente domai a natureza da mente, exteriormente respeitai outras pessoas: isso chama-se auto-refúgio.

Bons amigos, uma vez que tomastes refúgio nos Três Tesouros em vós mesmos, que cada um de vós foque a vossa mente, e explicarei para vós o buda da nossa própria natureza como três encarnações de uma substância, para vos permitir ver as três encarnações e realizar claramente a vossa própria natureza essencial por vós mesmos.

Que todos me sigam dizendo: «Tomo refúgio no Buda como o corpo puro de realidade no meu próprio corpo físico.

«Tomo refúgio no Buda como o corpo cumprido de recompensa no meu próprio corpo físico.

«Tomo refúgio no Buda como milhares de centenas de milhões de corpos projetados no meu próprio corpo físico.»

Bons amigos, o corpo físico é uma casa; não pode ser chamado um resort ou refúgio. O Buda nas três encarnações acima mencionadas está na nossa própria natureza essencial; toda a gente no mundo tem-no, mas por causa de confusão nas suas próprias mentes não veem a sua

natureza interior, e por isso buscam um Tathagata de três corpos exteriormente, não vendo que têm buda em três encarnações dentro dos seus próprios corpos.

Ouvistes uma explicação que vos permitirá ver, no vosso próprio corpo, que na vossa própria natureza essencial há um buda com três encarnações. Este buda com três encarnações vem da vossa própria natureza essencial, e não é atingido de fora.

O que é o buda como o corpo puro de realidade? A natureza essencial dos seres humanos é originalmente pura. Todas as coisas vêm da natureza essencial; quando pensais sobre todas as coisas más, produz comportamentos maus; quando pensais sobre todas as coisas boas, produz comportamentos bons. Assim todas as coisas estão na vossa própria natureza essencial. É como o céu, que é sempre claro, e o sol, que está sempre a brilhar: quando estão cobertos por nuvens à deriva, há luz acima mas escuridão abaixo. Subitamente um vento sopra as nuvens, por isso acima e abaixo são ambos luz; então miríades de formas são visíveis.

A natureza das pessoas mundanas está sempre à deriva, como as nuvens no céu. Bons amigos, sabedoria é como o sol, visão é como a lua: conhecimento e visão são sempre luz, mas quando vos fixais em objetos fora, obtendes a vossa própria natureza essencial coberta pelas nuvens à deriva de pensamentos errantes, por isso não podeis ter luz e clareza. Se encontrardes um benfeitor espiritual e ouvirdes ensinamento verdadeiramente autêntico, livrais-vos de confusão para que interior e exterior sejam completamente claros, e miríades de coisas apareçam dentro da vossa própria natureza essencial. É assim com pessoas que veem a natureza essencial. Isso chama-se o buda como o corpo puro de realidade.

Bons amigos, a vossa própria mente tomando refúgio na vossa própria natureza essencial é tomar refúgio no verdadeiro Buda. Auto-refúgio significa livrar-se de estados de mente maus na vossa própria natureza — ciúme, lisonja, egoísmo, deceptividade, desrespeito pelos outros, desrespeito pelos outros, visões falsas, presunção, e qualquer comportamento mau que possa ocorrer a qualquer momento. Sempre vendo os vossos próprios faults e não discutindo o bom ou mau dos outros é auto-refúgio. Deve-se sempre ser humilde na mente e ser respeitoso para com todos. Isso é mastery de ver a natureza essencial, sem mais obstrução. Isso é auto-refúgio.

O que é o corpo cumprido de recompensa? Assim como uma lâmpada pode obliterar mil anos de escuridão, uma visão pode aniquilar dez mil anos de ignorância. Não penseis sobre o que já passou, e não continueis a pensar sobre o que ainda virá. Perfeitamente claro instante a instante, vede a natureza original vós mesmos. Embora bom e mau diferam, a natureza original não é dual. A natureza não dual chama-se a verdadeira natureza. Quando a vossa própria natureza produz um único pensamento de bem, pode atingir o fim de incontáveis males, até à iluminação insuperável. Vendo-vos a vós mesmos em cada momento de pensamento, não perdendo mindfulness básica, chama-se a encarnação de recompensa.

O que é a encarnação de milhares de centenas de milhões de projeções? Se não pensardes em miríades de coisas, a vossa natureza é basicamente como o espaço. Um único momento de pensamento chama-se uma projeção. Se pensardes em coisas más, produzis inferno. Se pensardes em coisas boas, produzis céu. Viciousness produz dragões e serpentes; compaixão produz bodhisattvas. Sabedoria produz estados superiores, tolice produz estados inferiores. As projeções da nossa natureza são muitas; pessoas confusas são incapazes de estar alerta para elas, e por isso criam mal pensamento após pensamento, constantemente indo por caminhos maus. Se virassem um único pensamento para o bem, sabedoria nasceria então; isso chama-se o Buda como encarnação de projeção da nossa natureza.

Bons amigos, o corpo de realidade está originalmente lá. Espontaneamente vendo a vossa própria natureza em cada momento de pensamento é o buda como a encarnação de recompensa. Pensando da encarnação de recompensa é a encarnação de projeção.

Auto-realização e auto-cultivo das virtudes da própria natureza é verdadeiro refúgio. Pele e carne são o corpo material; o corpo material é uma casa, e não pode ser chamado um resort ou refúgio. Apenas realizai as três encarnações na vossa própria natureza, e sabereis o buda na vossa própria natureza.

Tenho um hino sem forma: se puderdes memorizá-lo, o impacto das palavras pode causar que as vossas confusões e erros acumulados de éones se dissolvam de uma vez.

Pessoas confusas cultivam bênçãos, não o Caminho;

Dizem simplesmente que bênçãos são elas próprias o Caminho.

As bênçãos de caridade e esmolas podem ser ilimitadas,

Enquanto na mente os três venenos são criados o tempo todo.

Se tentardes cultivar bênção para aniquilar pecados,

Embora ganheis bênçãos na vida vindoura, o pecado ainda está lá.

Apenas livrai-vos das condições de pecado dentro da vossa mente —

Isso chama-se verdadeiro arrependimento dentro da vossa própria natureza.

Subitamente realizando o verdadeiro arrependimento do Grande Veículo,

Livrando-vos de falsidade, agindo na verdade, sois então impecáveis.

Ao estudar o Caminho, sempre observai a vossa própria natureza:

E sereis de um tipo com todos os budas.

Os meus ancestrais espirituais apenas transmitiram este ensinamento da imediatidade,

Desejando que todos fossem um em ver a natureza.

Se quiserdes buscar o corpo de realidade no futuro,

Desprendei-vos das aparências das coisas, e limpai a mente.

Esforçai-vos para ver por vós mesmos; não desperdiceis tempo —

Quando o momento seguinte é cortado, uma vida inteira termina.

Se compreenderdes o Grande Veículo, vereis a natureza essencial:

Reverentemente e respeitosamente, buscai com todo o coração.

O Mestre disse,

Bons amigos, todos devem memorizar isto, cultivar o vosso comportamento de acordo com ele, e ver a natureza essencial sob o impacto das palavras. Então mesmo se estiverdes a mil milhas de distância de mim, é como se estivésseis sempre comigo. Se não despertardes nestas palavras, então estais a mil milhas de distância mesmo quando estamos face a face — por que vos dardes ao trabalho de vir tão longe?

Tomai cuidado; ide bem.

Todos na multidão ouviram o ensinamento e abriram-se em compreensão. Alegremente puseram-no em prática.

Quando obteve o ensinamento de Huang-mei, o Mestre regressou à aldeia de Ts'ao Hou, na Província de Shao, onde ninguém o conhecia. Um certo cavalheiro confucionista, Liu Chih-lueh, tratou-o com cortesia e foi muito atencioso com ele.

Chih-lueh tinha uma sogra que se tornara freira, com o nome de Wu-chin-tsang, ou Tesouro Inesgotável; ela recitava constantemente o Grande Sutra do Nirvana. Depois de ouvir por um tempo, o Mestre conheceu o significado subtil e começou a explicá-lo para ela.

Com o pergaminho na mão, a freira perguntou então sobre um caráter. O Mestre disse: «Não conheço caracteres; por favor, perguntai sobre o significado.»

A freira disse: «Se nem sequer conheces os caracteres, como podes compreender o significado?»

O Mestre disse: «Os princípios subtis dos budas nada têm a ver com letras escritas.»

Espantada, a freira achou-o invulgar. Contou a todos os velhos dignos da aldeia: «Este é um homem que tem o Caminho; devemos convidá-lo a aceitar o nosso apoio.»

Um certo Ts'ao Shu-liang, que era bisneto do Senhor Marcial de Wei [Ts'ao Ts'ao], veio ansiosamente para contemplar o Mestre e prestar-lhe homenagens, assim como as pessoas locais.

Ora, o antigo mosteiro de Pao-lin ou Floresta de Joia, que fora abandonado depois de ser arrasado nas guerras no final da dinastia Sui [589–617], foi reconstruído nas suas antigas fundações, e o Mestre foi convidado a viver lá. De repente, tornou-se um centro religioso.

O Mestre vivera lá durante nove meses e alguns dias quando foi expulso por uma fação de mal-intencionados novamente. O Mestre escondeu-se na montanha em frente ao mosteiro, mas eles atearam fogo às matas e ao mato rasteiro.

O Mestre escapou espremendo-se entre rochas e ocultando-se lá. Ainda há marcas nas rochas dos joelhos do Mestre enquanto se sentava lá, bem como o padrão do tecido da sua roupa. Assim, ficaram conhecidas como as «rochas de fuga».

Lembrando as instruções do Quinto Grande Mestre sobre parar e esconder-se em Huai e Hui, o Mestre acabou nessas duas regiões, às vezes ativo, às vezes escondido.

O monge Fa-hai era um homem de Ch'u-chiang, na Província de Shao. Quando chamou pela primeira vez o Grande Mestre, perguntou: «Por favor, ensinai-me como a mente em si é buda.»

O Mestre disse: «Quando o pensamento precedente não é concebido, isso é a mente em si; quando o pensamento sucessivo não é extinto, isso é ser buda. Determinar todas as aparências é mente; desprendimento de todas as aparências é buda. Se eu explicasse completamente, nunca terminaria, mesmo se falasse até ao fim dos tempos. Ouvi o meu verso:

"'A mente em si' chama-se visão;

Ser buda é estabilização.

Quando estabilidade e visão são igualmente mantidas,

A consciência está em paz.

Compreender este ensinamento

Depende do vosso caráter habitual:

A sua função é basicamente sem nascimento —

Cultivo duplo é correto."»

Fa-hai teve uma grande iluminação com estas palavras. Eulogizou em verso:

«A mente em si é originalmente buda:

Não realizando, impedimos-nos a nós mesmos.

Conheço as bases de estabilidade e visão;

Cultivando ambos, desprendo-me de todas as coisas.»

O monge Fa-ta era um homem da Província de Hung. Tinha saído de casa aos sete anos, e recitava constantemente o Sutra do Lótus. Quando veio, curvou-se ao Mestre sem que a sua cabeça tocasse o chão.

O Mestre repreendeu-o: «Se te curvas sem chegares ao chão, como se compara isso a não te curvar de todo? Deves ter algo na mente. O que aprendeste?»

Ele disse: «Recitei o Sutra do Lótus até três mil vezes já.»

O Mestre disse: «Se o recitares dez mil vezes e obtiveres o significado do sutra sem considerar isso superioridade, então és um companheiro de

viagem comigo. Atualmente estás presunçoso sobre esta prática formal, totalmente inconsciente do teu erro. Ouvi o meu verso:

“A curvatura é originalmente para quebrar a bandeira do orgulho:

Por que a cabeça de alguém não chegaria ao chão?

Quando tens ego, faults então ocorrem:

Esquece a tua realização, e as bênçãos são incomparáveis.”»

O Mestre também disse: «Qual é o teu nome?»

Fa-ta respondeu: «Fa-ta [Chegada à Verdade].»

O Mestre disse: «O teu nome é Fa-ta, mas quando chegaste à verdade [ta-fa]?» Então proferiu outro verso:

«Agora és chamado Chegada à Verdade,

E diligentemente recitas sem cessar.

Se recitares em vão, apenas segues sons;

Aquele que esclarece a mente chama-se bodhisattva.

Porque tens afinidade agora,

Explico agora para ti:

Apenas confia em buda sem palavras,

E lótus florescerão da tua boca.»

Depois de ouvir este verso, Fa-ta pediu desculpa e disse: «Doravante serei modesto e respeitoso para com todos. Tenho recitado o Sutra do Lótus sem ter compreendido o significado da escritura, e sempre tive dúvidas na mente. A vossa sabedoria é tão grande, desejo que expliqueis brevemente os princípios no sutra.»

O Mestre disse: «Fa-ta, o ensinamento é bastante magistral, mas a tua mente não atingiu mastery. Originalmente não há nada duvidoso na escritura; a tua mente duvida por si mesma. Recitas este sutra; o que consideras a sua base?»

Fa-ta disse: «Sou obtuso e lento; até agora apenas recitei as palavras literalmente. Como saberia o importo básico?»

O Mestre disse: «Sou analfabeto. Recita o sutra para mim, e explicá-lo-ei para ti.»

Fa-ta então recitou o sutra em voz alta, até chegar ao capítulo das metáforas, quando o mestre disse: «Para. Este sutra baseia-se na emergência no mundo por uma causa; embora apresente muitos tipos de metáforas, nenhuma vai além disto.

«Qual é a causa? O sutra diz: 'Os budas, os Honrados do Mundo, só aparecem no mundo por uma grande causa.' A grande causa é o conhecimento e visão da budeidade. Pessoas do mundo, perdidas em externos, fixam-se em aparências; perdidas interiormente, fixam-se em vazio. Se puderdes desprender-vos de aparências no meio de aparências, e desprender-vos de vazio no meio de vazio, então não estareis perdidos interior ou exteriormente. Se realizardes esta verdade, a vossa mente abre-se num instante; isso chama-se abrir o conhecimento e visão da budeidade.

«Budeidade equivale a despertar. Divide-se em quatro aspectos. Há abrir o conhecimento e visão desperto, mostrar o conhecimento e visão desperto, realizar o conhecimento e visão desperto, e entrar no conhecimento e visão desperto. Se ouvirdes a abertura e a mostra, e fordes capazes de realizar e entrar, então a natureza real original do conhecimento e visão desperto manifesta-se realmente.

«Tende cuidado para não misconstruirdes a intenção do sutra, supondo que quando fala de 'abrir, mostrar, realizar e entrar' se refere ao conhecimento e visão de budas dos quais pessoas como nós não têm parte. Se interpretardes desta forma, estais a caluniar o sutra e a vilipendiar os budas.

«Como Buda já estava iluminado, já tinha conhecimento e visão; por que haveria necessidade de os abrir mais? Deveis acreditar agora que o conhecimento e visão dos budas são apenas a vossa própria mente. Não há outro buda além.

«Foi porque todas as pessoas cobriram a sua própria luz, cobiçaram gananciosamente objetos materiais, foram perturbadas interiormente por condições externas, e aceitaram compulsividade, que despertaram o Honrado do Mundo da meditação para os exortar, com vários discursos intensos, a descansarem e não buscarem externamente, para que pudessem ser os mesmos que Buda. É por isso que o sutra fala de abrir o conhecimento e visão da budeidade.

«Também exorto todas as pessoas a abrirem sempre o conhecimento e visão da budeidade nas suas próprias mentes, mas pessoas mundanas são pervertidas na mente; tolas e iludidas, cometem crimes. A sua fala

pode ser boa mas os seus corações são maus. Gananciosos, irritáveis, invejosos, obsequiosos, tortuosos, presunçosos, injustos e destrutivos, abrem o conhecimento e visão de pessoas comuns para si mesmos.

«Se puderdes retificar a vossa mente, produzirá sempre sabedoria. Observai a vossa própria mente, parai o mal e fazei o bem: isso é abrir o conhecimento e visão da budeidade para vós mesmos.

«Deveis abrir o conhecimento e visão da budeidade instante a instante; não abrais o conhecimento e visão de pessoas comuns. Abrir o conhecimento e visão da budeidade é transcender o mundo; abrir o conhecimento e visão de pessoas comuns é ser mundano.

«Se apenas laboriosamente continuardes a recitar e considerardes isso uma realização, como é isso diferente de um iaque admirando a sua cauda?»

Fa-ta disse: «Isso significa que não devo preocupar-me em recitar o sutra, desde que compreenda o significado?»

O Mestre disse: «O que há de errado com o sutra? Como pode obstruir a vossa mindfulness? É apenas que ilusão e iluminação estão no indivíduo; perda e ganho dependem de si mesmo. Se o recitardes e também agirdes mentalmente, então estais a ler o sutra; se o recitardes mas não o praticardes mentalmente, então sois lidos pelo sutra.

«Ouvi o meu verso:

“Quando a mente está iludida, o Lótus da Verdade lê-o;

Quando a mente está iluminada, lê o Lótus da Verdade.

Se recitares a escritura por muito tempo sem compreender,

Tornas-te inimigo do seu significado.

Pensamento sem pensamento é correto;

Pensamento com pensamento torna-se falso.

Quando com e sem estão ambos fora de questão,

Sempre montas o veículo puxado por boi branco.”»

Ao ouvir este verso, Fa-ta chorou sem se dar conta. Sob o impacto das palavras, teve uma grande iluminação. Disse ao mestre: «Todos estes anos realmente nunca li o Lótus da Verdade, mas fui lido pelo Lótus da Verdade.» Depois acrescentou: «O sutra diz: ‘Mesmo se os grandes

discípulos e os bodhisattvas todos esgotarem o seu pensamento num esforço coletivo para o calcular, não podem sondar o conhecimento do Buda.' Agora, se obtiverdes pessoas comuns a apenas compreenderem as suas próprias mentes e chamardes isso o conhecimento e visão da budeidade, a menos que se tenha faculdades superiores dificilmente se pode evitar dúvida e repúdio. Além disso, o sutra fala de três veículos, puxados por uma cabra, um veado e um boi branco: como são diferenciados? Por favor, dai mais alguma explicação.»

O Mestre disse: «A intenção do sutra é clara; é apenas que vos afastais dela em confusão. As pessoas nos três veículos não podem sondar o conhecimento de Buda porque o problema está em tentar calculá-lo. Mesmo se usarem todo o seu pensamento coletivamente para o calcular, isso adiciona uma distância ainda maior.

«Buda originalmente articulou este princípio para pessoas comuns, não para budas. Quaisquer que recusem acreditar podem partir, mas ainda não realizarão que já estão sentados no veículo puxado por boi branco e ainda buscam os três veículos fora da porta.

«De facto, a escritura diz-vos claramente: 'Há apenas um veículo da budeidade, nenhum outro veículo, nem dois nem três. . . . Os incontáveis expedientes, várias histórias, metáforas e expressões, estes ensinamentos são todos para o bem do único veículo da budeidade.'

Por que não realizais que os três veículos são provisórios, sendo para o passado, enquanto o único veículo é real, sendo para o presente? Apenas vos ensino a deixar o provisório e regressar ao real. Depois de regressardes ao real, o real também não tem nome.

«Deveis saber que todos os valiosos e toda a riqueza pertencem a vós, e o seu uso depende de vós. Não concebeis mais a ideia do pai, ou a ideia do filho, ou a ideia do uso: isso chama-se manter o Sutra do Lótus da Verdade. Época após época a escritura nunca sai das vossas mãos; dia e noite nunca não a invocais.»

Edificado, Fa-ta ficou exultante. Com um verso eulogizou:

«Três mil recitações do sutra

Desapareceram numa declaração de Ts'ao-ch'i:

Sem compreender a mensagem transmundana,

Como podem vidas de loucura ser paradas?

A cabra, veado e boi são arranjos expedientes;

Início, meio e fim são habilmente expostos.

Quem sabia que dentro da casa em chamas

Tem estado o monarca dos ensinamentos o tempo todo?»

O Mestre disse: «Doravante podeis ser apropriadamente chamado um monge recitador de sutras.»

Daí em diante Fa-ta atingiu a mensagem mística, e também continuou a recitar o sutra.

O monge Chih-t'ung era um homem de An-feng, na Província de Shou. Primeiro leu o Lankavatara-sutra mais de mil vezes, no entanto não compreendeu as três encarnações e quatro sabedorias.

Prestando homenagens ao Mestre, buscou uma explicação dos seus significados.

O Mestre disse: «Quanto às três encarnações, a encarnação pura de realidade é a vossa natureza essencial; a encarnação cumprida de recompensa é o vosso conhecimento; a encarnação de mil centenas de milhões de projeções é a vossa atividade. Se falardes de três encarnações separadas da natureza original, isso chama-se encarnação sem conhecimento; se realizardes que as três encarnações não têm natureza independente, esclarecereis iluminação com quatro sabedorias. Ouvi o meu verso:

"A nossa própria natureza contém as três encarnações;

Quando trazidas à luz, tornam-se as quatro sabedorias.

Sem partir de objetos dos sentidos,

Subis transcendente ao estágio da budeidade.

Agora expliquei para vós:

Confiai com certeza, e nunca vos confundireis.

Não imiteis aqueles que buscam freneticamente,

Que passam o dia inteiro a falar de iluminação."»

Chih-t'ung falou novamente, dizendo: «Posso ouvir sobre os significados das quatro sabedorias?»

O Mestre disse: «Uma vez que compreendestes as três encarnações, compreendeis as quatro sabedorias — por que ainda perguntais sobre elas? Se falardes das quatro sabedorias separadas das três encarnações, isso chama-se conhecimento sem encarnação. Isso é ter conhecimento que se revela não ser conhecimento nenhum.»

Então proferiu outro verso:

«O conhecimento como um espelho é pureza de natureza,

O conhecimento de qualidade essencial é mente sem doença;

O conhecimento observador subtil vê sem esforço,

O conhecimento de práticas é o mesmo que o espelho.

Cinco e oito, seis e sete, transformam em efeito e causa;

Se apenas usardes nomes e palavras, não há realidade:

Se não mantiverdes sentimentos na transformação,

Florescereis e estareis sempre na estabilidade do dragão.»

Chih-t'ung subitamente realizou o conhecimento natural essencial e apresentou um verso:

«As três encarnações são basicamente o meu próprio ser,

As quatro sabedorias são clareza da mente original;

Encarnações e sabedorias fundidas sem resistência,

Respondem às pessoas, adaptando-se livremente em forma.

Práticas deliberadas são todas ações aleatórias;

Manter estável não é verdadeira espiritualidade.

Com o significado subtil esclarecido pelo mestre,

Finalmente vão-se nomes confusos.»

O monge Chih-ch'ang era um homem de Kuei-ch'i, na Província de Hsin. Tinha saído de casa na infância e estava intentado em buscar perceção da natureza essencial. Um dia visitou e prestou homenagens. O Mestre perguntou-lhe: «De onde viestes, e o que buscais?»

Ele respondeu: «Recentemente fui à Montanha do Parque Branco, na Província de Hung, onde prestei homenagens ao Mestre Ta-t'ung e fui ensinado o princípio de realizar budeidade vendo a natureza essencial.

Ainda não resolvi as minhas dúvidas, por isso vim todo este caminho para prestar homenagens e espero humildemente que o Mestre seja tão compassivo a guiar-me.»

O Mestre disse: «O que tinha ele a dizer? Tenta citá-lo.»

Chih-ch'ang disse: «Estive lá durante três meses sem ter recebido qualquer instrução. Sendo ansioso pelo ensinamento, uma noite fui ao quarto do abade e perguntei: 'Qual é a natureza original da minha mente?' Ta-t'ung então disse: 'Vês o espaço?' Respondi: 'Sim.' Ele disse: 'Vês que o espaço tem alguma aparência?' Respondi: 'O espaço não tem forma — que aparência tem?' Ele disse: 'A tua natureza original é como o espaço; não há nada que possa ser visto — isso chama-se ver verdadeiramente; não há nada que possa ser conhecido — isso chama-se conhecer verdadeiramente. Não tem azul ou amarelo, longo ou curto. Apenas vê a pureza da fonte original, a iluminação completa da substância do despertar: isso chama-se realizar budeidade vendo a natureza essencial. Também se chama o conhecimento e visão dos realizados.' Embora tenha ouvido esta explicação, ainda não estou certo. Por favor, ensinai-me.»

O Mestre disse: «A explicação desse mestre ainda mantém ver e conhecer; é por isso que não compreendestes completamente. Agora ensinar-vos-ei um verso:

"Não ver nada mantém não ver;

É muito como nuvens flutuantes bloqueando a face do sol.

Não conhecer nada mantém não conhecer;

É como o vasto céu produzindo relâmpagos.

Quando este conhecer e ver surgem subitamente,

Misapprehendeis-los; que compreensão tendes de expedientes?

Deveis realizar o vosso próprio erro instantaneamente;

A vossa própria luz espiritual estará sempre manifesta."»

Quando ouviu o verso, a mente de Chih-ch'ang abriu-se. Então proferiu um verso, dizendo:

«Inutilmente produzindo conhecimento e visões,

Busquei iluminação apegado a formas.

Quando sentimentos retêm um único pensamento de realização,

Como pode alguém transcender ilusões anteriores?

A nossa própria natureza é a fonte atual do despertar;

Seguindo a perceção, alguém muda vãmente no fluxo.

Se não tivesse entrado no quarto do Grande Mestre,

Teria seguido dois caminhos, perdido.»

Um dia Chih-ch'ang perguntou ao Mestre: «O Buda expôs os ensinamentos dos três veículos, no entanto também falou do veículo mais elevado. Ainda não compreendo; por favor, instrui-me.»

O Mestre disse: «Observai a vossa própria mente original; não vos agarreis às aparências de coisas externas. Não há quatro veículos na verdade, mas as mentes humanas têm diferenças de nível. Ver, ouvir, ler e recitar são o pequeno veículo; compreender o ensinamento e resolver os significados é o veículo médio; cultivar conduta de acordo com o ensinamento é o grande veículo. Penetrar as verdades, abrangendo todas as realidades, indefilado por tudo, desprendido das aparências de todas as coisas, não agarrando nada de todo, chama-se o veículo supremo. Veículo significa ir; não é uma questão de argumento verbal. Deveis praticar por vós mesmos; não me pergunteis. Em todos os momentos a vossa própria natureza essencial é como é de si mesma.»

Chih-ch'ang curvou-se em agradecimento e serviu o Mestre pelo resto da sua vida.

O monge Chih-tao era um homem de Nan-hai, na Província de Kuang. Pedindo ajuda, disse: «Desde que saí de casa tenho lido o Sutra do Nirvana. Passaram mais de dez anos, mas ainda não compreendi o grande significado. Por favor, instrui-me.»

O Mestre disse: «Em que ponto estás incerto?»

Ele disse: «'Todos os eventos são impermanentes; são coisas que surgem e perecem. Quando surgir e perecer tiverem morrido, a extinção quiescente é êxtase.' Estou perplexo sobre isto.»

O Mestre disse: «Como estás perplexo?»

Ele disse: «Todos os seres vivos têm dois corpos, conhecidos como o corpo físico e o corpo de realidade. O corpo físico é impermanente; tem nascimento e tem morte. O corpo de realidade é permanente; não tem

conhecimento nem consciência. Quando o sutra diz: ‘Quando surgir e perecer tiverem morrido, a extinção quiescente é êxtase,’ pergunto-me qual corpo é quiescente e extinto, e qual corpo experiencia êxtase.

«Se for o corpo material, quando o corpo material perece, os elementos grosseiros desintegram-se; isso é completamente miserável, e miséria não pode ser chamada êxtase. Se o corpo de realidade for quiescente e extinto, é o mesmo que ervas e árvores, azulejo e pedra — quem experiencia êxtase?

«Além disso, a natureza das coisas é a substância do nascimento e morte, enquanto os cinco agregados são a função do nascimento e morte: uma substância tem cinco funções. Nascimento e morte são eternos: nascimento é iniciação de funções da substância, morte é retirada de funções de volta à substância. Se permitido nascer novamente, então a categoria de ‘seres sencientes’ nunca será terminada ou perecerá: se não permitido nascer novamente, acabam extintos para sempre, o mesmo que objetos inanimados. Assim todas as coisas são paradas pelo nirvana — já que um nem sequer chega a viver, como pode haver êxtase?»

O Mestre disse: «És um budista — como podes discutir o ensinamento do veículo supremo em termos de visões heréticas pervertidas de niilismo e eternalismo? De acordo com o que dizes, há um corpo de realidade separado fora do corpo físico; buscas extinção quiescente separada da vida e morte. Além disso, supões que o êxtase eterno do nirvana é uma experiência física — isso é apego à vida e morte, obsessão com prazer mundano.

«Deves saber que Buda teve pena e apontou o verdadeiro êxtase do nirvana porque todas as pessoas confusas tomam a combinação dos cinco agregados como a forma do seu próprio ser, discriminam todos os fenómenos como a forma de matéria externa, gostam da vida e desgostam da morte, mudam e fluem de pensamento a pensamento, não conhecem a irrealidade de sonhos e ilusões, em vão se envolvem em círculos viciosos, pensam no nirvana eternamente êxtase como doloroso, e passam os seus dias em busca frenética.

«Não há sinal de origem num instante, e não há sinal de passagem num instante: sem mais nascimento e morte para ser extinto, a extinção quiescente manifesta-se assim. Como se manifesta, além disso, não há quantificação ou objetificação de manifestação, por isso chama-se eterno

e êxtase. Este êxtase não tem sujeito que o experiencia, no entanto não há nenhum que não o experiencia.

«Como pode haver o termo ‘cinco funções de uma substância’? De facto, como podeis continuar a dizer que o nirvana para tudo, por isso nada nunca ocorre? Isso é caluniar Buda e vilipendiar o ensinamento.

«Ouvi o meu verso:

“Grande nirvana, inigualável,

É iluminação completa, sempre silenciosamente brilhante:

Tolices comuns chamam-lhe morte,

Hereges chamam-lhe aniquilação;

Pessoas que buscam os Dois Veículos

Dão-lhe o nome de não construção.

Todos pertencem a cálculos intelectuais,

A raiz das sessenta e duas visões.

Se arbitrariamente estabeleceis nomes irreais,

O que constitui significado real verdadeiro?

Apenas pessoas além da medida

Compreendem sem agarrar ou rejeitar:

Ao conhecer os fenómenos dos cinco agregados,

E o eu dentro dos agregados,

Manifestam exteriormente uma multidão de formas físicas;

Cada e toda voz

É igual, como sonhos ou ilusões:

Não concebem ideias de comum ou santo,

E não fazem uma compreensão de nirvana;

Os dois extremos e três tempos cortam,

Sempre respondem com as funções dos sentidos,

No entanto não concebem a noção de função.

Distinguem todas as coisas

Sem conceber ideias discriminatórias.

O fogo eónico queima os fundos do oceano,

O vento derruba as montanhas juntas;

O verdadeiro, eterno, quiescente e êxtase

Características do nirvana são assim.

Agora forço uma explicação

Para vos fazer desistir de visões falsas:

Não me interpreteis literalmente,

E admitirei que sabeis um pouco."»

Ao ouvir este verso, Chih-tao teve uma grande iluminação. Exultante, prestou homenagens e retirou-se.

O Mestre de Ch'an Hsing-ssu nasceu no clã Liu, na província de Ch'i, em An-ch'eng. Ao ouvir que a atividade de ensino em Ts'ao-ch'i estava a florescer, foi diretamente para lá visitar e prestar homenagens.

Eventualmente perguntou: «O que se deve fazer para não cair em ranks e graus?»

O Mestre disse: «O que fizeste?»

Ele respondeu: «Nem sequer trabalho nas verdades santas.»

O Mestre disse: «Se nem sequer trabalhas nas verdades santas, que ranks ou graus há?»

O Mestre respeitava profundamente Hsing-ssu como um vaso do ensinamento, e fez com que Hsing-ssu liderasse a congregação.

Um dia o Mestre disse-lhe: «Dispensarás o ensinamento sobre toda uma região, não deixando que se extinga.» Uma vez que Hsing-ssu atingira o ensinamento, regressou à Província de Ch'i, ao Monte Ch'ing-yuan, onde espalhou o ensinamento, continuando a sua influência. (Foi postumamente intitulado Mestre de Ch'an da Salvação Universal.)

O Mestre de Ch'an Huai-jang era descendente do clã T'u da Província de Chin. Primeiro chamou o Mestre Nacional An no Monte Sung. An enviou-o para Ts'ao-ch'i para buscar iluminação. Quando chegou lá, prestou homenagens. O Mestre disse: «De onde vieste?»

Ele disse: «Monte Sung.»

O Mestre disse: «Que coisa veio assim?»

Ele disse: «Falar dela como uma coisa é errá-la.»

O Mestre disse: «Pode ser cultivada e realizada?»

Ele disse: «Não é que não haja cultivo e realização, mas não se deve ser obcecado.»

O Mestre disse: «Esta não obsessão é exatamente o que todos os budas mantêm em mente. Tu és assim, e eu também sou assim. Na Índia, Prajnatara previu que um potro emergiria da tua companhia e pisotearia todos no mundo até à morte. O cumprimento está na tua mente. Não deves pregar depressa.»

Huai-jang compreendeu claramente, e acabou por passar quinze anos a servir o Mestre, atingindo as profundidades do misticismo dia a dia. Mais tarde foi para Nan-yueh, onde popularizou o Ch'an. (Foi postumamente intitulado Mestre de Ch'an da Grande Visão.)

O Mestre de Ch'an Hsuan-chiao de Yung-chia era descendente do clã Tai da Província de Wen. Estudara escrituras e tratados quando jovem, e era versado no ensinamento T'ien-t'ai de parar e ver. Descobriu o chão da mente ao ler o Sutra de Vimalakirti. Aconteceu encontrar o discípulo do Mestre Hsuan-ts'e, que o visitou e o envolveu em discussão intensa. As palavras que falou concordavam espontaneamente com os grandes mestres de Ch'an, e Hsuan-ts'e disse: «Quem é o mestre de quem obtiveste o ensinamento?»

Ele disse: «Ouvi as escrituras e tratados, cada um de um mestre particular; mais tarde realizei a fonte da budeidade do Sutra de Vimalakirti. Ainda não houve ninguém a corroborá-lo.»

Hsuan-ts'e disse: «'Antes dos budas pré-históricos', obtiveste; mas auto-iluminação sem mestre 'depois dos budas pré-históricos' é todo desvio naturalista.»

Ele disse: «Por favor, sê a minha testemunha.»

Hsuan-ts'e disse: «A minha palavra não tem peso. Em Ts'ao-ch'i há o grande mestre que é o Sexto Grande Mestre. Aqueles que se reúnem em multidões dos quatro quadrantes são todos recipientes do ensinamento. Se fores lá, irei contigo.»

Hsuan-chiao finalmente veio com Hsuan-ts'e para chamar o Mestre. Circulando o Mestre três vezes, sacudiu o seu bastão com anéis e ficou lá.

O Mestre disse: «Um sramana encarna três mil maneiras dignas e oito miríades de refinamentos de comportamento: de onde vens, grande digno, para seres tão presunçoso?»

Hsuan-chiao disse: «Vida e morte é um assunto grave; impermanência é rápida.»

O Mestre disse: «Por que não realizas que não há nascimento e compreendes que não há velocidade?»

Ele disse: «Realização em si não tem nascimento; compreensão basicamente não tem velocidade.»

O Mestre disse: «Isso é assim, isso é assim.»

Agora Hsuan-chiao finalmente prestou homenagens ao Mestre formalmente, com toda a cortesia, e depois tomou licença um momento depois. O Mestre disse: «Não é isto demasiado rápido, afinal?»

Ele disse: «Fundamentalmente não estou em movimento eu mesmo — como poderia haver velocidade?»

O Mestre disse: «Quem está consciente de não estar em movimento?»

Ele disse: «Vós mesmos produzis discriminação.»

O Mestre disse: «Certamente obtiveste a intenção de não conceção!»

Ele disse: «Se não há conceção, como pode haver qualquer intenção?»

O Mestre disse: «Se não há intenção, quem discriminará?»

Ele disse: «Discriminação em si não é uma intenção.»

O Mestre disse: «Bom! Fica aqui pelo menos uma noite.»

Naqueles dias foi chamado o Iluminado da Noite. Mais tarde escreveu uma canção sobre realização do Caminho, que se tornou popular. (Foi postumamente intitulado Grande Mestre do Sem Forma, e no seu tempo foi chamado Chen-chiao, Verdadeiramente Desperto.)

O devoto de Ch'an Chih-huang primeiro estudou com o Quinto Grande Mestre. Pensando que já atingira experiência verdadeira, viveu numa ermida e sentou-se durante vinte anos. Quando o discípulo do Mestre

Hsuan-ts’e veio a Hopei no curso das suas viagens, ouviu falar de Chih-huang. Indo à sua ermida, perguntou: «O que fazes aqui?»

Chih-huang disse: «Entrando em estabilização.»

Hsuan-ts’e disse: «Dizes que estás entrando em estabilização: entras mindful ou mindlessly? Se entras mindlessly, então todas as coisas inanimadas devem atingir estabilização; se entras mindful, então todos os seres sencientes e conscientes devem atingir estabilização.»

Chih-huang disse: «Quando estou entrando em estabilização não vejo a existência de mindfulness ou mindlessness.»

Hsuan-ts’e disse: «Se não vês a existência de mindfulness ou mindlessness, então isso é estabilidade constante: como pode haver saída e entrada? Se houver saída e entrada, não é grande estabilidade.»

Chih-huang não teve resposta. Após um longo silêncio perguntou: «De quem és sucessor?»

Hsuan-ts’e disse: «O meu mestre é o Sexto Grande Mestre em Ts’ao-ch’i.»

Chih-huang disse: «O que o Sexto Grande Mestre faz da estabilização meditativa?»

Hsuan-ts’e disse: «O que o meu mestre fala é tranquilidade subtil, perfeitamente serena, com substância e função conformando ao ser como é. Os cinco agregados são fundamentalmente vazios; os seis campos de dados sensoriais não existem. Há essencialmente não morar em meditação; está separado de morar em quietude meditativa. Há essencialmente não conceção em meditação; está separado de conceber ideias de meditação. A mente é como o espaço, no entanto sem qualquer noção de espaço.»

Tendo ouvido esta explicação, Chih-huang foi diretamente chamar o Mestre. O Mestre perguntou-lhe de onde viera, e Chih-huang relatou os eventos anteriores em pleno. O Mestre disse: «Verdadeiramente é como te foi dito: apenas deixa a tua mente ser como o espaço, sem te agarrar a uma imagem mental de espaço, funcionando responsivamente sem obstrução, unminding em ação e repouso. Sentimentos de comum e santo esquecidos, sujeito e objeto ambos submersos, natureza e forma como são; em nenhum momento estás instável.»

Nisto Chih-huang teve uma grande iluminação. O sentido de attainment que tivera durante vinte anos desapareceu sem sombra ou eco. Nessa

noite, a nobreza e o povo comum de Hopei ouviram uma voz no céu dizendo: «O Mestre de Meditação Chih-huang atingiu iluminação este dia.»

Chih-huang mais tarde tomou licença respeitosamente e regressou a Hopei, onde ensinou monges, freiras, leigos e leigas.

Um monge perguntou ao Mestre: «Quem obtém a mensagem de Huang-mei?»

O Mestre disse: «Alguém que compreende o budismo.»

O monge disse: «Obtendes-la vós?»

O Mestre disse: «Não compreendo o budismo.»

Um dia o Mestre quis lavar o manto que lhe fora transmitido, mas não havia boa nascente, por isso foi a alguns quilómetros atrás do mosteiro, onde viu a floresta da montanha densa e luxuriante, com uma atmosfera auspiciosa sobre ela. O Mestre cravou o seu bastão no chão, e uma nascente jorrou, acumulando-se num lago. Então o Mestre ajoelhou-se e lavou o manto.

Subitamente um monge apareceu nas rochas. Curvou-se e disse: «Sou Fang-pien, um homem de Shu Ocidental. Ontem vi o Grande Mestre Bodhidharma na Índia do Sul. Ontem disse-me: 'Vai depressa para a China; o tesouro do olho do verdadeiro ensinamento e o vestuário que herdei de Maha-Kasyapa foram transmitidos através de seis gerações para Ts'ao-ch'i na Província de Shao. Vai e vê-lo.' Vim de longe; por favor, mostrai-me o manto que herdastes.»

O Mestre mostrou-lho, depois perguntou: «Que trabalho fazes?»

Fang-pien disse: «Sou um escultor especialista.»

O Mestre disse: «Tenta fazer uma imagem minha.»

Fang-pien ficou perplexo, mas após vários dias a sua escultura estava feita, uma imagem realista de cerca de dezoito centímetros de altura, com detalhes extremamente finos. Quando a mostrou ao Mestre, o Mestre riu e disse: «Compreendes a natureza de fazer imagens, mas não a natureza da budeidade.» Então o Mestre estendeu a mão, deu uma palmada na cabeça de Fang-pien, e disse: «Sempre sê um campo de bênçãos para a humanidade e os espíritos.»

Um monge citou um verso do Mestre de Ch'an Wo-lun:

«Wo-lun tem uma habilidade,

Cortando cem pensamentos.

Quando a mente não é arousada face a objetos,

Iluminação cresce dia a dia.»

Quando o Mestre ouviu isto, disse: «Este verso ainda não esclarece o chão da mente. Se o puserdes em prática, isso adicionará à vossa escravidão.» Assim, ensinou um verso que disse:

«Hui-neng não tem habilidade,

Não corta cem pensamentos.

Face a objetos, a mente é arousada repetidamente;

Como pode a iluminação crescer?»

Imediato e Gradual Na altura, o Grande Mestre vivia no Mosteiro da Floresta das Joias, em Ts'ao-ch'i, enquanto o Grande Mestre Shen-hsiu se encontrava no Mosteiro da Fonte de Jade, em Hsing-nan. Ambas as escolas floresciam no seu tempo, e todos os chamavam Hui-neng do Sul e Shen-hsiu do Norte. Assim, surgiu uma divisão em duas escolas, imediata e gradual, do Sul e do Norte, e as pessoas não conheciam o objetivo fundamental.

O Mestre disse à multidão: «O ensinamento é originalmente de uma só fonte, mas as pessoas podem ser 'do sul' ou 'do norte'. O ensinamento é de um só tipo, mas a perceção pode ser lenta ou rápida.

«O que se chama imediato e gradual? A verdade não tem imediatidade nem gradualidade, mas as pessoas podem ser agudas ou obtusas; daí os termos imediato e gradual.»

No entanto, os seguidores de Shen-hsiu criticavam frequentemente o Grande Mestre da Escola do Sul por ser iletrado, questionando os seus méritos. Shen-hsiu disse: «Ele atingiu a sabedoria sem mestre e compreendeu profundamente o veículo supremo; eu não sou seu igual. Além disso, o meu mestre, que foi o Quinto Grande Mestre, entregou-lhe pessoalmente o manto e o ensinamento — como poderia isso ter sido sem razão? Lamento não poder fazer a longa viagem para me associar a ele, mas em vão recebo o favor da nação. Vocês não devem demorar-se aqui; vão para Ts'ao-ch'i em busca de resolução.»

Um dia, Shen-hsiu instruiu o seu discípulo Chih-ch'eng: «Tu és brilhante e muito culto; deves ir a Ts'ao-ch'i por mim, para escutar o ensinamento. Presta atenção e recorda tudo o que ouvires; depois volta e conta-me.»

Seguindo as instruções, Chih-ch'eng foi para Ts'ao-ch'i; aí juntou-se aos estudos da congregação sem dizer de onde vinha.

Na altura, o Grande Mestre anunciou à multidão: «Agora há alguém que rouba o ensinamento escondido nesta congregação.» Imediato e Gradual

Chih-ch'eng avançou então, prestou homenagem e contou toda a história. O Mestre disse: «Se vieste da Fonte de Jade, deves ser um espião.»

Ele disse: «Não é assim.»

O Mestre disse: «Como podes não ser?»

Ele disse: «Antes de o dizer, era; agora que o disse, não sou.»

O Mestre perguntou: «Como instrui o teu mestre as pessoas?»

Ele disse: «Ele instrui sempre as pessoas a parar a mente e contemplar a quietude, sentando-se constantemente sem se deitar.»

O Mestre disse: «Parar a mente e contemplar a quietude é patológico; não é Ch'an. Sentar-se o tempo todo constrange o corpo — como ajuda isso para a verdade? Escuta o meu verso:

«Durante a vida, senta-se, não se deita;

Depois da morte, deita-se, não se senta:

Um conjunto de ossos fedorentos —

Como pode estabelecer o sucesso?»

Chih-ch'eng curvou-se novamente e disse: «Estudei o Caminho com o Grande Mestre Shen-hsiu durante nove anos sem realizar a iluminação; agora, ao ouvir uma única conversa tua, atingi imediatamente a mente original. Para mim, o assunto da vida e da morte é sério; por favor, sê bondoso e ensina-me mais.»

O Mestre disse: «Ouvi dizer que o teu mestre instrui as pessoas nos princípios da disciplina, estabilização e sabedoria; por favor, diz-me como são praticados.»

Chih-ch’eng disse: «O Grande Mestre Shen-hsiu diz que ‘não fazer nenhum mal’ é disciplina, ‘fazer o bem’ é sabedoria, e ‘purificar a mente’ é estabilização. É assim que ele ensina. Que doutrina ensinas tu?»

O Mestre disse: «Se eu dissesse que tenho uma doutrina para ensinar às pessoas, estaria a enganar-te. Eu apenas desato laços de acordo com as situações. Isso é provisoriamente designado samadhi. O tipo de disciplina, estabilização e sabedoria de que o teu mestre fala é verdadeiramente maravilhoso, mas a disciplina, estabilização e sabedoria como eu as vejo são diferentes.»

Chih-ch’eng disse: «A disciplina, estabilização e sabedoria devem ser de um só tipo; como pode haver alguma diferença?»

O Mestre disse: «A disciplina, estabilização e sabedoria do teu mestre são para pessoas do Grande Veículo; a minha disciplina, estabilização e sabedoria são para pessoas do Veículo Supremo. As compreensões não são as mesmas, as perceções podem ser mais lentas ou mais rápidas. Escuta o que eu digo e vê se é o mesmo que ele diz ou não.

«O que eu ensino não está separado da nossa própria natureza essencial. Ensinar separado da natureza é chamado falar de formas; a própria natureza essencial está sempre confusa. Devemos perceber que as funções de todas as coisas vêm da nossa própria natureza essencial. Este é o verdadeiro princípio da disciplina, estabilização e sabedoria.

«Escuta o meu verso:

«O terreno da mente sem erro é a disciplina natural inerente.

O terreno da mente sem tolice é a sabedoria natural inerente.

O terreno da mente sem confusão é a estabilidade natural inerente.

Nem crescendo nem diminuindo — o indestrutível inerente:

Embora o corpo venha e vá, há samadhi fundamental.»

Ao ouvir isto, Chih-ch’eng pediu desculpa. Depois apresentou um verso dizendo:

«Os cinco agregados são um corpo ilusório —

Como pode a ilusão ser última?

No entanto, quando me viro para rumar à verdadeira talidade,

O método revela-se impuro.»

O Mestre concordou com isto, e depois continuou a dizer a Chih-ch'eng: «A disciplina, estabilização e sabedoria do teu mestre encorajam pessoas de inteligência básica menor, enquanto a minha disciplina, estabilização e sabedoria encorajam pessoas de inteligência básica maior. Se realizares a tua própria natureza essencial inerente, não estabeleces 'bodhi' nem 'nirvana', nem libertação nem conhecimento: não há nada a atingir. Só então és capaz de estabelecer miríades de ensinamentos.

«Se compreenderes o que isto significa, também se chama encarnação do budado, e também se chama bodhi e nirvana, e libertação e conhecimento. As pessoas que veem a natureza essencial podem estabelecê-los ou não; são livres para vir ou ir, sem estagnação nem inibição. Agem de acordo com a necessidade e respondem conforme falado.

As suas projeções pessoais, vistas em todo o lado, não estão separadas da sua própria natureza; assim atingem o samadhi do desporto em poderes espirituais livres. Isto chama-se ver a natureza essencial.»
Imediato e Gradual

Chih-ch'eng dirigiu-se então novamente ao Mestre: «Qual é o significado de não estabelecer nada?»

O Mestre disse: «Sem erro, sem tolice e sem confusão na natureza inerente, prajna observa, momento a momento, pensamento após pensamento, sempre desligado das aparências das coisas, independente e livre, mestre completo da adaptação — o que há para estabelecer? A tua própria natureza é auto-realizada, imediatamente realizada e imediatamente cultivada, sem qualquer processo gradual. É por isso que não há estabelecimento de nada; todas as coisas são nirvânicas — que passos há?»

Chih-ch'eng prestou homenagem e ofereceu-se para ser um atendente. Dia ou noite, nunca relaxou.

O monge Chih-ch'e era um homem de Chiang-hsi. O seu apelido original era Chang, e o seu nome dado era Hsing-shang. Na juventude, fora um espadachim errante.

Depois de as escolas do Sul e do Norte se terem dividido nos seus métodos de ensino, embora os mestres das escolas fossem imparciais, os seus seguidores tornaram-se competitivos e parciais. Na altura, os seguidores da Escola do Norte estabeleceram o Mestre Shen-hsiu por

conta própria como o Sexto Grande Mestre, e invejavam o facto de o Grande Mestre [Hui-neng] ser conhecido em toda a terra por ter herdado o manto. Contrataram Hsing-shang para assassinar o Mestre.

Sabendo disto antecipadamente por telepatia, o Mestre colocou dez onças de ouro ao lado do seu assento. Nessa noite, Hsing-shang entrou no quarto do Grande Mestre para o matar. O Mestre esticou o pescoço para a espada. Hsing-shang golpeou três vezes, mas não conseguiu fazer qualquer ferida.

O Mestre disse: «Uma espada reta não é curva, uma espada curva não é reta. Eu só te devo algum dinheiro; não te devo a minha vida.»

Hsing-shang ficou tão assustado que colapsou. Passou muito tempo até reviver, e quando o fez pediu misericórdia e arrependeu-se do seu erro. Depois quis abandonar o mundo e tornar-se monge. O Mestre deu-lhe o ouro e disse: «Vai-te embora por agora, para que os discípulos não te façam mal. Volta um dia com uma aparência diferente, e eu aceito-te.»

Hsing-shang fez como instruído e fugiu durante a noite. Mais tarde tornou-se monge, disciplinado e enérgico. Um dia, recordando o que o Mestre dissera, fez uma longa viagem de volta para o ver.

O Mestre disse: «Pensei em ti durante muito tempo. O que te demorou tanto?»

Ele disse: «Anteriormente perdoaste o meu crime; agora, embora seja monge e pratique intensamente, afinal não posso retribuir o teu favor. Como poderia pensar em transmitir o ensinamento e libertar pessoas? Leio frequentemente o Nirvana-sutra, mas ainda não compreendo os significados de permanência e impermanência. Por favor, sê bondoso e dá-me uma breve explicação.»

O Mestre disse: «O que é impermanente é a natureza-buda; o que é permanente é a mente discriminatória com todos os tipos de estados bons e maus.»

Hsing-shang disse: «O que dizes está em grande desacordo com o texto do sutra.»

O Mestre disse: «Eu transmito o selo da mente-buda; como ousaria diferir da escritura?»

Hsing-shang disse: «O sutra diz que a natureza-buda é permanente; mas tu dizes que é impermanente. Estados bons e maus, até a aspiração pela

iluminação, são todos impermanentes, mas tu dizes que são permanentes. Estas são contradições, confundindo-me ainda mais.»

O Mestre disse: «No passado ouvi o Nirvana-sutra recitado pela freira Wu-chin-tsang, e depois expus-lho. Cada palavra, cada princípio, estava de acordo com o sutra. O que te disse não é diferente.»

Hsing-shang disse: «O meu conhecimento é superficial e não iluminado. Por favor, edifica-me em detalhe.»

O Mestre disse: «Não percebes? Se a natureza-buda fosse permanente, então de que estados bons ou maus haveria para falar? Nunca haveria ninguém a aspirar à iluminação. É por isso que digo que é impermanente; esta é precisamente a via da verdadeira permanência de que o Buda falou.

«Além disso, se todas as coisas fossem impermanentes, então tudo teria a sua própria natureza, sujeito ao nascimento e à morte, enquanto a verdadeira essência eterna não seria universal. Portanto, digo que as coisas são permanentes; esta é precisamente o significado de impermanência de que o Buda falou.

«Porque as pessoas comuns e os cultistas se agarram à falsa permanência, enquanto as pessoas dos Dois Veículos pensam no permanente como impermanente, no total fazendo oito inversões, por isso no ensinamento completo do Nirvana-sutra o Buda refuta as suas visões enviesadas e explica abertamente a verdadeira permanência, a verdadeira felicidade, o verdadeiro eu e a verdadeira pureza. Tu agora confias na palavra e viras as costas ao significado, interpretando mal a declaração perfeita, sublime e final do Buda como se significasse impermanência niilista e impermanência estagnada fixa. Mesmo que leias o sutra mil vezes, de que serviria?»

Subitamente, Hsing-shang teve uma grande iluminação. Proferiu um verso dizendo:

«Buda disse que há permanência

Por causa da mentalidade que se agarra à impermanência.

Aqueles que não conhecem a técnica expedita

São como apanhar pedras num lago da primavera.

Agora a natureza-buda apareceu

Sem eu despender esforço algum:

Não é legada pelo mestre,

Nem obtive nada.»

O Mestre disse: «Penetraste. Deves ser chamado Chih-ch'e [Intento na Penetração].»

Chih-ch'e curvou-se em agradecimento.

Havia um jovem chamado Shen-hui do clã Kao de Hsiangyang; com treze anos, veio da Fonte de Jade para visitar o Mestre.

O Mestre disse: «Amigo, vieste de longe, uma jornada árdua; trouxeste a base contigo? Se tens a base, deves conhecer o anfitrião. Tenta expressá-lo.»

Shen-hui disse: «Não-morada é a base, ver é o anfitrião.»

O Mestre disse: «Como é apropriado para ti, um noviço, falares com leviandade?»

Shen-hui perguntou então: «Quando te sentas a meditar, vês ou não vês?»

O Mestre bateu-lhe três vezes com o bastão e perguntou: «Quando te bato, dói ou não dói?»

Ele respondeu: «Tanto dói como não dói.»

O Mestre disse: «E eu tanto vejo como não vejo.»

Shen-hui perguntou: «O que é tanto ver como não ver?»

O Mestre disse: «A minha visão é tal que vejo sempre os excessos e erros da minha própria mente, enquanto não vejo o certo e o errado ou o bom e o mau das outras pessoas. Assim, tanto vejo como não vejo.

«Dizes que tanto dói como não dói — e isso? Se não dói, és o mesmo que madeira ou pedra; se dói, és o mesmo que um homem comum, por isso ficas zangado e ressentido.

«O ver ou não ver de que falaste agora são dois extremos; doer e não doer são nascimento e morte. Nem vês a tua própria natureza essencial, mas ousas brincar com as pessoas.»

Shen-hui curvou-se e pediu desculpa.

O Mestre disse também: «Se a tua mente estiver confusa e não vires, perguntas a um mestre para buscar o caminho. Se a tua mente estiver

iluminada, então vês a tua própria natureza essencial, e cultivas a prática baseada no ensinamento. Tu próprio estás confuso e não vês a tua própria mente, mas vens perguntar-me se eu vejo ou não. Eu conheço o meu ver por mim mesmo — como poderia substituir a tua confusão? Se tu próprio puderes ver, isso também não poderia substituir a minha confusão.»

Shen-hui curvou-se novamente, mais de cem vezes, pedindo perdão pelo seu erro. Trabalhou diligentemente para o Mestre, nunca deixando o seu lado.

Um dia, o Mestre disse à congregação: «Tenho algo sem cabeça, sem cauda, sem nome, sem etiqueta, sem costas, sem frente: reconheceis-lo?»

Shen-hui avançou e disse: «Esta é a fonte original de todos os budas, a minha natureza-buda.»

O Mestre disse: «Acabei de te dizer que não tem nome nem etiqueta; então imediatamente chamas-lhe a fonte original, a natureza-buda. Mais tarde, quando tiveres um monte de palha a cobrir a cabeça, ainda serás apenas um seguidor do entendimento intelectual.»

Após a morte do Grande Mestre, Shen-hui foi para a capital e popularizou o ensinamento de Ts'ao-ch'i da imediatidade. Escreveu Notas Revelando a Fonte, que foi muito popular nesta época. (Este foi o Mestre Ch'an Ho-ts'e.)

O Mestre viu que críticos de várias seitas, todos com má vontade, se tinham reunido nas suas assembleias em grande número. Com pena deles, disse-lhes: «As pessoas que estudam o Caminho devem eliminar todos os pensamentos de bem e de mal. O que não tem nome que possa nomeá-lo é denominado natureza intrínseca; a natureza sem dualidade chama-se natureza verdadeira. É com base na natureza verdadeira que todos os métodos de ensino são estabelecidos; sob o impacto das palavras, deveis ver imediatamente por vós mesmos.»

Ao ouvir esta conversa, todas aquelas pessoas prestaram respeito e pediram para o servir como mestre.

9 A Convocação Imperial No Dia de Ano Novo de 705, [a Imperatriz] Tse-t'ien e [o Imperador] Chung-tsung convocaram o Mestre, nestes termos: «Convidámos os dois mestres An e Hsiu para a corte, onde providenciámos apoio, estudando regularmente o Veículo Único no nosso tempo livre. Aqueles dois mestres declinaram, dizendo: 'Há um

Mestre Ch’an Hui-neng no Sul, que recebeu secretamente o manto e os ensinamentos do Grande Mestre Hung-jen e transmite o selo da mente-buda. Deve ser convidado para que lhe sejam submetidas perguntas.’»

Agora, o cortesão Pi Chien foi enviado para entregar a convocação imperial convidando o Mestre, pedindo que o Mestre fosse compassivo o suficiente para se apressar até à capital.

O Mestre declinou formalmente por motivos de doença, desejando passar o resto dos seus dias nas florestas.

Pi Chien disse: «Os dignos Ch’an na capital dizem todos que, se queremos atingir a compreensão do Caminho, é necessário sentar-nos em meditação e cultivar a concentração; ninguém jamais atingiu a libertação senão pela concentração meditativa. Que tal a doutrina que expões?»

O Mestre disse: «O Caminho é realizado pela mente — como poderia estar no sentar? Um sutra diz: ‘Se dizes que o Buda está sentado ou deitado, estás a percorrer um falso caminho. Porquê? Porque nem vem de algum lado nem vai para algum lado.’ Liberdade do nascimento e da morte é a meditação pura do Buda; o vazio de todas as coisas é o assento puro do Buda. Ultimamente não há realização, muito menos sentar.»

Pi Chien disse: «Quando regressar à capital, suas majestades certamente me questionarão. Por favor, sê bondoso o suficiente para me indicar os essenciais da mente, para que eu os transmita às suas majestades e aos estudantes do Caminho na capital, para que seja como uma lâmpada acendendo mil lâmpadas, para que todos no escuro sejam iluminados, luz sobre luz sem fim.»

O Mestre disse: «O Caminho não tem luz nem escuridão. Luz e escuridão significam alternância. Luz sobre luz sem fim ainda é finita, porque é definida em termos relativos. O Sutra do Nome Puro diz: ‘A verdade não tem comparação, porque não há relatividade nela.’»

Pi Chien disse: «A luz simboliza a sabedoria, a escuridão simboliza a aflição. Se as pessoas que cultivam o Caminho não usarem a sabedoria para ver através da aflição, como podem escapar ao nascimento e morte sem princípio?»

O Mestre disse: «A aflição em si é iluminação: não há dualidade, nem diferença. Se usares a sabedoria para ver através da aflição, esta é a compreensão dos Dois Veículos, para potencialidades como a cabra e o

veado. Aqueles de sabedoria superior e grandes faculdades não são assim de todo.»

Pi Chien perguntou: «Qual é a compreensão do Grande Veículo?»

O Mestre disse: «A iluminação e a ignorância são vistas pelas pessoas comuns como duas, enquanto os sábios realizam que a sua natureza essencial não tem dualidade. A natureza essencial sem dualidade é a natureza verdadeira. A natureza verdadeira não diminui nos comuns e ignorantes, nem aumenta nos sábios e santos; não é desarranjada na aflição, e não é quiescente na concentração meditativa. Não chega ao fim, nem perdura para sempre; não vem nem vai, e não está no meio nem no interior nem no exterior. Não nascida e não perecível, natureza e características como tal, permanente e imutável — isto chama-se o Caminho.»

Pi Chien disse: «Como difere a tua fala de não nascido e não perecível da dos forasteiros?»

O Mestre disse: «O não nascido e não perecível de que os forasteiros falam usa a aniquilação para parar o nascimento, usa o nascimento para mostrar a aniquilação. A aniquilação ainda não é aniquilada, e o nascimento diz-se não nascido.

«O não nascido e não perecível de que falo é o nascimento intrínseco original sem nascimento e a não aniquilação presente. Portanto, é diferente das doutrinas dos forasteiros.

«Se quiseres conhecer a essência da mente, apenas não penses em nada bom ou mau. Então espontaneamente ganharás acesso à substância pura da mente, calma e sempre tranquila, com funções subtis além do número.»

Ao receber esta instrução, Pi Chien teve uma grande iluminação. Respeitosamente despedindo-se, regressou ao palácio imperial, onde reportou as palavras do Mestre.

Nesse ano, no terceiro dia do nono mês, houve um rescrito imperial encorajando o Mestre nestes termos: «O Mestre declinou devido à idade avançada e doença. Cultivar o Caminho por nós é um campo de bênçãos para a nação. O Mestre é como Vimalakirti, usando o pretexto de doença em Vaisali para expor o Grande Veículo, comunicar a mente dos budas e discursar sobre a realidade não dual.

«Pi Chien transmitiu o ensinamento do Mestre sobre o conhecimento e visão dos budas: é a nossa fortuna, através das boas ações acumuladas dos nossos ancestrais, e tendo plantado raízes de bondade no passado, que encontramos a emergência do Mestre no mundo, e imediatamente realizamos o veículo supremo. Estamos gratos por receber a bondade do Mestre, e apreciá-la-emos sem fim.»

O Mestre recebeu também um belo vestuário e uma taça de cristal, e o governador da Província de Shao foi ordenado a restaurar o mosteiro. A antiga residência do Mestre foi intitulada Templo da Gratidão Nacional.

Um dia, o Mestre chamou os seus discípulos Fa-hai, Chih-ch'eng, Fa-ta, Shen-hui, Chih-ch'ang, Chih-t'ung, Chih-ch'e, Chih-tao, Fa-ch'en e Fa-ju; disse: «Vocês não são como as outras pessoas. Após a minha partida, cada um de vós tornar-se-á o mestre de uma região. Agora dir-vos-ei como expor o ensinamento sem perder a fonte básica.

«Primeiro, deveis trazer três classificações de coisas, usando ativamente trinta e seis oposições, de ambos os lados — aparecendo e desaparecendo, fundindo e desligando. Ao explicar tudo, não vos afasteis da natureza intrínseca. Se as pessoas vos fizerem perguntas, tudo o que for dito é duplo; todos apreendem coisas relativas. Vir e ir são relativos; ultimamente a dualidade toda desaparece, sem outro lugar para ir.

«As três classificações de coisas são os agregados, elementos e media. Os agregados são os cinco agregados — matéria, sensação, perceção, condicionamento e consciência. Os media são os doze media sensoriais: os seis campos externos de forma, som, aroma, sabor, sensação e fenómenos; mais os seis órgãos internos dos olhos, ouvidos, nariz, língua, corpo e mente. Os elementos são os dezoito elementos — os seis campos sensoriais, os seis órgãos sensoriais e as seis consciências sensoriais.

«A nossa natureza essencial pode conter todas as coisas: isto chama-se consciência de armazenamento. Se conceberes pensamento, isto é a consciência de ativação. Produz as seis consciências, que saem através dos seis órgãos e percebem os seis campos sensoriais; assim os dezoito elementos todos são ativados da nossa natureza. Se a vossa natureza essencial for pervertida, produz dezoito perversões; se a vossa natureza essencial for reta, produz dezoito retidões. Se a usardes mal, esta é a função dos seres comuns; se a usardes bem, esta é a função dos budas. De onde vem a função? Vem da nossa natureza essencial.

«No mundo externo de objetos relativos há cinco pares de opostos: céu e terra, sol e lua, luz e escuridão, yin e yang, água e fogo. Estes são os cinco pares de opostos.

«Nas características de fenómenos e linguagem há doze pares de opostos: palavras e coisas, ser e não ser, físico e não físico, perceptível e imperceptível, contaminado e não contaminado, matéria e vazio, movimento e quietude, pureza e poluição, comum e santo, clero e leigos, velho e jovem, grande e pequeno. Estes são os doze pares de opostos.

«A nossa natureza essencial produz funções em dezanove pares de opostos: forças e fraquezas, perversão e retidão, ignorância e insight, tolice e sabedoria, desordem e estabilidade, bondade e maldade, moralidade e má conduta, honestidade e tortuosidade, verdade e falsidade, enviesamento e equidade, aflição e iluminação, permanência e impermanência, compaixão e malevolência, deleite e raiva, generosidade e avareza, progresso e regresso, origem e destruição, o corpo da realidade e o corpo físico, o corpo de projeção e o corpo de recompensa. Estes são os dezanove pares de opostos.»

O Mestre disse: «Se souberdes aplicar estes trinta e seis pares, este é o Caminho, permeando todos os ensinamentos das escrituras. Saindo e entrando, fundindo e desligando, de ambos os lados, a natureza inerente funciona ativamente.

«Quando falais com as pessoas, exteriormente sede desligados das aparências enquanto no meio das aparências; interiormente sede desligados do vazio enquanto no meio do vazio. Se vos fixardes totalmente nas aparências, então aumentais visões falsas; se vos agarrardes totalmente ao vazio, então aumentais a ignorância.

«Algumas pessoas que se agarram ao vazio repudiam as escrituras, simplesmente dizendo que não precisam de escritos. Se dizem que não precisam de escritos, então as pessoas também não deveriam falar, porque a fala tem as características da escrita. Também dizem simplesmente que não estabelecem escritos, mas estas palavras ‘não estabelecem’ também são escritas. Vendo o que os outros ensinam, caluniam-nos, dizendo que estão apegados aos escritos.

«Deveis todos saber que a auto-ilusão é uma coisa, enquanto caluniar as escrituras é outra — não calunieis as escrituras; os obstáculos causados por este erro são incontáveis.

«As pessoas que se agarram às aparências externas, interpretam-nas como verdades e buscam a realidade nelas, e as pessoas que estabelecem grandes instituições religiosas e falam sobre os problemas do ser e não ser, não conseguirão ver a natureza essencial nem em éones; só podem cultivar a prática de acordo com os ensinamentos.

«Mas não penseis em nada de todo, pois isso inibe a vossa natureza iluminada.

«Se escutarem pregação mas não praticarem, as pessoas contrariamente produzem pensamentos errados. Apenas praticai verdadeiramente a doação de ensinamento sem fixação nas aparências.

«Se compreenderdes, falai com base nisso, funcionai com base nisso, agi com base nisso, trabalhai com base nisso — então não perdereis a fonte original.

«Se as pessoas vos questionarem sobre princípios, se perguntarem sobre o ser, respondei com o não ser; se perguntarem sobre o não ser, respondei com o ser. Se perguntarem sobre o comum, respondei com o santo; se perguntarem sobre o santo, respondei com o comum: os dois caminhos são relativos um ao outro, produzindo o princípio do caminho do meio. Como com uma pergunta e uma resposta, fazei o mesmo para outras perguntas, e não perdereis o princípio.

«Se alguém vos perguntar o que se chama escuridão, respondei que a luz é a causa, a escuridão a condição: quando a luz desaparece, há escuridão. A escuridão é revelada pela luz, a luz é revelada pela escuridão. O seu vir e ir são relativos, criando o significado do caminho do meio. Outras perguntas são todas assim.

«Mais tarde, quando transmitirdes o ensinamento, passai-o desta forma; não percais a essência da fonte.»

No sétimo mês do ano 712, o Mestre mandou alguns discípulos irem ao Templo da Gratidão Nacional na Província de Hsin e construírem uma estupa. Embora lhes dissesse para apressarem a construção, no verão do ano seguinte ainda não estava completa.

No primeiro dia do sétimo mês de 713, o Mestre reuniu os seus seguidores e disse: «Quero partir do mundo no próximo mês: se tiverdes dúvidas, tendes de me perguntar sobre elas em breve, para que eu possa desfazer as vossas dúvidas e pôr fim à vossa confusão. Após a minha partida, não haverá ninguém para vos ensinar.»

Fa-hai e os outros choraram ao ouvir isto; só Shen-hui permaneceu psicologicamente imperturbado e não chorou.

O Mestre disse: «O jovem Shen-hui conseguiu manter a equanimidade face ao bom e ao mau, imperturbado por calúnia ou elogio, não concebendo tristeza ou felicidade. Os restantes não atingistes isto — que caminho haveis cultivado todos estes anos nas montanhas? Sobre quem estais preocupados agora, chorando tão tristemente?

«Se estais preocupados que eu não saiba para onde vou, eu sei intuitivamente para onde vou. Se não soubesse para onde ia, não vos teria informado antecipadamente. O vosso choro é porque não sabeis para onde vou. Se soubésseis para onde ia, não choraríeis. A natureza da realidade não tem nascimento nem morte, nem vir nem ir.

«Sentai-vos aí, todos vós, e recitarei para vós um hino chamado Hino sobre Verdadeiro e Falso Ação e Quietude. Memorizai este hino, pois a sua intenção é a mesma que a minha. Praticai com base nisso, e não perdereis a essência da fonte.»

Os monges prostraram-se e pediram ao Mestre para lhes contar o hino. O hino era o seguinte:

Tudo não tem realidade;

Não vemos realidade por isso.

Se ‘vês’ realidade,

Isso é uma visão, não realidade de todo.

Se puderes tu próprio encarnar a realidade,

Desligado da falsidade, a mente em si é realidade.

Se a tua própria mente não se desligar da falsidade,

Não há realidade — onde está o real?

Seres animados são móveis,

Coisas inanimadas são imóveis:

Se cultivares uma prática de não mover,

Isso é o mesmo que imobilidade inanimada.

Se buscas a verdadeira imobilidade,

Há imobilidade na ação.

Não mover é não mover —

Sem senciência, não há semente de budado.

Sê capaz de distinguir características habilmente

Enquanto imóvel na verdade última:

Enquanto vires desta forma,

É a função da realidade como é.

Anuncio a todos que estudam o Caminho:

Trabalhai diligentemente — precisais focar a atenção.

Não vos agarreis ao conhecimento do nascimento e morte

No contexto do Grande Veículo.

Se atingirdes acordo ao impacto das palavras,

Então falarei sobre budado convosco:

Se não estais realmente de acordo,

Saúdo-vos para vos fazer felizes.

A escola basicamente não tem argumento:

Se argumentardes, perdeis o sentido do Caminho.

Ao agarrar-vos a doutrinas argumentativas perversas,

A vossa própria natureza essencial entra no nascimento e morte.

Na altura, os seguidores, tendo ouvido o hino, todos se curvaram; compreenderam o que o Mestre queria dizer, e cada um concentrou-se em praticar de acordo com o ensinamento, não ousando disputar mais.

Então realizaram que o Grande Mestre não permaneceria no mundo por muito tempo. O ancião Fa-hai indagou respeitosamente: «Após a tua partida, a quem devem ser impartidos o manto e o ensinamento?»

O Mestre disse: «As palestras que dei no Grande Mosteiro de Brahma foram agora extraídas para circulação, chamadas o Sutra do Altar do Tesouro do Ensinamento. Preservai-o todos e passai-o adiante. Para libertar pessoas, segui apenas este ensinamento; isto chama-se ortodoxia.

«Agora explico o ensinamento, e não imparto o manto. Isso é porque as vossas raízes de fé são puras e maduras, certas, sem dúvida, capazes

da grande tarefa. Assim, de acordo com o significado de um verso do nosso ancestral espiritual Bodhidharma sobre transmissão, o manto não deve ser passado. O verso diz:

«Originalmente vim para esta terra

Para transmitir o ensinamento para salvar seres sencientes iludidos.

Uma flor abrir-se-á em cinco pétalas,

Formando um fruto que amadurecerá naturalmente.»

O Grande Mestre disse também:

Bons amigos, cada um de vós limpe a vossa mente para escutar o meu ensinamento. Se quiserdes realizar todo o conhecimento, deveis atingir a absorção na unidade e a absorção na atividade unificada.

Se não vos fixardes nas aparências onde quer que estejais, e não conceberdes aversão ou atração por essas aparências, e nem agarreis nem rejeiteis, e não penseis em coisas como ganho, sucesso ou falhanço, mas fordes pacíficos, serenos, vazios e fluidos, tranquilos e calmos, isto chama-se absorção na unidade.

Se a vossa mente não adulterada, indivisa, direta não se mover do local da iluminação onde quer que estejais, o que quer que estejais a fazer, com a realidade constituindo a Terra Pura, isto chama-se absorção na atividade unificada.

Se as pessoas tiverem estas duas absorções, é como a terra tendo sementes, que armazena e nutre, e amadurece os frutos. Assim é com a unidade e atividade unificada: o meu ensinamento agora é como chuva sazonal humedecendo a grande terra por todo o lado; as vossas naturezas-buda são como sementes, que todas crescerão quando completamente humedecidas assim.

Aqueles que recebem a minha mensagem certamente atingirão a iluminação; aqueles que seguem a minha prática definitivamente realizarão o resultado sublime.

Escutai o meu verso:

O terreno da mente contém as sementes:

Com chuva universal, todas brotam.

Quando tiverdes realizado subitamente o coração florido,

O fruto da iluminação amadurecerá naturalmente.

Tendo proferido este verso, o Mestre disse:

O ensinamento não tem dualismo, nem a mente; o Caminho é puro, sem sinais. Deveis ter cuidado para não contemplar a quietude e esvaziar as vossas mentes. A mente é originalmente limpa, sem nada para agarrar ou rejeitar. Cada um de vós trabalhe por si próprio, prosseguindo o melhor que puder de acordo com as circunstâncias.

Nesse momento, os discípulos curvaram-se e retiraram-se.

No oitavo dia do sétimo mês, o Grande Mestre disse aos seus discípulos: «Quero voltar à Província de Hsin; preparai um barco e remo imediatamente.»

Toda a congregação ficou entristecida e tentou muito adamantemente fazê-lo ficar.

O Grande Mestre disse: «Mesmo os budas que apareceram no mundo manifestamente passaram — o que vem deve ir. Este princípio é sempre assim. Este corpo físico meu certamente tem um lugar para retornar.»

As pessoas disseram: «Após partires, Mestre, poderás voltar?»

O Mestre disse: «Quando as folhas caem, retornam à raiz. Quando vier, não terei boca.»

Perguntaram também: «A quem é impartido o tesouro do olho do verdadeiro ensinamento?»

O Mestre disse: «Aqueles que têm o Caminho obtêm-no; aqueles que não têm mente compreendem-no.»

Perguntaram também: «Haverá algum problema mais tarde?»

O Mestre disse: «Cinco ou seis anos após a minha morte, alguém virá tomar a minha cabeça. Escutai a minha predição:

«Cuidar dos pais na cabeça,

Comer deve ser feito na boca.

Ao encontrar o problema da plenitude,

Os salgueiros tornam-se oficiais.»

O Mestre disse também: «Setenta anos após eu partir, dois bodhisattvas virão do Oriente. Um será um renunciante, o outro um leigo. Ensinando

ativamente na mesma era, estabelecerão a minha escola, organizando santuários e permitindo que herdeiros espirituais floresçam.»

Perguntaram: «Desde que os budas e Grandes Mestres apareceram em resposta à necessidade, quantas gerações tem sido transmitida? Por favor, conta-nos.»

O Mestre disse: «Os budas passados que responderam à necessidade do mundo já foram inumeráveis — não podem ser contados. Agora consideramos os Sete Budas como os primeiros: no Éon passado de Adorno, houve o Buda Vipasyin, o Buda Sikhin e o Buda Visvabhu; no presente Éon de Virtude, houve o Buda Krakucchanda, o Buda Kanakamuni, o Buda Kasyapa e o Buda Shakyamuni — estes foram os Sete Budas.

«Do Buda Shakyamuni, a transmissão passou por:

1. VENERÁVEL MAHA-KASYAPA
2. VENERÁVEL ANANDA
3. VENERÁVEL SANAVASA
4. VENERÁVEL UPAGUPTA
5. VENERÁVEL DHRTAKA
6. VENERÁVEL MICCHAKA
7. VENERÁVEL VASUMITRA
8. VENERÁVEL BUDDHANANDI
9. VENERÁVEL PUNYAMITRA
10. VENERÁVEL PARSVA
11. VENERÁVEL PUNYAYASAS
12. MAHASATTVA ASVAGHOSA
13. VENERÁVEL KAPIMALA
14. MAHASATTVA NAGARJUNA
15. VENERÁVEL KANADEVA
16. VENERÁVEL RAHULATA
17. VENERÁVEL SANGHANANDI
18. VENERÁVEL JAYASATA

19. VENERÁVEL KUMARATA
20. VENERÁVEL JAYATA
21. VENERÁVEL VASUBANDHU
22. VENERÁVEL MANORA
23. VENERÁVEL HAKLENA
24. VENERÁVEL SINHA
25. VENERÁVEL VASASITA
26. VENERÁVEL PUNYAMITRA
27. VENERÁVEL PRAJNATARA
28. VENERÁVEL BODHIDHARMA
29. GRANDE MESTRE HUI-K'E
30. GRANDE MESTRE SENG-TS'AN
31. GRANDE MESTRE TAO-HSIN
32. GRANDE MESTRE HUNG-JEN

«Eu, Hui-neng, sou o Trigésimo Terceiro Grande Mestre. Os Grandes Mestres ao longo da história tiveram cada um uma dotação: daqui em diante deveis comunicá-la através das gerações sem a deixar errar.»

No terceiro dia do oitavo mês de 713, após uma refeição vegetariana no Templo da Gratidão Nacional, o Grande Mestre disse à congregação de discípulos: «Cada um de vós permaneça sentado no vosso lugar; estou a deixar-vos.»

Fa-hai disse: «Mestre, que ensinamento deixas para permitir que as pessoas confusas das gerações posteriores vejam a natureza-buda?»

O Mestre disse: «Escutai todos claramente. Se as pessoas confusas das gerações posteriores conhecerem os seres comuns, então isto é natureza-buda.

Se não conhecerem os seres comuns, dificilmente encontrarão a natureza-buda mesmo que busquem por dez mil éones. Agora digo-vos, quando conhecerdes os seres comuns na vossa própria mente, vedes a natureza-buda na vossa própria mente. Se quiserdes ver buda, apenas conhecei os seres comuns. É apenas por causa dos seres comuns que

perdeis de vista o buda; não é o buda que perde de vista os seres comuns.

«Se a vossa própria natureza estiver iluminada, o ser comum é budado; se a vossa própria natureza estiver confusa, o budado é ser comum. Se a vossa própria natureza for imparcial, o ser comum é budado; se a vossa própria natureza for perversa, o budado é ser comum. Se as vossas mentes forem enviesadas e tortuosas, então o budado está submerso no ser comum; um único momento de equidade e honestidade, e o ser comum torna-se budado.

«As nossas mentes inerentemente têm buda nelas; o vosso próprio buda interior é o buda real. Se não houvesse mente-buda, onde buscaríamos o buda real? A vossa própria mente é buda. Não duvideis mais. Não há nada externo que possa estabelecer nada — é tudo a mente original concebendo todos os tipos de coisas. É por isso que a escritura diz: 'Quando a mente é despertada, todos os tipos de fenómenos surgem; quando a mente é quiescente, todos os tipos de fenómenos passam.'

«Agora vou deixar um hino como despedida para vós, chamado o Hino ao Buda Real da Natureza Interior. Se as pessoas das gerações posteriores conhecerem o significado deste hino, espontaneamente verão a mente original e espontaneamente atingirão o budado. O hino vai:

«Natureza intrínseca como realmente é — isso é o buda real.

Visões falsas e os três venenos são os demónios principais.

Quando há ilusão, os demónios estão na casa;

Quando há visão precisa, o buda está na sala de estar.

Quando visões falsas e os três venenos ocorrem na natureza de alguém,

Estes são chefes demónios vindo morar na casa.

Visão precisa naturalmente limpa a mente triplamente envenenada;

Demónios viram buda, real, nada artificial.

Corpo da realidade, corpo de recompensa e corpos de projeção —

As três encarnações são originalmente um corpo:

Se puderdes vê-los vós mesmos dentro da natureza essencial,

Esta é a causa de realizar a iluminação dos budas.

Natureza pura original nasce do corpo de projeção;

Natureza pura original está sempre imanente no corpo de projeção.

A natureza induz o corpo de projeção a ir pelo caminho certo

Para futuro cumprimento completo, realidade sem fim.

Natureza debochada é na raiz a base da natureza pura;

Elimina o deboche, e isto é o corpo da natureza pura.

Que cada um na vossa própria natureza se desligue dos cinco desejos;

No instante em que vedes a natureza, isto é realidade.

Se encontrardes o ensinamento da imediatidade nesta vida,

E subitamente realizardes a vossa própria natureza, vereis o Honrado do Mundo.

Se quiserdes cultivar práticas buscando tornar-vos buda,

Quem sabe onde tentareis buscar a realidade?

Se puderdes ver a realidade por vós mesmos na mente,

Ter realidade é a base de atingir o budado.

Se buscais o budado externamente sem ver a vossa própria natureza,

Quaisquer que sejam as vossas intenções, ainda sois um ignorante.

O ensinamento da imediatidade foi agora deixado

Para salvar as pessoas do mundo — mas deve ser praticado por si mesmo.

Anuncio aos futuros estudantes do Caminho:

Se não virdes isto, estais longe, longe.»

Após o Mestre ter recitado o hino, disse: «Todos vós deveis ficar bem. Após a minha partida, não entretais sentimentos mundanos e lamenteis, aceitai condolências de pessoas, ou vistais robes de luto. Se o fizerdes, não sois meus discípulos, e isto não é religião verdadeira.

«Apenas conhecei a vossa própria mente original e vede a vossa própria natureza original; não há nem movimento nem quietude, nem nascimento nem morte, nem ir nem vir, nem sim nem não, nem ficar nem partir.

«No caso de estardes confusos e não compreenderdes o meu significado, agora instruir-vos-ei novamente para vos permitir ver a natureza essencial. Se praticardes de acordo com isto após a minha partida, será como quando eu estava vivo; mas se violardes o meu ensinamento, mesmo que eu estivesse no mundo seria inútil.»

Então proferiu outro verso, dizendo:

«Imóvel, não cultivando bondade,

Efervescente, não fazendo mal,

Sereno, desligado dos sentidos,

Claro, mente sem fixação.»

Após o Mestre ter recitado este verso, sentou-se até à hora da meia-noite, quando subitamente disse aos seus discípulos: «Estou a partir!» Depois passou imediatamente.

Nesse momento, um aroma invulgar encheu o quarto. Um arco-íris branco tocou a terra, e as árvores da floresta tornaram-se brancas. Os pássaros e animais choraram tristemente.

No décimo primeiro mês, os oficiais de três províncias — Kuang, Shao e Hsin — bem como os discípulos, tanto monges como leigos, disputaram para hospedar o corpo do Mestre, e ninguém conseguia decidir onde devia ir. Finalmente acenderam incenso e rezaram para que o fumo do incenso apontasse para onde o Mestre devia ser sepultado.

Agora o fumo fragrante foi direito para Ts'ao-ch'i, por isso no décimo terceiro dia do décimo primeiro mês o caixão e o manto e taça que herdara foram movidos para lá. No sétimo mês do ano seguinte, o corpo foi removido do caixão, e o discípulo Fang-pien rebocou-o com pasta fragrante. As pessoas da escola recordaram a predição do Mestre de que a sua cabeça seria tomada, por isso o pescoço do Mestre foi seguramente protegido com chapa de ferro e pano laqueado; depois foi colocado na estupa. Subitamente uma luz branca apareceu de dentro da estupa, brilhando direita para o céu; não desapareceu durante três dias.

As autoridades da Província de Shao reportaram isto ao imperador, e foram comissionadas para erguer uma placa memorial resumindo a vida espiritual do Mestre.

O mestre viveu setenta e seis anos. Herdou o manto aos vinte e quatro anos, foi ordenado aos trinta e nove, e ensinou durante trinta e sete

anos. Os seus sucessores religiosos foram quarenta e três pessoas, enquanto aqueles que despertaram para o Caminho e transcenderam o comum foram incontáveis.

O manto da fé herdado de Bodhidharma, o vestuário e a taça de cristal dados pelo Imperador Chung-tsung, a imagem feita pelo escultor Fang-pien, bem como os seus utensílios, foram colocados para a eternidade no santuário da Floresta Preciosa. O Sutra do Altar foi preservado e transmitido para mostrar a mensagem da escola, fazendo com que o budismo floresça para o benefício universal de todos os seres vivos.

Comentário de Hui-neng sobre o SUTRA DO DIAMANTE Prefácio por HUI-NENG Sexto Grande Mestre do Zen O Sutra do Diamante tem o não-forma como fonte, o não-permanecer como substância, o ser subtil como função. Desde que Bodhidharma veio do Ocidente, para comunicar a intenção deste sutra, ele levou as pessoas a realizar o noumeno e a ver a natureza essencial.

Foi apenas porque as pessoas do mundo não veem a sua própria natureza essencial que o ensinamento de ver a natureza essencial foi estabelecido. Se as pessoas do mundo vissem claramente o corpo original da realidade tal como é, então não seria necessário estabelecer um ensinamento.

Este sutra é lido e recitado por incontáveis números de pessoas, louvado e elogiado por infinitos números de pessoas: mais de oitocentas pessoas compuseram comentários e notas explicativas, o raciocínio que expõem cada um de acordo com o que veem. No entanto, embora as perceções possam não ser as mesmas, a verdade não tem segunda.

Aqueles que desenvolveram anteriormente faculdades superiores compreenderão imediatamente ao ouvir uma vez. Aqueles que ainda não têm insight podem ler e recitar muitas vezes sem compreender o que Buda quis dizer; essa é a razão para interpretar o significado do sábio, para remover as dúvidas dos estudantes. Se obtiveres a mensagem essencial deste sutra para além de qualquer dúvida, não precisas de explicação.

As boas coisas expostas pelos Realizados desde tempos imemoriais são expostas com o propósito de eliminar as más atitudes das pessoas comuns. Os sutras são ditos de sábios, que ensinam as pessoas que os escutam a transcender o profano e realizar o sagrado, parando para sempre a confusão.

Este sutra de um só rolo existe originalmente na natureza essencial de todos os seres vivos. As pessoas que não o veem por si mesmas apenas leem e recitam letras escritas. Se realizares a tua mente original, realizarás pela primeira vez que este sutra não está em letras escritas. Se puderes compreender claramente a tua própria natureza essencial, só então acreditarás realmente que «todos os Budas emergem deste sutra».

Agora temo que as pessoas do mundo vejam Buda fora dos seus próprios corpos, ou persigam o sutra externamente, sem descobrir a mente interior, sem segurar o sutra interior. Portanto, compus estes «segredos do sutra» para levar os estudantes a segurar o sutra da mente interior e ver claramente por si mesmos a mente-buda pura, para além do número, impossível de conceber.

Se os estudantes de tempos posteriores tiverem dúvidas ao ler a escritura, quando virem esta interpretação, as suas dúvidas derreterão, e então não precisarão mais dos segredos. O que espero é que os estudantes vejam todos o ouro dentro do minério, e usem o fogo da sabedoria para o refinar. Quando a escória desaparecer, o ouro permanece.

O nosso professor original Shakyamuni Buda falou o Sutra do Diamante em Sravasti. Como Subhuti levantou questões, o Buda explicou com muita compaixão para ele. Subhuti atingiu a iluminação ao ouvir o ensinamento, e pediu a Buda para dar ao ensinamento um nome de acordo com o qual as pessoas posteriores pudessem absorvê-lo e segurá-lo.

Portanto, o sutra diz: «O Buda disse a Subhuti: 'Este sutra é chamado Diamante Prajnaparamita, e deves sustentá-lo por este nome.'»

O «diamante prajnaparamita» de que o Realizado fala toma o seu nome de uma metáfora para a verdade. O que significa? O diamante é extremamente afiado por natureza e pode romper todos os tipos de coisas. Mas embora o diamante seja extremamente duro, o chifre pode quebrá-lo. O diamante representa a natureza-buda, o chifre representa as aflições. Duro como o diamante é, o chifre pode quebrá-lo; estável embora a natureza-buda seja, as aflições podem desarranjá-la.

Mesmo que as aflições possam ser intratáveis, o conhecimento prajna pode destruí-las; mesmo que o chifre possa ser duro, o aço fino pode quebrá-lo. Aqueles que realizam este princípio veem claramente a natureza essencial. O Nirvana-sutra diz: «Aqueles que veem a natureza-

buda não são chamados pessoas comuns; aqueles que não veem a natureza-buda são chamados pessoas comuns.»

A metáfora do diamante exposta pelo Realizado é para o bem das pessoas no mundo sem estabilidade de natureza: elas podem recitar a escritura, mas a iluminação não se desenvolve. Se praticassem interiormente bem como recitassem exteriormente, seriam igualmente iluminadas. Se não forem firmes interiormente, a estabilidade e o insight são perdidos; se praticarem mentalmente bem como recitarem verbalmente, a estabilidade e o insight serão iguais. Isto é chamado o fim último.

O ouro está na montanha, mas a montanha não sabe que é precioso, e o tesouro também não sabe que isto é uma montanha. Porquê? Porque são inanimados. Os seres humanos são animados, e aproveitam o uso do tesouro. Se encontrarem um trabalhador de metal para minerar a montanha, tirar o minério e fundi-lo, eventualmente torna-se ouro puro, para ser usado à vontade para escapar às dores da pobreza.

Assim é com a natureza-buda no corpo físico. O corpo é como o mundo, o eu pessoal é como a montanha, as aflições são como o minério, a natureza-buda é como o ouro, a sabedoria é como o mestre artesão, a intensidade da diligência é como escavar. No mundo do corpo está a montanha do eu pessoal, na montanha do eu pessoal está o minério da aflição; no minério da aflição está a joia da natureza-buda. Dentro da joia da natureza-buda está o mestre artesão da sabedoria.

Empregamos o mestre artesão da sabedoria para perfurar a montanha do eu pessoal e descobrir o minério das aflições, fundi-lo no fogo do despertar, e ver a nossa própria natureza-buda adamantina, perfeitamente luminosa e clara. Portanto, o diamante é usado como metáfora, e daí o nome.

Se apenas compreenderes mas não agires de acordo, há o nome sem substância. Se compreenderes o significado e o puseres em prática, nome e substância estão ambos presentes. Se não o cultivares, és um mortal comum; se o cultivares, és o mesmo que um sábio. Portanto, chama-se diamante.

O que significa prajna? Prajna é uma palavra sânscrita, traduzida para chinês como «sabedoria insightful». Insight é não dar origem a atitudes ignorantes, sabedoria é ter os expedientes apropriados. Insight é a substância da sabedoria, sabedoria é a função do insight. Se houver sabedoria na substância, a função é insightful e não ignorante; se não

houver sabedoria na substância, a função é ignorante, sem insight. É apenas para nos livrarmos da ignorância, da tolice e de não sermos iluminados que cultivamos a sabedoria insightful.

O que significa paramita? É traduzido para chinês por «alcançar a outra margem». Alcançar a outra margem significa desapego do nascimento e da morte. Apenas porque as pessoas do mundo carecem de estabilidade de natureza, elas encontram aparências de nascimento e morte em todas as coisas, fluem nas ondas de vários cursos de existência, e não chegaram ao terreno da realidade tal como é: tudo isto é «esta margem». É necessário ter grande sabedoria insightful, completa em relação a todas as coisas, desapegada das aparências de nascimento e morte — isto é «alcançar a outra margem».

Também se diz que quando a mente está confusa, é «esta margem». Quando a mente está iluminada, é «a outra margem». Quando a mente está distorcida, é «esta margem». Quando a mente está sã, é «a outra margem». Se falares dela e a praticares mentalmente, então o teu próprio corpo de realidade está imbuído de paramita. Se falares dela mas não a praticares mentalmente, então não há paramita.

O que significa sutra? Significa um curso; é uma estrada para a realização do budado. Sempre que as pessoas quiserem entrar nesta estrada, devem cultivar interiormente a aplicação de prajna para ler o fim último. Se puderes apenas recitá-lo e não agires de acordo mentalmente, então não há sutra, não há curso. Se vires verdadeiramente e agires verdadeiramente, então há um sutra na tua própria mente.

Portanto, o Realizado intitulou este sutra o Sutra do Diamante Prajnaparamita.

1 A Causa e Razão da Assembleia de Ensinamento O Primeiro-Ministro Zhang Wujin, o leigo, disse: «Se não fosse pelo ensinamento, não haveria maneira de falar sobre o vazio; se não fosse pelo insight, não haveria maneira de expor o ensinamento. A profusão de miríades de coisas é chamada a causa, a sensibilidade responsiva de uma mente é chamada a razão. Assim, o sutra começa com uma secção sobre a causa e razão da assembleia de ensinamento.»

Assim ouvi:

Ananda afirma que ouviu tal ensinamento do Buda, para tornar claro que não está a falar por si mesmo: é por isso que diz: «Assim ouvi.»

Também, «eu» é natureza, natureza é «eu». Todas as ações, internas e externas, vêm da natureza. Como ouve tudo, diz-se que «eu ouvi».

Numa ocasião, Buda estava no campo de Sravasti, no Bosque de Jeta doado por Sudatta,

«Numa ocasião» significa o encontro de professor e aprendizes, o tempo em que todos estão juntos. «Buda» é aquele que está a ensinar; «estava em» é para mostrar a localização.

O campo de Sravasti estava no país do Rei Prasenajit [Kosala era o país, Sravasti uma cidade]. Jeta era o príncipe herdeiro; o bosque era um presente do Príncipe Jeta. O bosque originalmente pertencia ao magnata Sudatta. [Na verdade, foi comprado a Jeta por Sudatta e dado a Buda.]

«Buda» é uma palavra sânscrita, traduzida em chinês como Despertado. Despertar tem dois significados. Um é despertar exterior, vendo o vazio de todas as coisas. O outro é busca interior conhecendo o vazio e silêncio da mente, não sendo influenciado por objetos dos seis sentidos. Exteriormente não buscando falhas alheias, interiormente não sendo confundido por falsidade e erro, é portanto chamado despertar. Quando despertado, és buda.

juntamente com uma multidão de 1.250 grandes mendicantes.

«Com» significa que o Buda estava com os mendicantes no local sem forma da iluminação. Eram «grandes» mendicantes porque eram grandes arhats. A palavra sânscrita bhikshu para mendicante é traduzida em chinês como «capaz de superar os seis ladrões». Mil duzentos e cinquenta é o número de mendicantes; «juntamente» refere-se à sua presença comum na assembleia espiritual de equanimidade.

Nessa ocasião, o Honrado do Mundo vestiu um manto exterior na hora da refeição, pegou numa taça e foi para a cidade de Sravasti e pediu comida na cidade.

«Nessa ocasião» era final da manhã, quase hora da refeição. Vestiu um manto exterior e pegou numa taça para mostrar um exemplo educativo. Dizer «pediu comida» representa a capacidade do Realizado de humilhar a sua mente para com todas as pessoas.

Após pedir de casa em casa, regressou ao seu lugar original. Após comer a sua refeição, guardou o manto e a taça. Lavando os pés, estendeu um tapete e sentou-se.

Pedir de casa em casa implica que não escolheu entre pobres e ricos, ensinando o igualitarismo. «Após pedir» significa que não foi a mais de sete casas. Uma vez que foi a sete casas, não ia a mais nenhuma.

Diz-se que «regressou ao seu lugar original» porque a intenção de Buda era regular os mendicantes, de modo que não fossem prontamente às casas dos leigos, exceto quando convidados.

Em «lavando os pés», o Realizado demonstrou identificação com o homem comum. No entanto, no ensinamento do Grande Veículo, limpar apenas as mãos e os pés não é considerado limpeza, pois limpar as mãos e os pés não é comparável a limpar a mente. Se a mente estiver limpa por um momento, então a sujidade do pecado é removida.

2 Subhuti Inicia o Questionamento Ativando insight do vazio, pergunta e resposta iluminam-se mutuamente. Portanto, o sutra segue com uma secção sobre Subhuti iniciando o questionamento.

Nessa ocasião, o ancião Subhuti estava na multidão. Levantou-se do seu lugar, descobriu o ombro direito, ajoelhou-se no joelho direito, juntou as palmas em respeito e disse ao Buda: «É maravilhoso, Honrado do Mundo, quão bem o Realizado cuida dos bodhisattvas, quão bem instrui os bodhisattvas.»

O «Realizado» é a natureza original que vem da realidade tal como é. «Cuidar» significa proteger os bodhisattvas com o ensinamento de prajnaparamita. «Instruir» significa que o Realizado transmite o ensinamento de prajnaparamita a Subhuti e aos outros grandes bodhisattvas. «Cuidar» significa levar os aprendizes a cuidar dos seus próprios corpos e mentes com a sabedoria prajna, não permitindo a ocorrência arbitrária de ódio e amor, ou infeção por objetos externos dos seis sentidos, caindo no mar amargo do nascimento e da morte.

Quando cada pensamento na tua própria mente é sempre verdadeiro, e a falsidade não é permitida, o Realizado na tua própria natureza cuida habilmente de si mesmo.

Quanto à instrução habil, quando o pensamento precedente é puro, então o pensamento sucessor é puro: quando não há interrupção, ultimamente isso leva à libertação. O Realizado instruiu cuidadosamente as pessoas, incluindo as da sua congregação, que deviam praticar sempre isto: portanto, diz-se que instrui bem.

«Bodhisattva» é uma palavra sânscrita, traduzida em chinês como pessoas com o espírito do Caminho, e também seres conscientes

despertados. O espírito do Caminho significa sempre comportar-se respeitosamente, respeitando e amando universalmente todas as criaturas, sem desdém — esta é a razão pela qual alguém é chamado bodhisattva.

«Honrado do Mundo, quando bons homens e boas mulheres definem os seus corações na iluminação suprema perfeita completa, como devem viver? Como devem conquistar as suas mentes?»

«Bom homem» significa uma mente equânime, e também uma mente corretamente estabilizada. Pode aperfeiçoar todas as boas qualidades e é desobstruída onde quer que vá. «Boa mulher» significa uma mente verdadeiramente insightful. De uma mente verdadeiramente insightful, todas as boas qualidades podem ser produzidas, quer deliberadas quer espontâneas.

Subhuti pergunta como todas as pessoas que definiram os seus corações na iluminação suprema perfeita completa devem viver, e como devem conquistar as suas mentes. Subhuti vê que todas as pessoas comuns estão continuamente inquietas, como poeira rodopiante; a agitação mental surge como um redemoinho, continuando pensamento após pensamento, sem pausa. A questão é como conquistar a mente para praticar o cultivo.

O Buda disse: «Bom, Subhuti! Como dizes, o Realizado cuida bem dos bodhisattvas, e instrui bem os bodhisattvas. Escuta claramente agora; explicar-te-ei.

«Quando bons homens e boas mulheres definem os seus corações na iluminação suprema perfeita completa, devem viver e conquistar as suas mentes assim.»

«Sim, de facto, Honrado do Mundo. Gostaríamos de ouvir sobre isso.»

3 A Verdadeira Fonte do Grande Veículo A fonte está para além do verdadeiro e falso, o veículo não tem grande nem pequeno; mas o ensinamento e a libertação são realizados de acordo com as diferenças nas faculdades das pessoas. Para pôr de lado doutrinas diferentes e destacar o digno, o sutra segue com uma secção sobre a verdadeira fonte do Grande Veículo.

O Buda disse a Subhuti: «Os bodhisattva mahasattvas devem conquistar as suas mentes assim:»

Quando o pensamento precedente é puro e o pensamento sucessor é puro, isto chama-se ser um bodhisattva. Quando não se regressa, pensamento após pensamento, e a mente está sempre pura mesmo no meio dos trabalhos mundanos, isto chama-se mahasattva.

Também, ensinar e libertar pessoas com bondade, compaixão, alegria e equanimidade, e todos os tipos de habilidades apropriadas, chama-se ser um bodhisattva. Aqueles que não estão mentalmente fixados nem no professor nem nos ensinados chamam-se mahasattva.

Respeitar todos os seres vivos é onde conquistas a tua própria mente. A realidade não muda, a talidade não difere: quando a mente não muda nem difere em qualquer situação, isso chama-se realidade tal como é.

Também, não ser artificial exteriormente chama-se realidade, não ser vazio interiormente chama-se talidade. Quando não há digressão pensamento a pensamento, isso chama-se conquistar a mente.

«Todos os tipos de seres vivos — sejam nascidos de ovos, nascidos de úteros, nascidos de humidade, ou nascidos de transmutação, sejam materiais, imateriais, pensantes ou não pensantes, ou nem pensantes nem não pensantes — faço-os todos entrar no nirvana sem resto . . .»

«Nascidos de ovos» significa confusão, «nascidos de úteros» significa habituação, «nascidos de humidade» significa desvio, «nascidos de transformação» significa opiniosidade. A confusão é a razão para criar todos os tipos de karma, a habituação é a razão para rotinas repetitivas constantes; uma mente desviada é instável, e a opiniosidade tende para a obsessão.

Quando excitas a mente sobre cultivar a mente, com visões arbitrárias de certo e errado, interiormente não realizas a verdade sem forma. Isto chama-se ser material.

Quando manténs a simplicidade na tua mente interior e não praticas respeito e caridade, se apenas disseres que a mente simples é buda e não cultivares virtude e conhecimento, isso chama-se ser imaterial.

Se não compreenderes o caminho do meio, mas vires e ouvires e pensares e ponderares, fixado nos exteriores da doutrina, falando sobre a conduta de Buda sem a aplicar na tua própria mente, isso chama-se ter pensamento.

Pessoas confusas que se sentam em meditação fanaticamente tentando livrar-se da ilusão e não aprendem bondade, compaixão, alegria,

equanimidade, sabedoria e habilidades expedientes, e assim são como madeira ou pedra, sem qualquer função, chamam-se não pensantes.

Não se agarrar ao conceito de dualidade chama-se «nem pensante», enquanto ainda buscar conscientemente o noumeno chama-se «nem não pensante».

As aflições diferem de miríades de maneiras; todas elas sujam a mente. As formas físicas são incontáveis; todas são chamadas seres vivos. O Realizado ensina todos com grande compaixão, permitindo que todos entrem no nirvana sem resto.

«. . . e assim libertá-los através da extinção.»

O Realizado aponta que cada ser vivo no universo tem o coração sublime do nirvana, causando-lhes realizá-lo por si mesmos e entrar no nirvana sem resto. «Sem resto» significa que não há forças habituais ou aflições; «nirvana» significa pureza completa. Isto é atingido apenas extinguindo todas as energias habituais, causando que nunca ocorram. «Libertação» significa atravessar o oceano do nascimento e da morte.

A mente de Buda é imparcial, desejando entrar no nirvana sem resto puro completo e atravessar o oceano do nascimento e da morte juntamente com todos os seres vivos, partilhando a mesma realização de todos os budas.

Há pessoas que compreendem e praticam mas entretêm um sentido de realização, produzindo uma imagem de si, o que se chama ego religioso. Só quando te livras do ego religioso é que se chama libertação através da extinção.

«Assim liberto seres inumeráveis, incontáveis, infinitos através da extinção, enquanto na realidade não há seres atingindo libertação através da extinção.»

«Assim» refere-se ao ensinamento anterior; libertação através da extinção é grande libertação. Grande libertação significa que aflições, energias habituais e todos os obstáculos kármicos estão completamente extintos, sem resto. Isto chama-se grande libertação.

Seres inumeráveis, incontáveis, infinitos originalmente têm as suas próprias aflições individuais de todos os tipos, karma mau ganancioso e irado: se isto não for removido, nunca podem atingir a libertação. Portanto, Buda disse: «Assim liberto seres inumeráveis, incontáveis, infinitos através da extinção.»

Quando todas as pessoas confusas realizarem a sua própria natureza essencial, pela primeira vez saberão que Buda não entretém uma imagem de si, e não possui conhecimento próprio — quando é que alguma vez libertou seres?

É apenas porque as pessoas comuns não veem a sua própria mente original que não sabem o que Buda quis dizer — agarram-se obsessivamente às aparências externas das coisas e não chegam à verdade interior não criada.

Aqueles que não estão livres da personalidade egoísta chamam-se «seres». Se te desapegares desta doença, na realidade não há «seres» para atingir libertação através da extinção. Portanto, diz-se: «Quando não há mente errante, manifestas a iluminação; samsara e nirvana são originalmente iguais.» Que libertação através da extinção há?

«Porquê? Subhuti, se os bodhisattvas tiverem imagens de si, imagens de pessoa, imagens de ser, imagens de vivente, não são bodhisattvas.»

A natureza-buda dos seres comuns não tem diferença, mas eles não entram no nirvana sem resto porque têm quatro imagens. Se tiverem as quatro imagens, são seres comuns; sem elas, são budas. Quando confusos, os budas são seres comuns; quando iluminados, os seres comuns são budas.

Quando pessoas confusas menosprezam todos por terem riqueza, educação e estatuto social, isso chama-se imagem de si.

Mesmo se praticarem benevolência, dever, cortesia, inteligência e fé, se forem vaidosos sobre isso e não praticarem respeito universal, dizendo, em efeito, «Eu sei como praticar benevolência, dever, cortesia, inteligência e fé, por isso não preciso de te respeitar», isto chama-se imagem de pessoa.

Reclamar coisas boas para si e passar coisas más para os outros chama-se imagem de ser.

Discriminação entre coisas, agarrando e rejeitando, chama-se imagem de vivente.

Estas chamam-se as quatro imagens das pessoas comuns.

Os praticantes religiosos também têm quatro imagens. Quando há sujeito e objeto na mente e se menospreza os seres, isto chama-se imagem de si. Presumir sobre a observância de preceitos e menosprezar aqueles que quebram preceitos chama-se imagem de pessoa. Desdenhar as

misérias dos três pântanos e desejar nascer nos céus é imagem de ser. Prática diligente de boas ações por amor à vida longa, sem esquecer apegos, é imagem de vivente. Aqueles que têm estas quatro imagens são seres comuns; aqueles sem estas quatro imagens são budas.

4 Prática Subtil sem Permanecer Quando ages de acordo com a fonte, não permaneces nas aparências. Portanto, a escritura continua com uma secção sobre prática subtil sem permanecer.

«Além disso, Subhuti, os bodhisattvas não devem permanecer em nada enquanto praticam caridade. Isso significa praticar caridade sem permanecer em formas, praticar caridade sem permanecer em sons, aromas, sabores, sensações ou fenómenos.»

Quando as pessoas comuns praticam caridade, apenas buscam dignidade pessoal, ou prazer de prazer: é por isso que mergulham de volta nos três pântanos quando as suas recompensas se esgotam. O Honrado do Mundo é muito bondoso, ensinando a prática de caridade sem forma, não buscando dignidade pessoal ou prazer; apenas nos faz destruir interiormente a atitude de avareza enquanto ajudamos exteriormente todos os seres. Harmonizando assim chama-se praticar caridade sem permanecer em forma.

«Subhuti, os bodhisattvas devem praticar caridade assim, não permanecendo em aparências.»

Praticar caridade de acordo com uma mente sem forma assim significa que não há sentido de ser caritativo, nem ideia de um dom, nem noção de um recipiente. Isto chama-se praticar caridade sem permanecer em aparências.

«Porquê? Porque se os bodhisattvas praticarem caridade sem permanecer em aparências, as bênçãos são inconcebíveis.»

Os bodhisattvas praticam caridade sem buscar nada — as bênçãos que ganham são imensuráveis como o espaço das dez direções.

De acordo com uma explicação, a prática de caridade é dispersão universal. Se puderes dispersar interiormente todos os falsos pensamentos, energias habituais e aflições na mente, as quatro imagens desaparecem, e nada é armazenado — isto é verdadeira doação.

Também, para explicar ainda mais a doação, isto depende de não permanecer em objetos dos sentidos, e não ter discriminações contaminadas. Deve-se apenas retornar à pureza e realizar que todos os

fenómenos são vazios. Se não compreenderes isto, apenas aumentas o karma.

Portanto, devemos interiormente livrar-nos da ganância enquanto praticamos generosidade exteriormente. Quando interior e exterior correspondem, as bênçãos obtidas são infinitas.

Se vires pessoas fazendo mal mas não vires as suas falhas, a tua própria natureza não criando pensamentos discriminatórios, isto chama-se desapego das aparências. Se cultivares prática de acordo com o ensinamento, e não houver sujeito e objeto na mente, isto é um bom estado. Se um praticante tiver sujeito e objeto na mente, isto não se chama um bom estado. Enquanto o sentido de sujeito e objeto não for extinto, nunca se atingirá a libertação.

Se aplicares sempre a sabedoria prajna momento a momento, as bênçãos são infinitas. Se praticares desta forma, ganhas a reverência e apoio de todas as pessoas e espíritos — estas chamam-se bênçãos. Se praticares sempre caridade sem permanecer em aparências, respeitando universalmente todos os seres, o mérito e virtude não têm limites e não podem ser medidos.

«Subhuti, o que pensas — é o espaço a leste mensurável em pensamento?»

«Não, Honrado do Mundo.»

«Subhuti, é o espaço a sul, ou a oeste, ou a norte, ou as quatro direções intermédias, ou o zénite, ou o nadir, mensurável em pensamento?»

«Não, Honrado do Mundo.»

«Subhuti, a bênção da prática de caridade dos bodhisattvas sem permanecer em aparências é também assim — não pode ser medida em pensamento.»

Buda diz que o espaço não tem limites e não pode ser medido. As bênçãos realizadas pela caridade dos bodhisattvas sem permanecer em aparências são também como o espaço em serem incalculáveis e sem limites.

Nada no mundo é maior que o espaço, nenhuma natureza é maior que a natureza-buda. Porquê? O que tem forma e forma não pode ser chamado grande; o espaço não tem forma nem forma, por isso pode ser chamado grande.

Todas as naturezas têm limitações, por isso não podem ser chamadas grandes; a natureza-buda não tem limitações, por isso é chamada grande.

No espaço não há leste, oeste, sul ou norte: se vires leste, oeste, sul e norte, isto também é permanecer em aparências, e assim não atinges a libertação. A natureza-buda fundamentalmente não tem si, pessoa, ser ou vivente: se estas imagens forem evidentes, isto é uma natureza de seres comuns, não para ser chamada natureza-buda. É também o que se refere como caridade permanecendo em aparências.

Enquanto no contexto da mente iludida se diz que há leste, oeste, norte e sul, no contexto da verdade abstrata, como podem existir? O chamado leste e oeste não são reais — como poderiam sul e norte ser diferentes?

A nossa própria natureza é originalmente aberta, pacífica e unificada, não discriminando nada; portanto, o Realizado louva profundamente não conceber pensamentos discriminatórios.

«Subhuti, os bodhisattvas devem apenas viver como são ensinados.»

Apenas de acordo com o ensinamento anterior, permanecendo em caridade sem forma, e és um bodhisattva.

5 Ver Real de Acordo com a Verdade Quando cada ato está de acordo com a talidade, isto chama-se ver real. Portanto, o sutra continua com uma secção sobre ver real de acordo com a verdade.

«Subhuti, o que pensas — é possível ver o Realizado em termos de características físicas?»

«Não, Honrado do Mundo; não é possível ver o Realizado em termos de características físicas.»

O corpo físico tem forma, o corpo de realidade é sem forma. O corpo físico é composto de elementos grosseiros, nascido de um pai e uma mãe, visível ao olho físico. O corpo de realidade não tem forma discreta, nem cor, nem aparência alguma; invisível ao olho físico, pode ser visto pelo olho da sabedoria.

As pessoas comuns apenas veem o Realizado encarnado fisicamente, não o Realizado encarnando a realidade. A encarnação do corpo de realidade é igual ao espaço; é por isso que Buda pergunta a Subhuti se é possível ver o Realizado em termos de aparência física.

Subhuti sabe que as pessoas comuns veem apenas o Realizado encarnado fisicamente, não o Realizado encarnando a realidade; portanto, responde que não é possível ver o Realizado em termos de características físicas.

«Porquê? Porque as características físicas explicadas pelo Realizado não são características físicas.»

O corpo físico consiste em características, o corpo de realidade é essência. Todo o bem e mal vem do corpo físico, não do corpo de realidade. Se o corpo físico faz mal, o corpo de realidade não é regenerado em bons estados; se o corpo físico faz bem, o corpo de realidade não cai em maus estados.

As pessoas comuns, vendo apenas o corpo físico e não o corpo de realidade, não podem praticar caridade sem permanecer em aparências, não podem praticar comportamento imparcial em todas as situações, e não podem respeitar universalmente todos os seres.

Aqueles que veem o corpo de realidade podem praticar caridade sem permanecer em aparências, podem respeitar universalmente todos os seres, e podem cultivar a prática de prajnaparamita, perfeição da sabedoria: então acreditam verdadeiramente que todos os seres têm a mesma essência verdadeira única, fundamentalmente pura e não poluída, com funções incontáveis.

O Buda disse a Subhuti: «Todas as aparências são ilusórias; se vires que as aparências não são características, então vês o Realizado.»

O Realizado quer revelar o corpo de realidade, por isso diz que todas as aparências são ilusórias. Se vires que todas as aparências são ilusórias e irreais, então vês a verdade sem forma do Realizado.

6 A Raridade da Verdadeira Fé Ver e acreditar, a raiz do bem é profunda e firme. Portanto, o sutra segue com uma secção sobre a raridade da verdadeira fé.

Subhuti disse ao Buda: «Honrado do Mundo, haverá alguém que, ao ouvir esta exposição, desenvolva fé genuína?»

Subhuti está a perguntar: «Este ensinamento é muito profundo, difícil de acreditar, difícil de compreender; a inteligência e o insight das pessoas comuns da era final são ligeiros e inferiores — como podem acreditar nele?» A resposta de Buda segue.

Buda disse a Subhuti: «Não fales assim. Nos últimos quinhentos anos após a morte do Realizado, haverá aqueles que guardam os preceitos e fazem boas ações que serão capazes de conceber crença nesta exposição, considerando-a verdadeira. Deves saber que essas pessoas terão plantado raízes de bondade, não com um, dois, três, quatro ou cinco budas, mas com infinitos milhares de miríades de budas. Conceberão crença pura ao ouvir esta exposição mesmo por um momento.»

Nos últimos quinhentos anos após a minha partida, se houver pessoas que possam guardar os preceitos sem forma do Grande Veículo, não agarrando erroneamente aparências e não agindo rotinas compulsivas, cujas mentes estão sempre vazias e quietas e não limitadas por aparências, então esta é a mente permanecendo em lugar nenhum; esta mente pode acreditar no ensinamento profundo do Realizado. O que essas pessoas dizem é verdadeiro e confiável. Porquê? Essas pessoas plantaram raízes de bondade, não meramente por um, dois, três, quatro ou cinco éones, mas por infinitos milhares de miríades de milhões de éones.

Por esta razão, o Realizado diz: «Nos últimos quinhentos anos após a minha morte, se houver aqueles que possam cultivar a sua conduta desapegados de aparências, deves saber que essas pessoas plantaram raízes de bondade, não meramente com um, dois, três, quatro ou cinco budas.» O que significa plantar raízes de bondade? Pode ser brevemente exposto como segue:

Significa apoiar de todo o coração os budas e seguir os seus ensinamentos, enquanto se é sempre respeitoso e obediente aos bodhisattvas, amigos espirituais, professores, pais, idosos, dignos experientes e anciãos veneráveis. Isto chama-se plantar raízes de bondade.

Desenvolver uma atitude de misericórdia e compaixão para com todos os seres que sofrem por causa do desejo, não concebendo desdém por eles, dando-lhes o que precisam de acordo com a capacidade de cada um — isto chama-se plantar raízes de bondade.

Ser gentil e tolerante com todos os tipos maus, tratando-os afavelmente e não os provocando, causando-lhes desenvolver um sentido de alegria, e parar de ser teimosamente perversos — isto chama-se plantar raízes de bondade.

Não matar ou ferir seres vivos, não enganar e não os desprezar, não os montar ou bater, não comer a sua carne, agindo sempre para o seu benefício — isto chama-se plantar raízes de bondade.

Quanto à crença, isto significa acreditar que prajnaparamita pode eliminar todas as aflições; acreditar que prajnaparamita pode aperfeiçoar todas as virtudes transmundanas; acreditar que prajnaparamita pode produzir todos os budas; acreditar que a natureza-buda no teu próprio corpo é originalmente pura, sem defilemento, igual à natureza-buda dos budas; acreditar que todos os tipos de seres são originalmente sem forma; acreditar que todos os seres podem atingir o budado — isto chama-se crença pura.

«Subhuti, o Realizado conhece e vê todos esses seres atingindo bênçãos infinitas desta forma. Porquê? Esses seres não têm mais imagem de si, imagem de pessoa, imagem de ser, ou imagem de vivente. Não têm imagem de verdade, nem imagem de não-verdade.»

Após a morte do Realizado, se as pessoas desenvolverem a consciência de prajnaparamita e praticarem a aplicação de prajnaparamita, cultivando entendimento iluminado e atingindo o significado profundo dos budas, são todos conhecidos pelos budas. Se as pessoas ouvirem o ensinamento do veículo superior e o aceitarem e guardarem de todo o coração, então serão capazes de praticar a aplicação sem forma, não obsessiva de prajnaparamita, totalmente sem as quatro imagens de si, pessoa, ser e vivente.

Não si significa não matéria, sensação, conceção, condicionamento ou consciência. Não pessoa significa compreender que os elementos grosseiros não são substanciais e ultimamente desintegram. Não ser significa não mente nascendo e morrendo. Não vivente significa que os nossos corpos são originalmente inexistentes — como pode haver um vivente?

Uma vez que as quatro imagens desaparecem, o olho objetivo é completamente claro, não apegado à existência ou não existência, desapegado de ambos os extremos: o Realizado da tua própria mente realiza-se e desperta-se a si mesmo, desapegando-se para sempre dos trabalhos mundanos e pensamentos errantes, naturalmente atingindo bênçãos sem limite.

Dizer que não há imagem de verdade significa estar desapegado de rótulos e para além das aparências, não preso em palavras. Dizer que não há imagem de não-verdade significa que não se pode dizer que não

há verdade em prajnaparamita. Se disseres que não há verdade em prajnaparamita, isto é repudiar o ensinamento.

«Porquê? Se as mentes desses seres se agarrassem a aparências, estariam apegados a si, pessoa, ser e vivente. Se se agarrassem a uma imagem de verdade, estariam apegados a si, pessoa, ser e vivente. Porquê? Se se agarrassem a uma imagem de não-verdade, estariam apegados a si, pessoa, ser e vivente.

«Portanto, não deves agarrar-te à verdade, e não deves agarrar-te à não-verdade. Neste sentido, o Realizado sempre diz que vós mendicantes sabeis que a verdade que ensino é como uma jangada; até a verdade deve ser relinquida, quanto mais a não-verdade.»

«Verdade» significa a verdade de prajnaparamita, perfeição da sabedoria; «não-verdade» significa ensinamentos para renascimento no céu. A verdade de prajnaparamita pode permitir que todos os seres atravessem o oceano do nascimento e da morte; uma vez atravessados, não devem permanecer nela, muito menos ficarem obcecados com ensinamentos para renascimento no céu.

7 Sem Realização e Sem Pregação Realização sem realização chama-se verdadeira realização; ensino sem pregação chama-se verdadeiro ensino. Portanto, o sutra segue com uma secção sobre sem realização e sem pregação.

«Subhuti, o que pensas — o Realizado atingiu a iluminação suprema perfeita completa inigualável? O Realizado tem alguma doutrina para pregar?»

Subhuti disse: «Como compreendo os princípios expostos pelo Realizado, não há estado fixo chamado iluminação suprema perfeita completa inigualável, e não há doutrina fixa para o Realizado pregar.»

O «inigualável» não é atingido de fora — enquanto não houver sujeito e objeto na mente, isto é. A medicina é prescrita de acordo com a doença, o ensino é dado de acordo com a aplicabilidade situacional — como poderia haver alguma doutrina fixa?

No ensino verdadeiro inigualável do Realizado, a mente fundamentalmente não tem realização, e no entanto não se diz que não realiza. É apenas porque as perceções das pessoas não são as mesmas que o Realizado adapta às suas faculdades com vários métodos expedientes para os induzir a desapegarem-se das suas obsessões. Ele aponta que as mentes errantes de todos os seres comuns flutuam

incessantemente, agindo em busca de objetos. Do surgimento momentâneo do pensamento precedente, o pensamento sucessor deve estar ciente: como a consciência não permanece, a visão também não permanece. Sendo assim, como poderia haver uma doutrina fixa para o Realizado expor?

No termo inigualável, o prefixo in- significa que não há pensamentos errantes na mente; «igualável» significa que não há presunção na mente. «Completa» significa que a mente está sempre num estado de estabilização correta e insight preciso. «Iluminação perfeita» significa que a mente está sempre vazia e silenciosa. Se a mentalidade comum for posta de lado mesmo por um momento, vês a natureza-buda.

«Porquê? As doutrinas ensinadas pelo Realizado não devem ser agarradas, e não devem ser pregadas; não são verdades nem não-verdades.»

Para que as pessoas não se fixem nas expressões verbais usadas pelo Realizado, falhem em realizar a verdade sem forma, e criem erroneamente interpretações, Buda diz que não devem ser agarradas. Como poderia haver alguma fixidade em explicações dadas pelo Realizado de acordo com potencial e capacidade para edificar todos os tipos de pessoas?

Estudantes que não compreendem o significado profundo do Realizado mas apenas recitam os ensinamentos expostos pelo Realizado sem realizar a mente original nunca atingem o budado.

É por isso que o sutra diz que as doutrinas não devem ser pregadas.

Repetição verbal sem aplicação mental não é verdade; repetição verbal com aplicação mental, realizando que nada é obtido, não é não-verdade.

«Qual é a razão? Todos os santos e sábios existem através da verdade não criada, no entanto têm diferenças.»

As compreensões das mentalidades dos três veículos não são as mesmas; as suas perceções têm diferenças em profundidade. É por isso que diz que têm diferenças.

A verdade não criada exposta por Buda é não-permanecer. Não-permanecer é sem forma, sem forma tem não origem; o que não tem origem não tem destruição. Claro, livre, vazio e silencioso, perceção e ação igualmente iluminadas, consciência espelhada desobstruída — isto é verdadeiramente a natureza-buda libertada.

Buda é despertar, despertar é consciência observante, consciência observante é sabedoria insightful, sabedoria insightful é prajnaparamita.

8 Emergência na Vida através da Verdade Se não há realização nem pregação, há medo de afundar no vazio. Todos os budas emergem deste sutra, por isso segue com uma secção sobre emergência na vida através da verdade.

«Subhuti, o que pensas — se alguém enchesse um universo de mil milhões de mundos com substâncias preciosas e usasse isto para dar em caridade, esta pessoa ganharia muitas bênçãos?»

Subhuti disse: «Muitas, Honrado do Mundo. Porquê? Estas bênçãos não são da natureza de bênção; portanto, o Realizado diz que as bênçãos são muitas.»

Embora as bênçãos de dar um universo de tesouros em caridade possam ser muitas, não há benefício em relação à natureza essencial. Cultivar conduta de acordo com maha-prajnaparamita, grande perfeição da sabedoria, causando que a tua própria natureza essencial não caia em quaisquer existências, é o que se chama natureza de bênção. Se tiveres sujeito e objeto na mente, então não é da natureza de bênção; quando a consciência de sujeito e objeto desaparece, isto chama-se natureza de bênção.

«Se alguém aceitar e guardar o equivalente mesmo a um verso de quatro linhas deste sutra, e o disser aos outros, a bênção nisso excede a anterior.»

Os significados gerais em todo o cânone estão todos em versos de quatro linhas. Como sabemos que é assim? Pelos elogios nos sutras.

O «verso de quatro linhas» é maha-prajnaparamita. Mahaprajna é a mãe de todos os budas; os budas do passado, presente e futuro todos põem este sutra em prática para realizar o budado. O Sutra do Coração Prajna diz: «Os budas do passado, presente e futuro realizam a iluminação suprema perfeita completa inigualável por prajnaparamita.»

Aprender de um professor chama-se «aceitar», compreender o significado e pô-lo em prática chama-se «guardar».

Compreender por si mesmo e agir por si mesmo é auto-ajuda; explicar às pessoas é ajudar os outros. O mérito nisso é tão grande que não tem limites.

«Porquê? Subhuti, todos os budas, e o estado de iluminação suprema perfeita completa inigualável do Buda, vêm deste sutra.»

«Este sutra» não se refere a este texto particular: o essencial é revelar a natureza-buda, trazendo função da substância, para benefício subtil sem fim. Prajna é sabedoria. A eficácia prática do insight é meios expedientes, a função da sabedoria é certeza. Insight e sabedoria caracterizam a mente que está ciente em todos os momentos. Todos os budas, e o estado de iluminação suprema perfeita completa inigualável dos budas, vêm desta consciência; por isso diz-se que vêm deste sutra.

«Subhuti, o que se chama Budismo não é Budismo.»

Todas as expressões verbais e literárias são como rótulos, como dedos apontando. Rótulos e apontadores significam sombras e ecos. Obténs uma mercadoria pelo seu rótulo, e vês a lua pelo dedo apontando — a lua não é o dedo, o rótulo não é a coisa em si. Apenas obtém o ensinamento pelo sutra — o sutra não é o ensinamento. A literatura do sutra é visível ao olho físico, mas o ensinamento é visível ao olho do insight. Sem o olho do insight, apenas vês a literatura, não o ensinamento. Se não vires o ensinamento, não compreendes o que Buda quis dizer. Se não compreenderes o que Buda quis dizer, então recitar sutras não produz budado.

9 Unidade sem Formas Mesmo que haja quatro estados de realização, as suas formas são originalmente não-duais. Portanto, o sutra segue com uma secção sobre unidade sem formas.

«Subhuti, o que pensas — pode um entrante no fluxo pensar: ‘Atingi o fruto do entrar no fluxo’?»

Subhuti disse: «Não, Honrado do Mundo.»

Os entrantes no fluxo vão contra o fluxo do nascimento e da morte; não afetados por objetos dos seis sentidos, dedicam-se totalmente ao cultivo de práticas não contaminadas. Fazendo com que aflições grosseiras não ocorram, certamente não assumem personalidades inumanas como maníacos, bestas ou monstros. Isto chama-se o fruto do entrar no fluxo.

Se compreenderes a verdade sem forma, não tens sentido de atingir fruto. Se houver a mais ligeira consciência de atingir fruto, então não se chama entrar no fluxo. É por isso que Subhuti diz: «Não.»

«Porquê? Um entrante no fluxo é chamado aquele que entra no fluxo, no entanto não entra em nada. Não se entra em forma, som, aroma, sabor, sensação ou fenómenos — isto chama-se entrante no fluxo.»

O «fluxo» significa o fluxo da santidade. Os entrantes no fluxo desapegam-se de aflição grosseira, e assim ganham entrada no fluxo da santidade sem terem entrado em nada, sem qualquer consciência de atingir fruto. Entrar no fluxo é o primeiro fruto da prática.

«Subhuti, o que pensas — pode um regressante uma vez entreter o pensamento: 'Atingi o fruto do regressar uma vez'?»

Subhuti disse: «Não, Honrado do Mundo. Porquê? Um regressante uma vez é chamado aquele que vai e regressa uma vez, mas realmente não tem ir nem vir — isto chama-se regressar uma vez.»

Os regressantes uma vez livraram-se dos laços do mundo; chamam-se regressantes uma vez porque os seus laços com o mundo acabaram. A expressão ir e regressar significa ser regenerado de um estado celestial para um estado humano, ser regenerado de um estado humano para um estado celestial, depois finalmente deixando o nascimento e a morte, todo o karma mundano terminado. Isto chama-se o fruto do regressar uma vez.

Quanto ao regressar uma vez do Grande Veículo, quando os olhos contemplam objetos, a mente tem um despertar e quiescência; não há segundo despertar e quiescência. Portanto, chama-se ir e regressar uma vez. Mesmo que o pensamento precedente inicie confusão, no pensamento sucessor para; mesmo que o pensamento precedente tenha apego, o pensamento sucessor é desapegado. Portanto, realmente não há ir nem regressar.

«Subhuti, o que pensas — pode um não-regressante entreter o pensamento: 'Atingi o fruto do não-regressar'?»

Subhuti disse: «Não, Honrado do Mundo. Um não-regressante chama-se aquele que não regressa, no entanto na realidade não há vir, e essa é a razão para o nome não-regressante.»

Não-regressar também se chama deixar o desejo. Aqueles que deixaram o desejo não veem quaisquer objetos desejáveis fora, e não têm qualquer desejosidade para atuar dentro. Certamente não assumem vida no reino do desejo, por isso são referidos como não regressando; no entanto na realidade não há vir, por isso também são chamados não-regressantes.

Como o hábito da desejosidade está para sempre terminado, definitivamente não regressam e sofrem renascimento; portanto, são chamados não-regressantes.

«Subhuti, o que pensas — pode um santo entreter o pensamento: ‘Atingi a santidade’?»

Subhuti disse: «Não, Honrado do Mundo.»

Quando todas as contaminações estão terminadas e não há mais aflições, chama-se um arhat ou santo. Os santos não contendem com ninguém, as suas aflições eternamente terminadas; se entretivessem a noção de terem atingido fruto, isso seria contencioso.

«Porquê? Não há estado chamado santidade. Honrado do Mundo, se os santos entretivessem a noção: ‘Atingi a santidade’, isso seria fixação em si, pessoa, ser e vivente.»

A palavra sânscrita arhat para «santo» significa não contenda. Não têm aflições para cortar, nem ganância ou raiva para divorciar. A natureza essencial não tem obstreperância nem docilidade; mente e objetos estão ambos vazios, interior e exterior estão sempre silenciosos. Se alguém tivesse uma noção de ter atingido fruto, seria o mesmo que um mortal comum. Por isso Subhuti diz: «Não.»

«Honrado do Mundo, dizes que atingi a absorção na não-contenda melhor que qualquer outro, e que sou o santo mais desapegado do desejo. Não entretenho o pensamento de que sou um santo desapegado do desejo.»

O que é absorção na não-contenda? Significa que a mente dos santos não tem despertar e quiescência, ir e vir: há apenas o brilho constante da consciência básica — portanto, diz-se absorvido na não-contenda.

A palavra sânscrita para absorção, samadhi, significa receção precisa, e perceção precisa. Desapego das noventa e seis espécies de visão falsa chama-se perceção correta.

No espaço ainda há contenda entre luz e escuridão; na natureza humana há contenda entre falsidade e verdade. Se cada pensamento for sempre verdadeiro, e não houver consciência falsa, mesmo por um momento de pensamento, isto é absorção na não-contenda. Aquele que cultiva esta absorção é o melhor dos seres humanos; se houver qualquer contenciosidade de atingir fruto, então não se chama absorção na não-contenda.

«Honrado do Mundo, se eu entretivesse o pensamento de que atingi a santidade, então o Honrado do Mundo não diria que Subhuti gosta de frequentar o deserto. É porque Subhuti realmente não frequenta nada que se diz que Subhuti gosta de frequentar o deserto.»

«Deserto» significa comportamento não-contencioso. Não-contenda é conduta pura. Conduta pura é para remoção da consciência de realização. Se retiveres consciência de realização, isto é contenciosidade. Contenciosidade não é o caminho da pureza. Sempre não ter sentido de realização é conduta não-contenciosa.

10 Adornar uma Terra Pura A emergência da mente pura é a terra pura. As formas de adorno não são adorno. Portanto, o sutra segue com uma secção sobre adornar uma terra pura.

O Buda disse a Subhuti: «O que pensas — quando o Realizado estava com o Buda Dipankara no passado, ganhou algo no caminho da verdade?»

«Não, Honrado do Mundo. O Realizado realmente não ganhou nada no caminho da verdade do Buda Dipankara.»

O Buda fez esta pergunta para que Subhuti não tivesse qualquer consciência de realização, para dissipar esta dúvida. Subhuti sabia que a verdade não é algo a ser ganho, por isso disse ao Buda: «Não.»

O Buda Dipankara foi o professor que deu direção ao Buda Shakyamuni, por isso Buda perguntou a Subhuti: «Havia algo para mim ganhar de um professor?»

Subhuti considerava que a verdade precisa de ser apontada por um guia, mas realmente não um objeto de realização. Apenas realiza a pureza original da tua própria natureza, a liberdade original dos trabalhos mundanos, por isso está calmo e natural — então espontaneamente realizarás o budado.

Deve saber-se que o Honrado do Mundo na verdade não ganhou nada de verdade do Buda Dipankara. É como o brilho da luz solar; é sem limites, no entanto não pode ser agarrado.

«Subhuti, o que pensas — os bodhisattvas adornam terras-buda?»

«Não, Honrado do Mundo. Porquê? Adornar terras-buda não é adorno — isto chama-se adorno.»

Há três tipos de adorno, concreto e abstrato. Primeiro é o adorno da terra-buda do mundo; isto significa construir santuários, copiar sutras, praticar caridade e dar esmolas.

Segundo é o adorno da terra-buda da visão, que significa agir com respeito para com todas as pessoas à vista. Terceiro é o adorno da terra-buda mental. Quando a mente é pura, a terra-buda é pura. Isto significa trabalhar sempre com a mente-buda em cada momento de pensamento.

«Portanto, Subhuti, os bodhisattva mahasattvas devem gerar uma mente pura assim: não devem ativar a mente permanecendo em forma; não devem ativar a mente permanecendo em som, aroma, sabor, sensação ou fenómenos. Devem ativar a mente sem permanecer em nada.»

Os praticantes não devem discutir os outros certo ou errado, ou reclamar a sua própria capacidade e compreensão enquanto menosprezam aqueles que não estudaram — isto não é uma mente pura.

Quando a tua natureza intrínseca sempre produz sabedoria insightful, ages com uma mente imparcial, bondosa e compassiva, e respeitas todas as pessoas, isto é a mente pura de um praticante.

Se não purificares a tua própria mente, mas te fixares num estado puro, a tua mente permanece em algo — isto é apego a uma imagem de um fenómeno.

Se te fixares em formas quando vês formas, e ativares a tua mente permanecendo em forma, então és uma pessoa iludida. Se estiveres desapegado de formas mesmo ao veres formas, e ativares a mente sem permanecer em formas, então és uma pessoa iluminada.

Quando ativares a mente permanecendo em forma, é como nuvens cobrindo o céu; quando ativares a mente sem permanecer em formas, é como o céu sem nuvens, sol e lua sempre brilhando.

Ativar a mente permanecendo em forma é pensamento errante; ativar a mente sem permanecer em forma é verdadeira sabedoria. Quando pensamentos errantes surgem, há escuridão; quando a verdadeira sabedoria brilha, há luz. Na luz, as aflições não ocorrem; no escuro, objetos dos seis sentidos surgem insistentemente.

«Subhuti, supõe que um homem tivesse um corpo tão grande como a montanha polar. Pensas que este corpo seria grande?»

Subhuti disse: «Muito grande, Honrado do Mundo. Porquê? O incorpóreo de que o Buda fala chama-se um grande corpo.»

Mesmo que o corpo físico seja grande, se a capacidade da mente interior for pequena, não se chama um grande corpo. Quando a capacidade da mente interior é vasta como o espaço, então chama-se um grande corpo. Mesmo que o corpo físico seja tão grande como a montanha polar, isso não o torna grande.

11 A Superioridade das Bênçãos Não Criadas Bênçãos criadas são limitadas; bênçãos não criadas são incomparavelmente superiores. Portanto, o sutra segue com uma secção sobre a superioridade das bênçãos não criadas.

«Subhuti, supõe que houvesse tantos Rios Ganges como há grãos de areia no leito do Rio Ganges: os grãos de areia em todos esses Rios Ganges seriam muitos?»

Subhuti disse: «Muitos, Honrado do Mundo. Os rios em si seriam incontáveis, quanto mais as suas areias.»

«Subhuti, estou a dizer-te a verdade. Se um bom homem ou boa mulher enchesse tantos universos de mil milhões de mundos como grãos de areia nesses tantos Rios Ganges com substâncias preciosas, e usasse tudo isso para dar em caridade, haveria muita bênção ganha?»

Subhuti disse: «Muita, Honrado do Mundo.»

O Buda disse a Subhuti: «Se um bom homem ou uma boa mulher aceitar e guardar mesmo o equivalente a um verso de quatro linhas deste sutra, e o disser aos outros, a bênção nisso excede a bênção anterior.»

Se deres coisas preciosas em caridade, serás recompensado com riqueza e estatuto mundanos, mas se expuseres as escrituras do Grande Veículo e causares que os ouvintes desenvolvam grande sabedoria, atinges o Caminho supremo. Por isso deves saber que a bênção de aceitar e guardar ultrapassa a bênção das substâncias preciosas anteriores.

12 Honrar o Verdadeiro Ensinamento Este sutra é reverenciado e apoiado por seres celestiais onde quer que esteja. Portanto, segue com uma secção sobre honrar o verdadeiro ensinamento.

«Além disso, Subhuti, onde quer que este sutra seja exposto, mesmo o equivalente a um verso de quatro linhas, este lugar é digno das oferendas de todos os seres, humanos, angélicos ou titânicos, como se fosse um santuário de Buda.»

Onde quer que esteja, se alguém expuser este sutra, sempre praticando liberdade de pensamento, mente sem consciência de realização, não falando em termos de consciência de sujeito e objeto, se capaz de desapegar de todos os estados de mente, sempre permanecendo não possessivo, então há a relíquia do corpo total do Realizado neste mesmo corpo. Portanto, diz: «como se fosse um santuário de Buda.»

Se este sutra for exposto com uma atitude não possessiva, moverá todos os tipos de seres a vir escutá-lo. Se a mente de alguém não for pura, e apenas expuser este sutra por fama e lucro, na morte cairá nos três pântanos — que benefício há nisso? Se este sutra for exposto com uma mente pura, causando que os ouvintes se livrem da confusão, realizem a natureza-buda original, e sempre ajam genuinamente, isto moverá seres celestiais a trazer oferendas à pessoa que segura a escritura.

«Quanto mais se alguém puder aceitar, guardar, ler e recitar o todo: Subhuti, deves saber que esta pessoa atinge o estado mais elevado e raro. Onde quer que este sutra esteja, esta pessoa, como um discípulo reverente, considera que Buda está lá.»

Quando a tua própria mente puder recitar este sutra, a tua própria mente compreende os significados do sutra, a tua própria mente encarna o princípio sem forma de não ter fixação, e sempre praticas a conduta de Buda onde quer que estejas, com atenção ininterrupta momento a momento, então a tua própria mente é buda.

13 Aceitar e Guardar o Ensinamento Precisamente O Caminho último não tem nome, mas é nomeado como expediente; os praticantes aceitam e guardam-no por este nome. Portanto, o sutra segue com uma secção sobre aceitar e guardar o ensinamento precisamente.

Então Subhuti disse ao Buda: «Honrado do Mundo, o que deve este sutra ser nomeado? Como devemos sustentá-lo?»

O Buda disse a Subhuti: «Este sutra chama-se Diamante Prajnaparamita; deves sustentá-lo por este nome. Porquê? Subhuti, a prajnaparamita explicada pelo Buda não é prajnaparamita.»

O Buda expôs prajnaparamita, perfeição da sabedoria, para levar os aprendizes a usar insight para limpar o despertar e quiescência da mente ignorante. Quando o despertar e quiescência desaparecem, chega-se à Outra Margem. Se houver qualquer sentido de realização, não se chega à Outra Margem. Quando não há nada na mente para atingir, isto é a Outra Margem.

«O que pensas, Subhuti — o Realizado tem uma doutrina para pregar?»

Subhuti disse ao Buda: «Honrado do Mundo, o Realizado não tem doutrina.»

Buda pergunta a Subhuti: «Quando o Realizado ensina, há alguma realização na mente?» Subhuti sabe que não há realização na mente quando o Realizado ensina, por isso diz que não há doutrina.

A intenção de Buda é levar as pessoas mundanas a desapegarem do sentido de atingir algo — é por isso que expõe o ensinamento de prajnaparamita para causar que todas as pessoas que o ouçam sejam inspiradas para a iluminação, realizem a verdade não criada, e cumpram o caminho inigualável.

«Subhuti, o que pensas — há muitos átomos num universo de mil milhões de mundos?»

Subhuti disse: «Muitos, Honrado do Mundo.»

«Subhuti, esses átomos de que o Realizado fala não são átomos, chamam-se átomos. O Realizado diz que o universo não é o universo, chama-se o universo.»

O Realizado diz que os falsos pensamentos nas naturezas dos seres vivos são numerosos como os átomos num universo de mil milhões de mundos. Todos os seres vivos têm a sua natureza-buda obscurecida pelo aparecimento e desaparecimento incessante de átomos de falsos pensamentos, e não atingem a liberdade. Se puderes verdadeiramente e corretamente praticar a prática sem fixação, sem forma de prajnaparamita em cada momento de pensamento, realizas que os trabalhos mundanos dos falsos pensamentos não são senão a natureza pura da realidade.

Como os falsos pensamentos são inexistentes, não são átomos, chamam-se átomos. Quando compreendes que a realidade é falsidade, compreendes que a falsidade é realidade — realidade e falsidade ambas desaparecem, e não há mais nada. Portanto, diz que se chamam átomos. Quando não há trabalhos mundanos na mente, então isto é um buda-universo; se houver trabalhos mundanos na mente, isto é um universo de seres comuns. Compreendendo que os falsos pensamentos são vazios e nulos, portanto diz que o universo não é o universo.

Quando testemunhas o corpo de realidade do Realizado, vês todos os mundos e funcionas responsivamente sem convenção fixa. Isto chama-se o universo.

«Subhuti, o que pensas — pode o Realizado ser visto pelos trinta e dois sinais?»

«Não, Honrado do Mundo, o Buda não pode ser visto pelos trinta e dois sinais. Porquê? Os trinta e dois sinais explicados pelo Realizado não são sinais, chamam-se os trinta e dois sinais.»

Os trinta e dois sinais são trinta e duas práticas puras. As trinta e duas práticas puras são cultivo das seis paramitas nos cinco órgãos sensoriais e cultivo de sem forma e não fabricação no órgão sensorial mental. Estas chamam-se as trinta e duas práticas puras. Se sempre executares estas trinta e duas práticas puras, então podes cumprir o budado; se não executares as trinta e duas práticas puras, nunca te tornarás um buda. Se fores meramente fascinado pelos trinta e dois sinais do Realizado e não cultivares as práticas dos trinta e dois sinais tu mesmo, nunca podes ver o Realizado.

«Subhuti, supõe que haja bons homens e boas mulheres que deem vidas incontáveis em caridade. Agora supõe que haja pessoas que aceitem e guardem o equivalente mesmo a um verso de quatro linhas deste sutra e o expliquem aos outros; as suas bênçãos seriam muito mais.»

Nada no mundo é valorizado tanto como a vida, mas pelo bem da verdade os bodhisattvas dão as suas vidas a todos os seres através de éones infinitos. No entanto, embora as bênçãos nisso sejam muitas, ainda não se comparam às bênçãos de aceitar e guardar quatro linhas deste sutra.

Mesmo se desistires do teu corpo por muitos éones, se não compreenderes o vazio fundamental de todas as coisas; tens sujeito e objeto na mente, e não foste além da visão de seres vivos. Se puderes despertar para o Caminho ao ouvir o sutra, si e pessoa terminam de imediato, e realizas o budado sob o impacto das palavras.

As bênçãos contaminadas de desistir do corpo na verdade não se comparam à sabedoria não contaminada de guardar o sutra. Portanto, mesmo se reunires tesouros das dez direções e desistires do corpo no passado, presente e futuro, isso não é comparável a guardar um verso de quatro linhas do sutra.

14 Paz Absoluta para Além das Formas Ao ouvir o sutra e compreender o significado, desperta-se para a manifestação da realidade sozinha. Portanto, o sutra segue com uma secção sobre paz absoluta para além das formas.

Então Subhuti, ao ouvir a exposição deste sutra, compreendeu profundamente o importo. Chorando, disse ao Buda: «É maravilhoso, Honrado do Mundo, como o Buda expõe uma escritura tão extremamente profunda. Com todo o insight que ganhei desde há muito tempo, nunca cheguei a ouvir tal sutra.

«Honrado do Mundo, se houver pessoas que cheguem a ouvir este sutra e tenham fé pura, isto dá origem à manifestação da verdade. Deve saber-se que tais pessoas realizam as virtudes mais maravilhosas.»

Quando a tua própria natureza não é ignorante, isso chama-se o olho do insight. Quando ouves o ensinamento e o compreendes por ti mesmo, isso chama-se o olho do ensinamento.

Subhuti era um arhat, um santo, o primeiro na compreensão entre os quinhentos discípulos. Já servira muitos budas — como poderia não ter ouvido tal ensinamento profundo? Como poderia dizer que o ouviu pela primeira vez de Shakyamuni Buda?

Por outro lado, talvez o que Subhuti tivesse atingido no passado fosse o insight dos ouvintes, e só agora compreendesse a intenção de Buda, e assim finalmente chegasse a ouvir tal sutra profundo. Chora porque lamenta não ter compreendido antes.

Ouvir o sutra com atenção clara chama-se pureza. Da encarnação da pureza flui o ensinamento profundo de prajnaparamita. Devemos saber que isto certamente realiza as virtudes dos budas.

«Honrado do Mundo, esta manifestação da verdade não é uma forma: portanto, o Realizado diz que se chama manifestação da verdade.»

Mesmo se praticares conduta pura, se vires defilemento e pureza como duas características, o que quer que atinja os teus sentimentos é todo defilemento, por isso não é uma mente pura. Enquanto houver qualquer realização na mente, isto não é manifestação da verdade.

«Honrado do Mundo, que eu agora chegue a ouvir tal sutra, acreditar nele, compreendê-lo, e aceitar e guardá-lo, não deve ser considerado difícil. Se, numa era futura, nos últimos quinhentos anos, houver pessoas que cheguem a ouvir este sutra, acreditar nele, compreendê-lo, e aceitar

e guardá-lo, essas pessoas serão as mais raras. Porquê? Essas pessoas não terão imagem de si, nem imagem de pessoa, nem imagem de ser, nem imagem de vivente. Porquê? A imagem de si não é uma característica; a imagem de pessoa, a imagem de ser e a imagem de vivente não são características. Porquê? Estando desapegados de todas as imagens, chamam-se budas.»

Subhuti compreende profundamente a intenção de Buda. Vê por si mesmo que uma vez que o karma está exaurido e o defilemento removido, o olho do insight é completamente claro — acreditar, compreender, aceitar e guardar então não representa dificuldade.

Quando o Honrado do Mundo estava no mundo a ensinar, ainda havia incontáveis pessoas que não podiam acreditar, compreender, aceitar e guardar — porquê falar apenas dos últimos quinhentos anos?

Quando Buda estava no mundo, embora houvesse pessoas de faculdades medianas e menores, bem como descrentes e duvidosos, quando iam questionar o Buda, Buda falava com eles de acordo com o que era apropriado para eles, por isso nenhum falhava em compreender. Nos últimos quinhentos anos após o falecimento de Buda, o fim do ensinamento estava gradualmente a ser alcançado.

Com o iluminado há muito partido, apenas ensinamentos verbais sobreviviam; se as pessoas tivessem dúvidas, não havia onde perguntar. Ignorantes e confusas, agarravam-se aos seus apegos; não realizando o não criado, procuravam freneticamente, obcecados com formas, girando em todos os tipos de estados. Nesta altura, aqueles que respeitosamente acreditam com uma mente pura quando chegam a ouvir o sutra profundo, e realizam o noumeno não criado, seriam extremamente raros. É por isso que Subhuti diz que vão ser os mais raros.

Por outro lado, nos últimos quinhentos anos após o falecimento de Buda, se houver pessoas que possam acreditar, compreender, aceitar e guardar os sutras extremamente profundos de prajnaparamita, sabemos que essas pessoas não têm imagens de si, pessoa, ser ou vivente.

Ausência destas quatro imagens chama-se manifestação da verdade; isto é a mente-buda, por isso Subhuti diz que estando desapegados de todas as imagens, chamam-se budas.

Buda disse a Subhuti: «É assim. É assim. Se, além disso, houver pessoas que, ao chegarem a ouvir este sutra, não fiquem chocadas, não

assustadas e não intimidadas, sabe que essas pessoas serão extremamente raras.

«Porquê? Subhuti, a primeira perfeição que o Realizado expõe não é a primeira perfeição; isto chama-se a primeira perfeição.»

Se a boca o diz mas a mente não age de acordo, isso não é. Se a boca o diz e a mente age de acordo, isso é. Se houver sujeito e objeto na mente, isso não é. Se não houver sujeito e objeto na mente, isso é.

«Subhuti, a perfeição da paciência sob insulto que o Realizado diz não é perfeição da paciência sob insulto.»

Se vires uma situação insultuosa a atingir os teus sentimentos, isso não é. Se não vires uma situação depreciativa a atingir os teus sentimentos, isso é. Se vires qualquer imagem de estatuto pessoal, e assim fores suscetível a ferimento por outros, isso não é. Se não vires qualquer imagem de estatuto pessoal para ser suscetível a ferimento por outros, isso é correto.

«Porquê? Subhuti, é como quando fui desmembrado pelo Rei Kali há muito tempo. Nessa altura não tinha imagem de si, nem imagem de pessoa, nem imagem de ser, nem imagem de vivente. Porquê? Enquanto estava a ser desmembrado no passado, se tivesse tido uma imagem de si, uma imagem de pessoa, uma imagem de ser e uma imagem de vivente, teria ficado zangado e odioso.»

Quando o Realizado estava na primeira etapa durante a sua fase de desenvolvimento, era um mago da paciência. Foi desmembrado pelo Rei Kali, mas não teve pensamento de vexação na dor. Se tivesse sentido de vexação dolorosa, teria ficado zangado.

Rei Kali é um nome sânscrito que significa imoral, tirano mau.

«Subhuti, também me lembro de que no passado fui um mago da paciência por quinhentas gerações, e durante todo esse tempo não tive imagem de si, nem imagem de pessoa, nem imagem de ser, nem imagem de vivente.»

Durante a sua fase de desenvolvimento, o Realizado cultivou a perfeição da paciência por quinhentas gerações, fazendo com que as quatro imagens não ocorressem. A menção espontânea do Realizado do seu passado é para levar todas as pessoas que cultivam o seu comportamento a realizar a prática da perfeição da paciência.

Aqueles que praticam a perfeição da paciência não veem falhas alheias, considerando inimigo e amigo como iguais, nenhum certo e nenhum errado. Quando feridos por outros, aceitam-no alegremente, sendo ainda mais respeitosos. Aqueles que se comportam desta forma podem realizar a perfeição da paciência.

«Portanto, Subhuti, os bodhisattvas devem aspirar à iluminação desapegados de todas as imagens. Não devem ativar a mente permanecendo em forma, não devem ativar a mente permanecendo em som, aroma, sabor, sensação ou fenómenos. Devem ativar a mente que não permanece em nada.»

«Não devem ativar a mente permanecendo em forma» é o indicador do todo; as distinções de som, aroma, etc., são uma lista dos nomes. As pessoas dão origem a sentimentos de ódio e amor por estes objetos dos seis sentidos, e por causa desta subjetividade acumulam incontáveis nós de hábitos que cobrem a sua natureza-buda.

Mesmo se labutarem em várias práticas, enquanto não se livrarem do defilemento nas suas mentes, não há maneira de serem libertados. Quando investigas a base raiz, é tudo devido a fixar a mente em forma.

Se puderes praticar constantemente prajnaparamita momento a momento, calculando que todas as coisas são vazias e não concebendo apegos agarrantes, progrides constantemente por ti mesmo momento a momento, vigilante de mente única, não permitindo qualquer descuido ou negligência. O Sutra do Nome Puro diz: «Ao buscar todo o conhecimento para além, nunca não é o tempo de buscar.» O sutra principal Prajna diz: «Os bodhisattva mahasattvas trabalham diligentemente dia e noite, sempre permanecendo em atenção correspondente à perfeição do insight, nunca desistindo, mesmo por um tempo.»

«Se a mente permanecer em qualquer lugar, isto é uma morada.»

Se a mente permanecer no nirvana, isto não é a morada dos bodhisattvas. Não permanecer no nirvana, não permanecer em fenómenos, não permanecer em lugar nenhum — isto é a morada dos bodhisattvas.

«É por isso que Buda diz que as mentes dos bodhisattvas não devem permanecer em matéria enquanto dão caridade. Subhuti, os bodhisattvas devem dar desta forma de modo a beneficiar todos os seres.»

Os bodhisattvas não praticam caridade na esperança de prazer pessoal. Praticam caridade apenas para destruir interiormente a avareza enquanto beneficiam exteriormente todos os seres.

«O Realizado, vindo da talidade, diz que todas as aparências não são características, e que todos os seres não são seres.»

«Talidade» significa não nascimento, «vir» significa não perecimento. Não nascimento significa que imagens como si e pessoa não ocorrem; não perecimento significa que a consciência não morre. Num trecho posterior diz que o Realizado se diz vir da talidade por causa de vir de lugar nenhum e ir para lugar nenhum.

O Realizado diz que aparências de si, pessoa e assim por diante ultimamente podem ser destruídas e não são realidades substanciais. «Todos os seres» não é senão um termo provisório: se te desapegares da mente errante, então não há «seres» agarráveis — por isso diz que «não são seres».

«Subhuti, o Realizado é aquele que fala genuinamente, aquele que fala verdadeiramente, aquele que fala como é, aquele que fala sem engano, aquele que fala sem contradição.»

Aquele que fala genuinamente diz que todos os seres, animados e inanimados, têm uma natureza-buda. Aquele que fala verdadeiramente diz que seres que fazem mal certamente experimentarão consequências dolorosas, enquanto aqueles que cultivam caminhos bons certamente terão consequências agradáveis.

Aquele que fala sem engano diz que a realidade do insight perfeito produz os budas do passado, presente e futuro, certamente, de verdade.

Aquele que fala sem contradição, o Realizado ensina bem elementar, bem intermédio e bem final. A intenção da sua mensagem é extremamente subtil; nenhum fanático ou cultista pode superar ou quebrar as palavras de Buda.

«Subhuti, a verdade realizada pelo Realizado não tem nem realidade nem irrealidade.»

Não há realidade no sentido de que a essência das coisas é vazia e silenciosa, sem aparência que possa ser apreendida. E no entanto há incontáveis potências inerentes dentro dela, que não estão escondidas quando postas em uso; e por isso diz que não há irrealidade também.

Podes querer dizer que é real, no entanto não se encontram características definidoras; podes querer dizer que é irreal, no entanto funciona sem interrupção. Portanto, não se pode dizer que não existe, no entanto não se pode dizer que existe. Pode ser nada, no entanto não é nada; nenhuma palavra ou metáfora pode alcançá-lo — não descreve isto apenas a verdadeira sabedoria? Não há maneira de alcançar isto sem cultivar conduta desapegada de formas e aparências.

«Subhuti, se os bodhisattvas praticarem dar em caridade com as suas mentes permanecendo em coisas, são como pessoas que entraram na escuridão e por isso não veem nada.»

Se a mente tiver qualquer apego permanente a coisas, então não se realiza o vazio essencial de dador, recetor e dom. É como um cego no escuro; nada é claro. Quando o Sutra do Ornamento Floral diz que os ouvintes nas audiências do Realizado eram como cegos e surdos, é porque permaneciam nas aparências das coisas.

«Se os bodhisattvas praticarem dar em caridade com as suas mentes não permanecendo em coisas, são como pessoas com visão à luz do sol, vendo todos os tipos de formas e cores.»

Se os bodhisattvas sempre praticarem a prática não apegada sem forma de prajnaparamita, são como pessoas com visão em pleno dia — o que não veriam?

«Subhuti, em eras futuras, se houver bons homens e boas mulheres que sejam capazes de aceitar e guardar este sutra, ler e recitá-lo, o Realizado conhecerá e verá todas essas pessoas por meio da sabedoria iluminada; todas elas desenvolverão virtudes infinitas, sem limites.»

«Em eras futuras» significa os últimos quinhentos anos após a extinção do Realizado, tempos de poluição e mal, quando doutrinas falsas surgirão em profusão e o verdadeiro ensinamento será difícil de realizar. Nesses tempos, se houver bons homens e boas mulheres que entrem em contacto com este sutra, o recebam de professores, leiam e recitem com atenção, perseverem sem esquecer, cultivem prática de acordo com o significado, e realizem o conhecimento e visão dos budas, então podem realizar a iluminação inigualável. Por isto os budas do passado, presente e futuro os conhecem todos.

15 As Virtudes de Guardar o Sutra Aceitar e guardar, ler e recitar, auto-ajuda e ajudar os outros — as virtudes são sem limites, e não podem ser

medidas. Portanto, o sutra segue com uma secção sobre as virtudes de guardar o sutra.

«Subhuti, supõe que haja bons homens e boas mulheres que de manhã deem em caridade tantos corpos como há grãos de areia no Rio Ganges, depois à tarde deem novamente em caridade tantos corpos como há grãos de areia no Rio Ganges, e depois à noite deem também em caridade tantos corpos como há grãos de areia no Rio Ganges, e continuem a dar corpos em caridade desta forma por incontáveis centenas de milhares de miríades de milhões de éones. Agora supõe que haja pessoas que ouçam este sutra, acreditem nele, e não o oponham. As bênçãos destas últimas pessoas ultrapassam as das anteriores; quanto mais se copiarem o sutra, aceitarem e guardarem-no, lerem e recitarem-no, e o explicarem aos outros!

Buda diz que no tempo do fim do ensinamento, se chegares a ouvir este sutra, e acreditarem nele e não o oponham, e as quatro imagens não ocorrerem, então isto é o conhecimento e visão dos budas. As virtudes de tais pessoas ultrapassam largamente as virtudes de desistir do corpo por muitos éones. As bênçãos em ouvir o sutra, mesmo por um momento, ainda são muitas; quanto mais se puderes copiá-lo, aceitar e guardá-lo, e explicá-lo aos outros. Pessoas que podem fazer isto certamente realizarão a iluminação suprema perfeita completa inigualável.

É por isso que todos os tipos de expedientes são usados para expor esta escritura extremamente profunda, causando desapego de todas as aparências e realização da iluminação suprema perfeita inigualável. As bênçãos realizadas são sem limites.

Desistir do corpo por muitos éones significa que não compreendeste o vazio fundamental de todas as coisas; tens sujeito e objeto na mente, e não foste além da visão de seres vivos. Se puderes despertar para o Caminho ao ouvir o sutra, si e pessoa terminam de imediato, e realizas o budado sob o impacto das palavras.

As bênçãos contaminadas de desistir do corpo na verdade não se comparam à sabedoria não contaminada de guardar o sutra.

Portanto, mesmo se reunires tesouros das dez direções e desistires do corpo no passado, presente e futuro, isso não é comparável a guardar um verso de quatro linhas do sutra.

«Em suma, Subhuti, este sutra tem virtudes inconcebíveis, imensuráveis, sem limites:»

Pessoas que guardam o sutra não têm ego ou posses na mente. Porque não têm ego ou posses na mente, isto é a mente-buda. As virtudes da mente-buda são sem limites. Portanto, diz-se que estas virtudes não podem ser medidas.

«o Realizado expõe-no para aqueles que se lançam no Grande Veículo; expõe-no para aqueles que se lançam no Veículo Supremo.»

O Grande Veículo é uma questão de vasto conhecimento e sabedoria, habilmente capaz de estabelecer todos os ensinamentos. O Veículo Supremo é uma questão de não ver coisas defiladas para rejeitar, não ver coisas puras para buscar, não ver seres vivos para libertar, não ver nirvana para realizar, não entreter a ideia de libertar seres vivos, não entreter a ideia de não libertar seres vivos: isto chama-se o Veículo Supremo, e também se chama todo o conhecimento. Também se chama aceitação da não origem, e também se chama grande prajna, insight ou sabedoria.

«Se houver pessoas que possam aceitar e guardar, ler e recitar, e explicar extensivamente às pessoas, o Realizado conhece todas essas pessoas e vê todas essas pessoas; cada uma delas atinge virtudes imensuráveis, incalculáveis, sem limites, inconcebíveis. Tais pessoas carregam de facto a iluminação suprema perfeita completa inigualável do Realizado.»

Se houver pessoas que determinem buscar a iluminação inigualável dos Budas, quando ouvirem esta prática sem forma, não contrivada, extremamente profunda, acreditarão e compreenderão, aceitarão e guardarão, e explicarão aos outros para os permitir compreender profundamente e não repudiar. Só quando se tiver atingido grande poder de paciência, grande poder de sabedoria, e grande poder de meios expedientes se pode espalhar este sutra.

Quando pessoas de faculdades superiores ouvem esta escritura, atingem compreensão profunda da intenção de Buda e guardam o sutra nas suas próprias mentes. Quando a sua perceção da natureza essencial é consumada, então começam a trabalhar para o benefício dos outros. Capazes de explicar aos outros, permitem que os estudantes realizem a verdade sem forma por si mesmos, vejam o Realizado na sua natureza fundamental, e cumpram a iluminação inigualável.

As virtudes atingidas por aqueles que expõem o ensinamento são sem limites, imensuráveis. Ouvir o sutra, compreender o significado, cultivar prática de acordo com o ensinamento, também sendo capaz de explicar extensivamente para outras pessoas, permitindo-lhes compreender e cultivar prática sem forma, desapegada — por ser capaz de realizar estas ações, estão imbuídos da luz da grande sabedoria e saem dos trabalhos mundanos. Mas mesmo que saiam dos trabalhos mundanos, não entretêm o pensamento de sair dos trabalhos mundanos; assim atingem a iluminação suprema perfeita completa inigualável. Portanto, diz-se que carregam o Realizado.

Devemos saber que pessoas que guardam a escritura estão naturalmente imbuídas de virtudes sem medida, sem limites, inconcebíveis.

«Porquê? Subhuti, aqueles que se deleitam em ensinamentos menores estão apegados à ideia de si, à ideia de pessoa, à ideia de ser e à ideia de vivente; por isso não podem escutar receptivamente este sutra, ler ou recitá-lo, ou explicá-lo aos outros.»

«Aqueles que se deleitam em ensinamentos menores» refere-se aos ouvintes dos Dois Veículos. Estão satisfeitos com resultados menores e não aspiram ao grande; portanto, não podem aceitar ou guardar, ler ou recitar, ou explicar aos outros o ensinamento profundo do Realizado.

«Subhuti, onde quer que este sutra esteja, em qualquer lugar que esteja, deve ser provido apoio por todos os seres, celestiais, humanos e titânicos. Deves saber que este lugar é uma estupa, que todos devem honrar, curvar-se e circumambular, e espalhar com flores e aromas.»

Se se recitar prajna verbalmente e se praticar prajna mentalmente, onde quer que se esteja, em qualquer lugar, pratica-se sempre prática não contrivada, sem forma. Onde quer que esta pessoa esteja, é como se houvesse um monumento de Buda aí, movendo todos os seres celestiais e humanos a trazer oferendas de apoio e honrar cortesmente a pessoa como não diferente de Buda. Se se puder aceitar e guardar o sutra, dentro da mente desta pessoa há inerentemente um Honrado do Mundo. É por isso que se diz ser como um santuário de Buda.

Deves saber que as bênçãos realizadas são infinitas.

16 A Capacidade de Limpar Obstruções Kármicas As consequências resultantes de ações pecaminosas tão numerosas como grãos de areia no Rio Ganges são eliminadas num único momento de pensamento.

«Além disso, Subhuti, se bons homens e boas mulheres aceitarem e guardarem e lerem e recitarem este sutra, se forem menosprezados pelos outros, essas pessoas deviam ter caído em caminhos miseráveis por causa das suas más ações em tempos anteriores; mas por causa de serem menosprezados pelos outros no presente, as más ações de tempos anteriores são assim apagadas, e atingirão a iluminação suprema perfeita completa inigualável.»

Buda diz que pessoas que guardam o sutra deviam ter a honra e apoio de todos os celestiais e humanos, no entanto por causa da existência de obstruções por ações graves de vida anterior, mesmo que atualmente consigam aceitar e guardar a escritura extremamente profunda dos budas, no entanto são sempre menosprezados pelos outros e não recebem honra e apoio das pessoas. Mas porque aceitam e guardam a escritura eles mesmos, não concebem imagens de pessoa ou si, e sempre agem respeitosamente, quer para inimigo quer para amigo, sem qualquer vexação ou amargura na mente, inocentes de qualquer cálculo, sempre praticando prajnaparamita momento a momento, sem retrocesso. Porque são capazes de praticar desta forma, são capazes de dissolver as barreiras causadas por más ações de éones infinitos passados até à vida presente.

Também, falando em termos de princípio, «tempos anteriores» significa a mente confusa do pensamento precedente, enquanto «o presente» significa a mente desperta do pensamento sucessor. Porque a mente desperta do pensamento sucessor menospreza a mente confusa do pensamento precedente, a confusão não pode permanecer. Portanto, diz que as más ações de tempos anteriores são assim apagadas. Uma vez que os pensamentos confusos desapareceram, as más ações não acontecem, por isso atinge-se a iluminação.

«Subhuti, lembro-me de como no passado, ao longo de éones incalculáveis na presença do Buda Dipankara, cheguei a encontrar oitocentos quatro mil miríades de zilhões de budas; apoiei e servi cada um deles, não perdendo uma única oportunidade.

Se, no entanto, houver alguém na era final que possa aceitar e guardar e ler e recitar este sutra, as virtudes realizadas assim são tais que as virtudes do meu apoio a esses budas não chegam a uma centésima parte, a uma trilião parte, na verdade a qualquer parte numérica ou figurativa.»

As várias bênçãos de apoiar incontáveis budas, dar tesouros enchendo o universo, ou desistir de corpos tão numerosos como átomos, não chegam a guardar o sutra e realizar a verdade não criada num instante de pensamento, parando a mente expectante, partindo da cognição e perceção iludidas das pessoas comuns, e assim chegando a paramita, a Outra Margem, deixando para sempre os três pântanos, realizando nirvana sem resto.

«Subhuti, se eu expusesse completamente as virtudes realizadas por bons homens e boas mulheres que aceitam e guardam e leem e recitam este sutra na era final, as pessoas que o ouvissem ficariam mentalmente perturbadas e não acreditariam.»

Buda disse que as pessoas vivendo na era do fim do ensinamento seriam ligeiras em virtude e pesadamente defiladas, as suas invejas sempre aprofundando, as suas visões falsas proliferando. Nesta altura, se houver bons homens e boas mulheres que aceitem e guardem e leem e recitem este sutra, cumprindo o ensinamento sem qualquer sentido de realização, praticando constantemente bondade, compaixão, alegria e equanimidade, humildes e gentis, ultimamente cumprirão a iluminação inigualável. Pode haver pessoas que não conheçam o verdadeiro ensinamento verdadeiro do Realizado; certamente ficarão assustadas e não acreditarão quando ouvirem que nos últimos quinhentos anos após a morte do Realizado, as pessoas atingirão a iluminação suprema perfeita completa inigualável se puderem realizar uma mente sem forma e realizar prática sem forma.

«Subhuti, deves saber que o princípio deste sutra é inconcebível, e a sua recompensa também é inconcebível.»

O princípio deste sutra é prática sem fixação sem forma. A expressão «inconcebível» louva a capacidade da prática sem fixação sem forma de cumprir a iluminação suprema perfeita completa inigualável.

17 Não-Si Último Originalmente não há si — como poderia haver uma pessoa? Para libertar as pessoas, o si é provisoriamente definido. Portanto, o sutra segue com uma secção sobre não-si último.

Nessa altura, Subhuti disse ao Buda: «Honrado do Mundo, quando bons homens e boas mulheres despertam a inspiração para a iluminação suprema perfeita completa inigualável, como devem viver? Como devem conquistar as suas mentes?»

O Buda disse a Subhuti: «Bons homens e boas mulheres que despertaram a inspiração para a iluminação suprema perfeita completa inigualável devem desenvolver uma atitude assim: 'Devo libertar todos os seres vivos através da extinção. Após ter libertado todos os seres vivos através da extinção, não há um único ser vivo que tenha sido realmente libertado através da extinção.'»

Subhuti pergunta ao Buda: «Nos últimos quinhentos anos após o falecimento do Realizado, se houver pessoas que aspirem à iluminação suprema perfeita completa inigualável, que princípio devem viver, e como devem conquistar as suas mentes?» Buda diz que devem estar determinados a libertar todos os seres vivos.

Tendo libertado todos os seres vivos de modo que realizem o budado, não devem entreter a noção de que libertaram mesmo um ser vivo. Porquê? Para se livrarem do sentido de sujeito e objeto, para se livrarem da noção de que há seres vivos, e também para se livrarem da noção de si mesmos vendo.

«Qual é a razão? Subhuti, se os bodhisattvas tiverem uma imagem de si, uma imagem de pessoa, uma imagem de ser ou uma imagem de vivente, então não são bodhisattvas.»

Se os bodhisattvas tiverem a noção de que há seres vivos para serem libertados, isto é uma imagem de si. Se tiverem o sentido de que podem libertar seres vivos, isto é uma imagem de pessoa. Se pensarem que o nirvana pode ser buscado, isto é uma imagem de ser. Se tiverem a noção da existência de nirvana para ser realizado, isto é uma imagem de vivente. Aqueles que têm estas quatro imagens não são bodhisattvas.

«Qual é a razão? Subhuti, na realidade não há estado de despertar a inspiração para a iluminação suprema perfeita completa inigualável.»

A existência de um estado refere-se aos quatro fenómenos de si, pessoa e assim por diante. A menos que te livres destes quatro fenómenos, nunca realizarás a iluminação. Se disseres «Estou inspirado a buscar iluminação», isto também é si, pessoa e assim por diante, que são a raiz das aflições.

«Subhuti, o que pensas — quando o Realizado estava com o Buda Dipankara, havia algum estado de atingir a iluminação suprema perfeita completa inigualável?»

«Não, Honrado do Mundo. Como compreendo o significado do que o Buda diz, quando o Buda estava com o Buda Dipankara não havia estado de atingir a iluminação suprema perfeita completa inigualável.»

O Buda disse: «É assim. É assim. Subhuti, na realidade não há estado no qual o Realizado atingiu a iluminação suprema perfeita completa inigualável.

«Subhuti, se houvesse um estado no qual o Realizado atingiu a iluminação suprema perfeita completa inigualável, então Dipankara não me teria dado a predição: 'Numa era futura serás um buda chamado Shakyamuni.'»

"Porque na realidade não houve nenhum estado no qual eu tenha alcançado a insuperável, completa e perfeita iluminação, por isso o Buda Dīpaṅkara me deu a predição, dizendo: 'Em uma era futura você será um buda chamado Shakyamuni.' Por quê? Porque a realização do Iluminado é o significado da talidade (assim-mesmidade) de todas as coisas."

O Buda diz que na realidade não há um eu, uma pessoa, um ser ou um vivente; só assim é que ele recebeu a predição da iluminação. Se eu tivesse alguma noção de ser inspirado para a iluminação, diz ele, então o Buda Dipankara não me teria dado a predição. Porque na realidade não atingi nada, o Buda Dipankara deu-me, portanto, a predição. Esta secção estabelece o significado da ausência de eu.

Quanto à assimidade de todas as coisas, "todas as coisas" significa forma, som, aroma, sabor, sensação e fenómenos. Ser capaz de distinguir estes objetos dos seis sentidos enquanto permanece fundamentalmente calmo, não sendo influenciado por eles nem fixado neles, nunca alterado, imóvel como o espaço, penetrando completamente com clareza total, sempre presente ao longo de todo o tempo — isto é chamado o significado da assimidade de todas as coisas.

O Sutra do Colar do Bodhisattva diz: "Não ser movido por calúnia ou elogio é a prática dos Realizados." O Sutra sobre a Entrada na Esfera dos Budas diz: "Não ser afetado por desejos, a obediência respeitosa não considera nada."

"Se alguém diz que o Realizado atingiu a iluminação perfeita completa insuperável, Subhuti, na realidade não há tal coisa como o Buda atingir a iluminação perfeita completa insuperável. Subhuti, na iluminação perfeita completa insuperável atingida pelo Realizado, não há nem realidade nem irrealidade."

O Buda diz que na verdade não tem noção de atingir nada, mas realiza a iluminação. É porque a noção de atingir algo não ocorre que ele realizou a iluminação.

Fora desta mente, não há iluminação a ser realizada: portanto, diz que não há realidade. O sentido de attainment é nulo, todo o conhecimento é inerente, miríades de práticas estão todas cumpridas, e incalculáveis funções potenciais sem falta, por isso diz que não há irrealidade.

“Portanto, o Realizado diz que todas as coisas são ensinamentos do Buda. Subhuti, ‘todas as coisas’ não são todas as coisas; portanto, são chamadas ‘todas as coisas’.”

Mentalmente livre de agarrar e rejeitar qualquer coisa, e também livre de sujeito e objeto, ele define claramente todas as coisas, mas a sua mente está sempre vazia e silenciosa; portanto, sabe que todas as coisas são ensinamentos do Buda.

Para que os iludidos não se apeguem avidamente a todas as coisas como ensinamentos do Buda, a fim de eliminar esta doença, diz que “todas as coisas” não são todas as coisas. Não há sujeito nem objeto na sua mente, que é silenciosa mas sempre consciente; estabilidade e insight operam igualmente, substância e função são uma — portanto, “são chamadas todas as coisas”.

“Por exemplo, Subhuti, é como uma pessoa cujo corpo é grande.”

Subhuti disse: “Ó Honrado pelo Mundo, o Realizado diz que uma pessoa cujo corpo é grande não é de corpo grande, mas é chamada de corpo grande.”

O Realizado diz que uma pessoa cujo corpo é grande não é de corpo grande para mostrar que o corpo de realidade de todos os seres vivos não é dois e não tem limite. Isto é chamado corpo grande. O corpo de realidade fundamentalmente não tem localização, por isso diz-se que não é de corpo grande. Além disso, mesmo se o corpo físico for grande, se alguém não tiver sabedoria interior, então não é de corpo grande. Mesmo se o corpo físico for pequeno, se alguém tiver sabedoria interior, então pode ser chamado de corpo grande.

Mesmo se alguém tiver sabedoria, se não puder agir de acordo com ela, então não é de corpo grande. Se alguém praticar de acordo com o ensino e despertar para o conhecimento e visão insuperáveis dos budas, a mente não tem limitações de sujeito e objeto; isto é chamado corpo grande.

“Subhuti, os bodhisattvas também são assim. Se disserem: ‘Vou libertar inumeráveis seres vivos’, então não devem ser chamados bodhisattvas.”

Se os bodhisattvas disserem: “As aflições das outras pessoas são removidas pelo meu ensino”, então isto é ego religioso. Se disserem: “Eu libertei seres vivos”, então isto é possessividade. Mesmo se libertarem seres, se tiverem sujeito e objeto na mente, e o sentido de eu e outro não for removido, não podem ser chamados bodhisattvas. Se expuserem plenamente todos os tipos de métodos expeditos, educando e libertando seres vivos, sem qualquer sujeito ou objeto na mente, então são bodhisattvas.

“Porquê? Subhuti, na realidade não há tal coisa como um ‘bodhisattva’. Portanto, o Buda diz que todas as coisas não têm eu, nem pessoa, nem ser, nem vivente.

“Subhuti, se os bodhisattvas disserem: ‘Vou adornar uma terra de buda’, não devem ser chamados bodhisattvas. Porquê? O Realizado diz que adornar terras de buda não é adorno, é chamado adorno.”

Se os bodhisattvas disserem: “Eu posso construir um mundo”, então não são bodhisattvas. Mesmo se construírem um mundo, se tiverem sujeito e objeto na mente, não são bodhisattvas. Se construírem plenamente um mundo sem que ocorra um sentido de sujeito e objeto, são chamados bodhisattvas. O Sutra da Estabilização Supimamente Sutil diz: “Mesmo se as pessoas puderem construir santuários de prata pura enchendo o universo, isso não é tão bom como estabilizar a mente em meditação por um momento de pensamento.” Se houver sujeito e objeto na mente, então não é estabilização em meditação. Se sujeito e objeto não ocorrerem, isto é chamado estabilização em meditação. A estabilização em meditação é a mente pura.

“Subhuti, se os bodhisattvas realizarem a ausência de eu, o Realizado diz que são verdadeiros bodhisattvas.”

Quando não se é obstruído pelas características das coisas, isso é chamado realização. Não entreter a noção de compreender as coisas é chamado ausência de eu. A ausência de eu é o que o Realizado chama de verdadeiro bodhisattvahood. Aqueles que praticam de acordo com a sua capacidade também podem ser chamados bodhisattvas, mas ainda não são verdadeiramente bodhisattvas.

Quando o entendimento e a aplicação são perfeitamente cumpridos, e todo o sentido de sujeito e objeto termina, só então se pode dizer que alguém é um verdadeiro bodhisattva.

18 Visão Imparcial da Unicidade

Um olho inclui cinco olhos, uma partícula de areia inclui os grãos de areia no Ganges; um mundo inclui muitos mundos, uma mente inclui uma pluralidade de mentes. Portanto, o sutra segue com uma secção sobre a visão imparcial da unicidade.

“Subhuti, o que pensas — o Realizado tem o olho físico?”

“Sim, Honrado pelo Mundo; o Realizado tem o olho físico.”

“Subhuti, o que pensas — o Realizado tem o olho celestial?”

“Sim, Honrado pelo Mundo; o Realizado tem o olho celestial.”

“Subhuti, o que pensas — o Realizado tem o olho da sabedoria?”

“Sim, Honrado pelo Mundo; o Realizado tem o olho da sabedoria.”

“Subhuti, o que pensas — o Realizado tem o olho da realidade?”

“Sim, Honrado pelo Mundo; o Realizado tem o olho da realidade.”

“Subhuti, o que pensas — o Realizado tem o olho iluminado?”

“Sim, Honrado pelo Mundo; o Realizado tem o olho iluminado.”

Todas as pessoas têm cinco olhos, mas não podem ver por si próprias porque estão cobertas pela confusão. Portanto, o Buda ensina que, quando nos livramos da confusão, os cinco olhos abrem-se claramente. Ao colocar o ensino da prajnaparamita em prática momento a momento, primeiro livramo-nos da mentalidade confusa; isto é chamado o primeiro, olho físico. Quando vemos que todos os seres vivos têm natureza de buda e desenvolvemos uma atitude compassiva, isto é chamado o segundo, olho celestial. Quando a tolice não ocorre, isto é chamado o terceiro, olho da sabedoria. Quando a mentalidade de fixação em fenómenos é eliminada, isto é chamado o quarto, olho da realidade. Quando as confusões subtis são permanentemente terminadas e a clareza completa ilumina por todo o lado, isto é chamado o quinto, olho iluminado.

Além disso, ver que há o corpo de realidade dentro do corpo físico é chamado o olho celestial. Ver que todos os seres vivos têm a essência da prajna neles é chamado o olho da sabedoria. Ver a natureza com

clareza penetrante, sujeito e objeto para sempre eliminados, todos os ensinamentos de Buda originalmente inerentes, é chamado o olho da realidade. Ver que a prajnaparamita pode produzir todos os ensinamentos do passado, presente e futuro é chamado o olho iluminado.

“Subhuti, o que pensas — o Buda diz que os grãos de areia no Rio Ganges são areia?”

“Sim, Honrado pelo Mundo. O Realizado diz que são areia.”

“Subhuti, o que pensas — se houvesse tantos Rios Ganges quantos grãos de areia no Rio Ganges, seriam muitos os mundos de buda tão numerosos como grãos de areia em tantos Rios Ganges?”

“Muitos, Honrado pelo Mundo.”

O Rio Ganges fica perto do santuário no Bosque de Jeta. Quando o Realizado ensinava, usava este rio para exemplos. O Buda compara cada grão de areia no rio a um mundo, e pergunta se são muitos. Subhuti responde que são muitos. O Buda cita estas muitas terras para ilustrar como cada um dos seres vivos nelas tem tantos estados mentais.

O Buda disse a Subhuti: “Os muitos estados mentais dos muitos seres nessas muitas terras são todos conhecidos pelo Realizado. Qual é a razão? O Realizado diz que essas mentes não são mente, são chamadas mente.”

Cada um dos seres nesses muitos mundos tem numerosos estados mentais diferentes. Tantos quantos esses estados mentais possam ser, todos são referidos como mente iludida. Reconhecer que a mente iludida não é mente é chamado mente. Esta mente é a mente verdadeira, a mente constante, a mente iluminada, a mente de insight transcendental, a mente de pureza, iluminação e nirvana.

“Qual é a razão? Subhuti, a mente passada não pode ser apreendida, a mente presente não pode ser apreendida, e a mente futura não pode ser apreendida.”

A mente passada não pode ser apreendida porque a mente iludida no pensamento anterior já passou num instante, e não há onde persegui-la ou procurá-la. A mente presente não pode ser apreendida porque a mente verdadeira não tem forma, então como pode ser vista? A mente futura não pode ser apreendida porque originalmente não há nada que possa ser apreendido; quando as energias habituais foram esgotadas,

não ocorrem novamente. Realizar que a mente passada, presente e futura não pode ser apreendida é chamado ser um buda.

19 O Ensino que Permeia o Cosmos das Realidades

Todo o cosmos das realidades é permeado por um ensino; o campo de bênçãos de substâncias preciosas não se compara a quatro linhas do sutra. Portanto, segue com uma secção sobre o ensino que permeia o cosmos das realidades.

“Subhuti, o que pensas — se alguém enchesse o universo com substâncias preciosas para usar na caridade, esta pessoa ganharia muitas bênçãos por causa disto?”

“Sim, Honrado pelo Mundo. Esta pessoa ganharia muitas bênçãos por causa disto.”

“Subhuti, se as bênçãos tivessem substância, o Realizado não diria que muitas bênçãos são ganhas. Porque as bênçãos são inexistentes, portanto o Realizado diz que muitas bênçãos são ganhas.”

As bênçãos de substâncias preciosas não podem cumprir a iluminação do buddhahood, por isso diz-se que são inexistentes. Porque não têm limite de quantidade ou número, diz-se que as bênçãos são muitas, mas se puderes transcender, então não dizes que são muitas.

20 Desapego das Formas e Aparências

Com as três encarnações completas, todas as suas características são completamente realizadas. Como pessoa e fenómenos são ambos esquecidos, isto não é perfeição. Portanto, o sutra segue com uma secção sobre o desapego das formas e aparências.

“Subhuti, o que pensas — pode o Buda ser visto pelo seu corpo físico perfeito?”

“Não, Honrado pelo Mundo. O Realizado não deve ser visto pelo seu corpo físico perfeito. Porquê? O Realizado diz que o corpo físico perfeito não é um corpo físico perfeito, é chamado um corpo físico perfeito.”

A preocupação do Buda é que as pessoas possam não ver o corpo de realidade e apenas ver as trinta e duas marcas, os oitenta refinamentos e o brilho violeta-dourado, e considerar estes como o verdadeiro corpo do Realizado. Para se livrar desta confusão, pergunta a Subhuti se o Buda pode ou não ser visto pelo seu corpo físico perfeito.

As trinta e duas marcas não são o corpo físico perfeito; cumprir interiormente as trinta e duas práticas puras é o que é chamado o corpo físico perfeito. As práticas puras são as seis perfeições: cultivar as seis perfeições nos cinco órgãos dos sentidos e cultivar tanto a estabilização como o insight no órgão da mente é chamado o corpo físico perfeito. Se apenas admirares as trinta e duas marcas do Realizado e não cumprires as trinta e duas práticas puras interiormente, então isto não é o corpo físico perfeito. Se não te importares com o corpo físico do Realizado, mas puderes tu próprio manter uma conduta pura, isto ainda pode ser chamado o corpo físico perfeito.

“Subhuti, o que pensas — pode o Realizado ser visto pelo complemento completo de marcas distintivas?”

“Não, Honrado pelo Mundo. O Realizado não deve ser visto pelo complemento completo de marcas distintivas. Porquê? O Realizado diz que o complemento completo de marcas distintivas não é o complemento completo, é chamado o complemento completo de marcas distintivas.”

O Tathagata, ou Realizado, é o corpo sem forma da realidade. Não pode ser visto pelo olho físico; só pode ser visto pelo olho da sabedoria. Quando o olho da sabedoria ainda não está completamente claro, e alguém concebe imagens de eu, pessoa, e assim por diante, e vê as trinta e duas marcas distintivas como o Realizado, então isso não é chamado completo.

Quando o olho da sabedoria está completamente claro, e imagens de eu, pessoa, e assim por diante não ocorrem, a luz do verdadeiro conhecimento brilha continuamente. Isto é chamado o complemento completo de marcas distintivas. Aqueles que ainda estão infetados pelas três venenos mas dizem que veem o verdadeiro corpo do Realizado não podem estar certos; mesmo se puderem ver algo, é apenas um corpo projetado, não o verdadeiro corpo sem forma da realidade.

21 Não Pregar uma Doutrina

Falar sobre o vazio todo o dia não diz uma única palavra. Se disseres que ele tem uma doutrina, estás a caluniar o Realizado. Portanto, o sutra segue com uma secção sobre não pregar uma doutrina.

“Subhuti, não digas que o Realizado entretém este pensamento: ‘Devo pregar alguma doutrina.’ Não entretenhas este pensamento. Porquê? Se alguém disser que o Realizado prega alguma doutrina, está a caluniar o Buda, porque não pode compreender o que eu digo. Subhuti, a

explicação do ensino é que não há doutrina a pregar — isso é chamado ensino."

Quando as pessoas comuns pregam, têm um sentido de realização. Portanto, o Buda diz a Subhuti que, quando o Realizado ensina, não tem sentido de realização.

As pessoas comuns pregam com um sentido de serem capazes de compreender. A fala e o silêncio do Realizado são ambos espontâneos; as palavras que profere são como ecos respondendo a sons, ocorrendo naturalmente sem intenção deliberada, não o mesmo que o homem comum pregando com uma mente flutuante. Se alguém disser que o Realizado prega com flutuação na sua mente, está a caluniar o Buda.

O Sutra de Vimalakirti diz: "O verdadeiro ensino envolve não pregar, não dar ordens; ouvir o ensino envolve não ouvir e não apreender." Realizas que miríades de coisas são vazias, e todos os nomes e palavras são configurações temporárias; construídas dentro do vazio inerente, todas as exposições verbais explicam que todas as realidades são sem sinal e não fabricadas, guiando assim as pessoas iludidas de modo a fazê-las ver a sua natureza original e cultivar e realizar a iluminação insuperável.

Nesse ponto, Subhuti, cuja vida era sabedoria, disse ao Buda: "Honrado pelo Mundo, se os seres vivos ouvirem este ensino no futuro, acreditarão nele ou não?"

O Buda disse a Subhuti: "Eles não são seres vivos, mas não não seres vivos. Porquê? Subhuti, o Realizado diz que os seres vivos não são seres vivos, são chamados seres vivos."

22 Não Há Nada a Atingir

Na verdade, não há nada na verdadeira sabedoria insuperável; a verdade não tem nada a atingir, mas é evidente em todo o lado. Assim, o sutra segue com uma secção sobre a inexistência de algo a ser atingido.

Subhuti disse ao Buda: "Honrado pelo Mundo, quando o Buda atingiu a iluminação perfeita completa insuperável, é que não havia nada atingido?"

O Buda disse: "É assim. É assim. Subhuti, não havia nada para mim a atingir na iluminação perfeita completa insuperável. Isto é chamado iluminação perfeita completa insuperável."

Subhuti diz que, quando o sentido de attainment termina, então isto é iluminação. O Buda diz que é assim: "Eu na realidade não tenho sentido

de buscar a iluminação, e não tenho sentido de attainment. Porque é assim, pode ser chamado iluminação perfeita completa insuperável."

23 Purificar a Mente e Fazer o Bem

Uma realidade sustenta a mente, mas os sentimentos produzem alto e baixo. Purifica a tua mente e cultiva a tua conduta, e não há fim para o bem. Portanto, o sutra segue com uma secção sobre purificar a mente e fazer o bem.

"Além disso, Subhuti, esta realidade é imparcial; não tem alto nem baixo. Isto é chamado iluminação perfeita completa insuperável. Aqueles que praticam todos os caminhos bons sem um eu, sem uma pessoa, sem um ser e sem um vivente realizarão a iluminação perfeita completa insuperável.

A realidade da iluminação diz-se imparcial, sem alto nem baixo, porque todos os seres, dos budas acima aos insetos abaixo, têm todo o conhecimento dentro deles, uma vez que a iluminação é não-dual. Basta praticar todos os caminhos bons desapegado das quatro imagens, e atingirás a iluminação.

Se não te desapegares das quatro imagens, então mesmo se cultivares todos os caminhos bons, isso aumentará o sentido de eu e pessoa, por isso não há maneira de realizar a mente libertada. Se praticares todos os caminhos bons sem as quatro imagens, então a libertação é possível.

Praticar todos os caminhos bons significa não ser obcecado por nada, não ser perturbado por objetos, não ser ganancioso por estados transcendentais, sempre aplicar meios expeditos em todas as situações, adaptando-se às pessoas, para fazê-las rejubilar e ter fé, expondo o verdadeiro ensino para elas para permitir que realizem a iluminação. Só quando é assim é que deve ser chamado aplicação prática; assim, é chamado praticar todos os caminhos bons.

"Subhuti, os chamados 'caminhos bons' o Realizado diz que não são caminhos bons, são chamados caminhos bons."

Quando cultivas todos os caminhos bons na esperança de recompensas, então não são caminhos bons. Quando cumpres as miríades de práticas das seis perfeições sem esperar recompensas, estes são chamados caminhos bons.

24 Bênçãos e Sabedoria sem Comparação

Mesmo se deres joias como montanhas, as montanhas não são infinitas. Um indivíduo de estatura com sabedoria sutil — isto é uma montanha de joias. Portanto, o sutra segue com uma secção sobre bênçãos e sabedoria sem comparação.

“Subhuti, se alguém tomasse montes de joias tão grandes como as montanhas polares num bilião de mundos e os desse em caridade, as bênçãos não se compariam a uma centésima parte, uma centésima trilião parte, ou na verdade qualquer parte calculável ou imaginável das bênçãos de aceitar, manter, ler, recitar e explicar aos outros mesmo tanto como um verso de quatro linhas deste sutra sobre a perfeição da sabedoria.”

As bênçãos realizadas ao dar montanhas de joias em caridade são imensuráveis e ilimitadas, mas afinal a base é contaminada, por isso não há caminho de libertação. Mesmo que um verso de quatro linhas sobre a perfeição da grande sabedoria possa ser pouco, se o colocares em prática podes atingir o buddhahood; portanto, sabemos que as bênçãos de manter a escritura são incomparáveis porque pode fazer as pessoas realizarem a iluminação.

25 Ensinar sem Ensinar Ninguém

Estabelecer métodos de ensino é inevitavelmente um expedito; em termos do essencial, na realidade não há onde abiding. Portanto, o sutra segue com uma secção sobre ensinar sem ensinar ninguém.

“O que pensas, Subhuti? Não deves dizer que o Realizado entretém este pensamento: ‘Devo libertar seres.’ Subhuti, não penses isto. Porquê? Na realidade não há seres que o Realizado liberta. Se houvesse seres que o Realizado liberta, então o Realizado teria eu, pessoa, ser e vivente.”

Subhuti imagina que o Realizado tem um sentido de libertar seres; para dissipar esta suspeita de Subhuti, o Buda diz-lhe para não entreter este pensamento. Todos os seres são originalmente budas; se disseres que o Realizado liberta seres para que se tornem budas, então isto é uma declaração falsa. Sendo uma declaração falsa, isso seria referir-se a eu, pessoa, ser e vivente. Isto é para o propósito de dissipar o sentido de “eu” e “meu”. Mesmo que todos os seres tenham natureza de buda, se não fosse pelo ensino dos budas, não teriam maneira de realizá-la; como poderiam cultivar as práticas que lhes permitiriam cumprir o buddhahood?

“Subhuti, o Realizado diz que ter eu não é ter eu, mas as pessoas comuns pensam que têm eu. Subhuti, o Realizado diz que as pessoas comuns não são pessoas comuns, são chamadas pessoas comuns.”

O eu que o Realizado diz que existe no eu inerentemente puro de eternidade, bem-aventurança, eu e pureza, não o mesmo que o eu ganancioso, irritado, ignorante, falso, irreal das pessoas comuns.

Portanto, diz que as pessoas comuns pensam que têm eu. Aqueles que têm eu e pessoa são pessoas comuns, aqueles para quem eu e pessoa não ocorrem não são pessoas comuns. Aqueles cujas mentes têm flutuação são pessoas comuns, enquanto aqueles cujas mentes não têm flutuação não são pessoas comuns. Aqueles que não realizam a perfeição da sabedoria são pessoas comuns; se realizarem a perfeição da sabedoria, então não são pessoas comuns. Aqueles que têm sujeito e objeto na mente são pessoas comuns, enquanto aqueles que não têm sujeito ou objeto na mente não são pessoas comuns.

26 A Encarnação da Realidade Não São Aparências Externas

Ver por meio de forma e buscar por meio de som é viajar por um caminho falso. Aqui a comunhão sutil revela a verdadeira eternidade sozinha. Portanto, o sutra segue com uma secção sobre a encarnação da realidade não ser aparências externas.

“Subhuti, o que pensas — podes ver o Realizado em termos das trinta e duas marcas?”

Subhuti disse: “É assim — vemos o Realizado em termos das trinta e duas marcas.”

O Buda disse: “Se visses o Realizado em termos das trinta e duas marcas, então um governante sábio que dá leis seria um Realizado.”

Subhuti disse ao Buda: “Honrado pelo Mundo, como eu compreendo o significado do que o Buda diz, não devemos ver o Realizado em termos das trinta e duas marcas.”

O Honrado pelo Mundo faz esta pergunta por grande bondade, para que a doença de Subhuti de se apegar a aparências possa não ser eliminada. Subhuti ainda não conhece a intenção do Buda, por isso diz que é assim. Isto já é confusão, à qual adiciona mais confusão dizendo que vemos o Realizado em termos de trinta e duas marcas. Tornou-se ainda mais afastado da realidade, por isso o Realizado diz-lhe, para eliminar a sua

confusão, que se pudéssemos ver o Realizado em termos de trinta e duas marcas, então um governante sábio que dá leis seria um Realizado.

Mesmo que um governante sábio que dá leis possa ter as trinta e duas marcas de grandeza, como poderia ser o mesmo que o Realizado? O Honrado pelo Mundo usa esta expressão para se livrar da doença de Subhuti de se apegar a aparências e para fazer com que o seu entendimento penetre profundamente. Quando questionado, a confusão de Subhuti derrete de uma vez, por isso diz: “Como eu compreendo o significado do que o Buda diz, não se deve ver o Realizado em termos de trinta e duas marcas.” Subhuti é um grande santo, o seu entendimento é muito profundo, e tem habilidade em meios — não cria um caminho de ilusão, mas quer que o Honrado pelo Mundo se livre da confusão sutil para permitir que as pessoas de gerações posteriores vejam sem erro.

Nesse ponto, o Honrado pelo Mundo disse em verso:

“Qualquer um que me veja em forma,

Ou que me busque através do som,

Está a viajar por um caminho falso

E não pode ver o Realizado.”

Forma significa aparências, ver significa reconhecimento. “Eu” refere-se à essência inerentemente pura, não criada, sem forma, real eterna dentro dos corpos de todos os seres; isto não pode ser cumprido por invocações altas de Buda. A mindfulness deve ser mindfulness precisa, com clareza distinta, antes que se possa realizar o entendimento iluminado. Se buscas isto através de forma ou som, não pode ser visto. Assim, sabemos que se olharmos para o Buda em termos de aparências, ou buscarmos o ensino em sons, a mente flutua e não compreende o Realizado.

27 Nenhuma Aniquilação ou Extinção

Manifesto mas sem forma, vazio mas não vazio, constante ao longo de todo o tempo — quem diz aniquilação ou extinção? Portanto, o sutra segue com uma secção sobre nem aniquilação nem extinção.

“Subhuti, se entreténs o pensamento de que o Realizado não atinge a iluminação perfeita completa insuperável por causa da manifestação perfeita, não deves pensar assim. Subhuti, se entreténs o pensamento de que aqueles que aspiram à iluminação perfeita completa insuperável falam de todas as coisas como sendo aniquiladas, não deves pensar

assim. Porquê? Aqueles que aspiram à iluminação perfeita completa insuperável não falam de coisas como sendo aniquiladas.”

Ao ouvir que o corpo real está além das aparências, Subhuti então imagina que se atinge a iluminação sem cultivar as trinta e duas práticas puras. O Buda diz a Subhuti para não dizer que o Realizado atinge a iluminação sem cultivar as trinta e duas práticas puras.

Se disseres que a iluminação insuperável é atingida sem cultivar as trinta e duas práticas puras, isto é aniquilar a linhagem dos budas; não é verdade de todo.

28 Não Aceitar, Não Ser Ganancioso

Uma grande mente é paciente e naturalmente livre de ganância; as bênçãos mundanas são tantas — como poderiam ser aceites? Portanto, o sutra segue com uma secção sobre não aceitar e não ser ganancioso.

“Subhuti, supõe que um bodhisattva tomasse tantas joias quantas encheria mundos tão numerosos como os grãos de areia no Rio Ganges e as desse em caridade. Agora supõe que alguém soubesse a ausência de eu de todas as coisas e atingisse a tolerância; este bodhisattva ultrapassaria as bênçãos atingidas pelo bodhisattva anterior.

“Porquê? Subhuti, é porque os bodhisattvas não aceitam bênçãos. Subhuti, as bênçãos produzidas pelos bodhisattvas não devem ser objetos de ganância e apego; portanto, diz-se que não aceitam bênçãos.”

Compreender todas as coisas sem sentido de sujeito e objeto é chamado tolerância. As bênçãos atingidas por tal pessoa ultrapassam as bênçãos das joias acima mencionadas. As bênçãos produzidas pelos bodhisattvas não são para si próprios; a sua intenção é beneficiar todos os seres. Portanto, diz-se que não aceitam bênçãos.

29 Serenidade da Conduta

Ir e vir, sentar e reclinar, estão todos de acordo com a assimidade. Portanto, o sutra segue com uma secção sobre a serenidade da conduta.

“Subhuti, se alguém diz que o Realizado vem ou vai, senta ou reclina, esta pessoa não compreende o princípio que eu exponho. Porquê? O Realizado não vem de lado nenhum e não vai para lado nenhum; é por isso que é chamado o Realizado.”

O Realizado não vem, mas não é que não venha; não vai, mas não é que não vá; não está sentado, mas não é que não se sente; não está

reclinado, mas não é que não se recline. Dentro destas quatro posturas — andar, ficar de pé, sentar e reclinar — se alguém sempre permanecer vazio e sereno, então isto é um realizado.

30 O Princípio do Composto

Quando a mente crente é contínua, isto são átomos; quando estas joias de fé enchem tudo, isto é chamado um mundo. O “mundo” e os “átomos” são um composto, sendo assim por lei natural. Portanto, o sutra segue com uma secção sobre o princípio do composto.

“Subhuti, se um bom homem ou uma boa mulher pulverizasse o universo de bilião de mundos em átomos, pensas que haveria muitos destes átomos?”

Subhuti disse: “Muitos, Honrado pelo Mundo. Porquê? Se estes átomos fossem realmente existentes, então o Buda não diria que eram uma massa de átomos. Porquê? O Buda diz que uma massa de átomos não é uma massa de átomos, é chamada uma massa de átomos.”

O Buda falou do universo de bilião de mundos para simbolizar o número de partículas nas naturezas de todos os seres, que são como os átomos num universo de bilião de mundos. As partículas de pensamento falso nas naturezas de todos os seres não são átomos. Se ouvirem o sutra e realizarem o caminho, o insight despertado brilha constantemente, dirigindo-se para a iluminação, não parando pensamento após pensamento, sempre permanecendo puro: tais elementos puros são chamados uma massa de átomos.

“Honrado pelo Mundo, o universo de bilião de mundos falado pelo Realizado não é um universo, é chamado um universo.”

Um bilião é mil à terceira potência: falando em termos do padrão interior, isto significa que ganância, raiva e tolice cada um contém mil pensamentos falsos. A mente é a raiz do bem e do mal; pode ser vulgar e pode ser sagaz. O seu movimento e quietude são insondáveis, e é ilimitadamente vasta, por isso é chamada um universo.

“Qual é a razão? Se o universo realmente existisse, seria um composto; mas o Realizado diz que um composto não é um composto, é chamado um composto.”

Para clareza perfeita da mente, nada se compara aos dois elementos de compaixão e sabedoria; a iluminação é atingida por meio destes dois elementos. Aqueles que falam de um composto fazem-no porque têm um

sentido de attainment; assim, não é um composto. Quando não há sentido de attainment, isto é chamado um composto. Este “composto” significa falar sobre a realidade sem destruir nomes temporários.

“Subhuti, o composto é inexprimível, mas as pessoas comuns apegam-se gananciosamente aos seus assuntos.”

A iluminação, a realização do buddhahood, é cumprida por meio de dois elementos, compaixão e sabedoria: estes não podem ser plenamente explicados; a sua sutileza é inexprimível. As pessoas comuns apegam-se gananciosamente ao trabalho literário e não praticam compaixão e sabedoria. Se buscas a iluminação insuperável sem praticar compaixão e sabedoria, como podes atingi-la?

31 As Visões Não Ocorrem

As quatro visões estão todas erradas; isto é chamado quatro perceções. Portanto, o sutra segue com uma secção sobre as visões não ocorrerem.

“Subhuti, se alguém diz que o Buda expõe a noção de eu, a noção de pessoa, a noção de um ser ou a noção de um vivente, pensas que esta pessoa compreende os princípios que eu exponho?”

“Honrado pelo Mundo, esta pessoa não compreende os princípios expostos pelo Realizado. Porquê? O Honrado pelo Mundo diz que a noção de eu, a noção de pessoa, a noção de um ser e a noção de um vivente não são uma noção de eu, uma noção de pessoa, uma noção de um ser ou uma noção de um vivente, são chamadas a noção de eu, a noção de pessoa, a noção de um ser e a noção de um vivente.”

O Honrado pelo Mundo expôs este sutra para fazer com que todos os seres realizem a sabedoria prajna eles próprios e cultivem a realização da iluminação eles próprios. As pessoas comuns não compreendem a intenção do Buda, e portanto pensam que o Realizado fala de noções como eu e pessoa. Não sabem que o Realizado expõe o ensino de insight perfeito extremamente profundo, sem forma, não contrivado.

As noções de eu, pessoa, e assim por diante, como explicadas pelo Realizado, não são as mesmas que as noções de eu, pessoa, e assim por diante, das pessoas comuns. O Realizado diz que todos os seres têm natureza de buda; esta é a noção do verdadeiro eu. Diz que todos os seres têm conhecimento não contaminado, basicamente inerente na sua natureza essencial; esta é a noção de pessoa. Diz que todos os seres são originalmente naturalmente livres de aflições; esta é a noção de ser.

Diz que a natureza essencial de todos os seres é fundamentalmente não nascida e não perecível; esta é a noção de vivente.

“Subhuti, aqueles que aspiram à iluminação perfeita completa insuperável devem conhecer, ver, acreditar e compreender todas as verdades desta maneira, não concebendo uma aparência de verdade. Subhuti, o Realizado diz que a suposta ‘aparência de verdade’ não é característica de verdade; isto é chamado a característica de verdade.”

Aqueles que aspiram à iluminação devem ver todos os seres como tendo natureza de buda, devem ver todos os seres como inerentemente dotados de todo o conhecimento não contaminado, devem acreditar que todos os seres são originalmente sem aflições, devem acreditar que a natureza intrínseca de todos os seres é fundamentalmente sem nascimento ou morte. Mesmo que coloquem todo o conhecimento e insight em prática e lidem expedientemente com as pessoas e as ajudem, não entretêm um sentido de sujeito e objeto. Se falares sobre verdade sem forma mas tiveres um sentido de sujeito e objeto, então isto não é característica de verdade. Se falares sobre verdade sem forma, praticares mentalmente prática sem forma, e não tiveres sentido de sujeito e objeto, isto é chamado a característica de verdade.

32 A Recompensa e a Emanação Não São o Real

Uma vez que a mente é inspirada, as bênçãos são realizadas de acordo; encarnando as recompensas, as emanações influenciam os outros — isto é inevitável. Quando o Buda real é conhecido em todo o lado, então o trabalho está feito. Portanto, o sutra segue com uma secção sobre a recompensa e a emanação não serem a realidade.

“Subhuti, supõe que alguém enchesse números infinitos incalculáveis de mundos com substâncias preciosas e as usasse para dar em caridade. Agora supõe que um bom homem ou uma boa mulher que despertou a inspiração para a iluminação mantenha este sutra, mesmo tanto como o equivalente a um verso de quatro linhas, o aceite e mantenha, leia e recite, e o exponha para outros, a bênção nisso excederá a anterior.

“Como se expõe para outros? Não agarrando formas, não se movendo da assimidade como tal.”

Mesmo que as bênçãos de substâncias preciosas possam ser muitas, não se comparam às bênçãos das pessoas que despertam a inspiração para a iluminação, aceitando e mantendo quatro linhas deste sutra, e expondo-o para outros. Estas bênçãos ultrapassam as anteriores

centenas de milhares de miríades de milhões de vezes, para além de qualquer comparação.

Explicar verdades habilmente e expedientemente, tendo em consideração as faculdades das pessoas e adaptando-se às suas capacidades, ajustando adequadamente de várias maneiras — isto é chamado expor para outros. As pessoas que ouvem o ensino são de várias aparências diferentes; não se deve ter uma atitude discriminatória. Basta dominar uma mente vazia, silenciosa de acordo com a talidade, sem qualquer sentido de ganhar algo, sem qualquer sentido de ganhar ou perder, sem qualquer sentido de esperança ou expectativa, sem excitação ou oblivion — isto é chamado não se mover da assimidade como tal.

“Porquê? Todas as coisas criadas são como sonhos, ilusões, bolhas, sombras; como orvalho, e como relâmpagos. Devem ser vistas desta maneira.”

Os sonhos são corpos desviados, as ilusões são pensamentos errantes, as bolhas são aflições, as sombras são as barreiras criadas por ações passadas. Estas são chamadas coisas criadas. Quanto à verdade não criada, é a realidade, apartada de rótulos e aparências.

Depois de o Buda ter falado este sutra, o ancião Subhuti, bem como monges, freiras, leigos, leigas, anjos, humanos e titãs de todos os mundos, tendo ouvido o que o Buda disse, todos rejubilaram grandemente; acreditaram nele, aceitaram-no, trabalharam nele e colocaram-no em prática.

Notas sobre o SUTRA DE HUI-NENG

CAPÍTULO UM. HISTÓRIA PESSOAL

Lugares

A Província de Shao, onde a palestra de Hui-neng está a ter lugar, ficava no que é agora a Província de Guangdong (Cantão) no extremo sul da China, tal como a Província de Hsin, onde Hui-neng nasceu, e Nan-hai, onde cresceu. Hsin significa “novo”, e esta área era, da perspetiva do império chinês em expansão, uma região recém-desenvolvida. Este é um fundo importante para compreender a imagem de preconceito racial e cultural que vai figurar no desenvolvimento da história de Hui-neng.

Ling-nan era o nome de um Tao ou Circuito, uma unidade administrativa maior, abrangendo o que são agora as províncias de Guangxi (Kuang-

hsi) e Guangdong (Kuang-tung), o sul profundo da China continental. Enquanto Guangdong está agora densamente povoada por chineses Han, Guangxi tem uma população aborígene tão grande que é politicamente designada uma região autónoma, nomeada após o povo maioritário Zhuang.

Fan-yang, de onde Hui-neng disse que o seu pai era, era um lugar na moderna Hopei (Hebei), a norte do Rio Amarelo. O facto da sua banimento sugere que o pai de Hui-neng tinha estado no serviço civil. Muitos homens de boa reputação sofreram banimento no curso da história chinesa, incluindo alguns eruditos confucianos notáveis e grandes mestres budistas, por isso não há razão para supor que o pai de Hui-neng era um homem mau. A tirania e a política partidária faziam parte da vida quotidiana em burocracias gigantescas como a da China imperial; na verdade, um dos pontos principais da história do aprendizado de Hui-neng e do concurso pela robe de sucessão é ilustrar como tais padrões também infetam estabelecimentos religiosos.

Huang-mei, onde Hung-jen, o Quinto Grande Mestre de Ch'an, estava a ensinar, ficava na moderna Hupei (Hubei), no centro da China propriamente dita, ao longo do Rio Yang-tzu.

Encontro com o Quinto Grande Mestre de Ch'an

Hung-jen (602–675) supostamente baseou o seu ensino no Sutra do Diamante, uma das obras mais condensadas no corpus escritural conhecido coletivamente como Prajnaparamita ou Perfeição da Sabedoria. Uma obra breve chamada Tratado sobre o Veículo Supremo é atribuída a Hung-jen; uma tradução inglesa pode ser encontrada no meu Minding Mind: A Course in Basic Meditation (Shambhala Publications, 1995).

O despertar súbito de Hui-neng ao ouvir uma passagem do Sutra do Diamante é uma das histórias centrais da tradição Zen, representando a ação da palavra de Buda numa mente inocente. Uma das maiores obras de arte Zen, pelo artista obscuro do século XIII Chih-weng, retrata Hui-neng nesta ocasião, ainda lenhador, num estado de profundo espanto após o seu despertar inesperado.

Quando Hung-jen se referiu a Hui-neng como um "aborígene", a expressão usada é "Hunting Liao". Os Liao eram um povo não-chinês (i.e., não-Han) vivendo em Hupei. Como Hupei já estava colonizado pela cultura Han centrada na agricultura, como uma minoria anterior de caçadores, os Liao eram indubitavelmente habitantes das montanhas. O

mosteiro Zen em Huang-mei ficava nas montanhas de Hupei, por isso não é impossível que os seus habitantes estivessem até certo ponto familiarizados com tribais Liao.

Mais tarde, quando Hui-neng teve de se refugiar da perseguição, foi para as montanhas e viveu com caçadores durante quinze anos. Isto sugeriria que ele de facto tinha tal fundo na sua história pessoal.

No entanto, não há evidência de que o pai de Hui-neng se casou com uma mulher Liao de Hupei, e Hung-jen pode ter usado o nome da minoria aborígene local como um termo geral para aborígenes. É dificilmente pensável que o pai de Hui-neng não tivesse já sido casado e tido filhos no momento em que se tornou um funcionário civil. Após ter sido banido para o sul, no entanto, sozinho no exílio numa área fronteiriça, pode ter tido uma ligação com uma nativa local. Isto explicaria Hui-neng ter uma aparência física distinta aos olhos das pessoas Han do norte da China.

Deve ser realizado que os estereótipos culturais e raciais e os preconceitos retratados nesta história fazem parte de uma configuração deliberada, ultimamente projetada para ilustrar a universalidade da natureza de buda vis-à-vis a personalidade condicionada relativamente limitada e superficial.

O Concurso com Shen-hsiu

Shen-hsiu, o discípulo sénior do Quinto Grande Mestre, era originalmente um erudito confuciano. O objetivo principal dos estudos confucianos formais naquela época era ganhar graus nos exames de serviço civil, que qualificariam o titular para cargos governamentais.

Na história de Hui-neng, todo o cenário do concurso poético pela sucessão ao rank de Grande Mestre de Ch’an é uma paródia ao hábito de transportar costumes mundanos para o budismo. A luta interior de Shen-hsiu é retratada em grande detalhe nesta versão do texto, ilustrando a profundidade do conflito entre ambição e verdade que atormentava sistemas institucionalizados de educação intelectual e religiosa.

Em termos de ensino budista, a justaposição do devoto de meditação erudito e do inocente livre ilustra o princípio de que a natureza de buda e a iluminação não são adquiridas externamente, mas descobertas interiormente. Este ponto é fortemente enfatizado no Sutra do Diamante no qual Hung-jen supostamente baseou o seu ensino, e no seu próprio

Tratado sobre o Veículo Supremo, diz que a mente inerente é o professor básico.

O local do concurso poético também tem significado simbólico. Os poemas são escritos numa parede sobre a qual haveria de ser pintado um mural retratando a projeção do Lankavatara-sutra e a sucessão dos cinco Grandes Mestres ou patriarcas de Ch'an.

De acordo com a lore de Ch'an, o fundador de Ch'an na China considerava os budistas chineses do seu tempo literalistas e formalistas; por isso usou o Lankavatara-sutra, um texto da vijnana-vada budista ou escola da consciência, para romper com estes preconceitos.

Uma escola Lankavatara desenvolveu-se do círculo do Segundo Grande Mestre de Ch'an e continuou a especializar-se desta maneira por algumas gerações, mas o mainstream de Ch'an empregava quaisquer textos que se provassem úteis de tempos a tempos, geralmente tirando não só do vasto corpo de sutras budistas, mas também ocasionalmente de clássicos taoistas e confucianos.

Na história de Hui-neng, o abandono final do mural do mestre de Ch'an Lankavatara em favor do verso de Shen-hsiu ilustrando o método prático pode ser um dos sinais do fim da era patriarcal e da popularização de Ch'an. A própria história de Hui-neng enfatiza que ele é o último dos Grandes Mestres, o ensino tendo-se tornado plenamente estabelecido na China no fim da sua carreira.

No julgamento final do concurso, pode parecer contraditório que o Quinto Grande Mestre aprove o verso do seu eminente discípulo mas conceda o reconhecimento último ao trabalhador iletrado. O Mestre de Ch'an Pai-chang disse: "Dizer que é possível atingir o buddhahood pela cultivo, que há prática e há realização... é o ensino de Buda, mas estas são palavras de doutrina incompleta... Dizer que não se pode atingir o buddhahood pela cultivo, que não há prática nem realização... também é o ensino de Buda, mas estas são palavras de doutrina completa." Ambos estes tipos de ensino encontram-se ao longo da lore budista de Ch'an; a questão de quando se aplicam é abordada no ditado: "Se quiseres conhecer o significado da natureza de buda, observa o timing e as condições."

Herança do Ensino

O insight de Hui-neng foi reconhecido pelo Quinto Grande Mestre de Ch'an no seu primeiro encontro; depois foi confirmado na sua vitória secreta no concurso poético dos discípulos. Só depois disso é que o

Grande Mestre expôs o Sutra do Diamante a Hui-neng, que originalmente fora inspirado por esse sutra e viera ao mestre de Ch'an por essa razão.

O Sutra do Diamante tornou-se popular entre os seguidores de Ch'an, bem como outros budistas, e alguns devotos tomaram o hábito de recitá-lo como um ritual regular. De acordo com um comentário sobre este sutra atribuído à transmissão oral de Hui-neng: "Este sutra de um rolo originalmente existe na natureza essencial de todos os seres vivos. As pessoas que não o veem elas próprias apenas leem e recitam letras escritas. Se realizares a tua mente original, realizarás pela primeira vez que este sutra não está em letras escritas. Se puderes compreender claramente a tua própria natureza essencial, só então acreditarás realmente que 'todos os Budas emergem deste sutra'."

Perseguição

A perseguição de Hui-neng por rivais ciumentos ilustra ainda mais o tema da mundanidade transportada para círculos supostamente religiosos ou espirituais. Como antigo general, o monge Hui-ming é a figura perfeita para representar ambição agressiva. A sua incapacidade de levantar a robe e a taça, simbólicas do ensino, mostra que é a capacidade que conta aqui, não o desejo. O cenário da mudança súbita de atitude e despertar último de Hui-ming através da redireção crucial de atenção guiada por Hui-neng foi mais tarde usado como uma história de ensino Zen para orientar a consciência. O termo rosto original tornou-se assim uma palavra de ordem comum do Zen.

A renovada perseguição de Hui-neng mostra que a sua mensagem não era bem-vinda por interesses entrincheirados. O Primeiro e o Segundo Grandes Mestres de Ch'an também foram perseguidos por clérigos ciumentos que queriam reter a sua autoridade. O Primeiro Grande Mestre foi envenenado seis vezes, ultimamente fatalmente; o Segundo Grande Mestre foi condenado à morte como resultado de uma intriga e finalmente executado.

Emergência no Mundo A história da emergência pública de Hui-neng como o Sexto Grande Mestre através do seu diálogo com os monges que discutiam sobre a bandeira e o vento é outro dos episódios neste sutra frequentemente destacado para atenção especial no estudo Zen. Uma interpretação interessante desta história atribuída ao Mestre Zen japonês medieval Keizan pode ser encontrada no capítulo sobre Hui-neng em Transmission of Light, uma importante coleção de koans japonesa (North

Point Press/Farrar, Straus, and Giroux, 1990; Weatherhill, 1992). CAPÍTULO DOIS. PRAJNA Bodhi, Prajna e Paramita Bodhi, prajna e paramita são termos técnicos budistas sânscritos que são renderizados de várias formas em chinês: cada um tem pelo menos três versões, incluindo pelo menos duas traduções chinesas mais pelo menos uma transliteração do som sânscrito para chinês. Em cada caso, as várias renderizações chinesas dos termos técnicos são usadas de forma intercambiável na lore budista chinesa nativa, como a das escolas Ch'an. Uma ou outra versão pode ser selecionada ou preferida num dado caso, no entanto, para tirar vantagem de alguma escolha de caracteres ou peculiaridade de expressão que possa servir para destacar um ponto particular. A regularidade mecânica da forma externa da terminologia técnica não é, portanto, característica da literatura budista chinesa. Bodhi Bodhi significa conhecimento ou sabedoria iluminada. Vem da mesma raiz que buddha, que significa alguém que realizou a sabedoria. Bodhidharma, o nome tradicionalmente associado à fundação do Ch'an na China, é na verdade um patronímico que significa "ensino da sabedoria", simbolizando a essência interior do Zen. Bodhi é a raiz principal da palavra bodhisattva, um termo também comumente visto em transliteração, e também usado por Hui-neng nas suas palestras, significando um ser cuja essência ou natureza é a sabedoria. O bodhisattva é o herói do Mahayana "Grande Veículo" do Budismo, trabalhando pela libertação e iluminação universais. Prajna Prajna significa insight ou sabedoria. De acordo com o Sandhinirmocanasutra, há três tipos de insight: insight na verdade mundana, insight na verdade última e insight em beneficiar os seres sencientes. Em muitos casos, os ensinamentos Ch'an e Zen enfatizam o insight na verdade última. O mestre clássico Pai-chang disse: "Assim como os insetos podem pousar em qualquer lugar exceto nas chamas de um fogo, as mentes dos seres sencientes podem relacionar-se com qualquer coisa exceto a sabedoria." Hui-neng também usa a expressão transliterada prajna-samadhi. Samadhi significa concentração ou absorção, e na lore Ch'an é por vezes usado para significar attainment. Paramita Paramita foi traduzida para chinês como "atravessar" e "alcançar a outra margem". Param vem da raiz pr, "trazer através", e significa a margem mais distante, o outro lado, a extensão ou fim último. A segunda parte da palavra, ita, é tecnicamente um particípio passado do verbo "ir", significando assim "ido". Pode também significar, de acordo com o uso sânscrito convencional, "indo", na medida em que a rota e o objetivo estão estabelecidos. Assim, de ambos os seus elementos sânscritos, o termo paramita tem significados

do processo de transcendência bem como da realização da transcendência. As duas principais traduções chinesas do termo refletem estes dois níveis de significado. De acordo com a tradição budista clássica, o bodhisattva que chega à “outra margem” não permanece lá, mas continua a viajar de um lado para o outro da “margem atual” para a “outra margem”, libertando os outros da escravidão para a liberdade, ultimamente não ficando aqui, lá ou no meio. No seu comentário ao Sutra do Diamante, Hui-neng diz: O que significa prajna? Prajna é uma palavra sânscrita, renderizada em chinês como “sabedoria insightiva”. Insight é não dar origem a atitudes ignorantes, sabedoria é ter os expedientes apropriados. Insight é a substância da sabedoria, sabedoria é a função do insight. Se houver sabedoria na substância, a função é insightiva e não ignorante; se não houver sabedoria na substância, a função é insightiva e não ignorante; se não houver sabedoria na substância, a função é ignorante, sem insight. É apenas para se livrar da ignorância, tolice e não-iluminação que cultivamos a sabedoria insightiva. O que significa paramita? É renderizado em chinês por “alcançar a outra margem”. Alcançar a outra margem significa desapego do nascimento e da morte. Apenas porque as pessoas do mundo carecem de estabilidade de natureza, elas encontram aparências de nascimento e morte em todas as coisas, fluem nas ondas de vários cursos de existência, e não chegaram ao chão da realidade como é: tudo isso é “esta margem”. É necessário ter grande sabedoria insightiva, completa em relação a todas as coisas, desapegada das aparências de nascimento e morte — isto é “alcançar a outra margem”. Também se diz que quando a mente está confusa, é “esta margem”. Quando a mente está iluminada, é “a outra margem”. Quando a mente está distorcida, é “esta margem”. Quando a mente está sã, é “a outra margem”. Se falares dela e a cumprires mentalmente, então o teu próprio corpo de realidade está imbuído de paramita. Se falares dela mas não a cumprires mentalmente, então não há paramita. O Sutra Diamante Prajnaparamita Há numerosos sutras, ou escrituras budistas, pertencentes à classe prajnaparamita. O Sutra do Diamante é um dos textos mais condensados e mais populares destes, comumente recitado por todo o tipo de pessoas. O comentário sobre este sutra atribuído ao próprio Hui-neng diz: A “diamante prajnaparamita” falada pelo Realizado toma o seu nome de uma metáfora para a verdade. O que significa? O diamante é extremamente afiado por natureza e pode romper todos os tipos de coisas. Mas embora o diamante seja extremamente duro, o chifre pode quebrá-lo. O diamante representa a natureza de buda, o chifre representa as aflições. Duro

como o diamante é, o chifre pode quebrá-lo; estável embora a natureza de buda seja, as aflições podem desarranjá-la. Mesmo que as aflições possam ser intratáveis, o conhecimento prajna pode destruí-las; mesmo que o chifre possa ser duro, o aço fino pode quebrá-lo. Aqueles que realizam este princípio veem claramente a natureza essencial. O Sutra do Nirvana diz: “Aqueles que veem a natureza de buda não são chamados pessoas comuns; aqueles que não veem a natureza de buda são chamados pessoas comuns.” A metáfora do diamante exposta pelo Realizado é para o bem das pessoas no mundo sem estabilidade de natureza: elas podem recitar a escritura, mas a iluminação não se desenvolve. Se praticassem interiormente bem como recitassem exteriormente, seriam igualmente iluminadas. Se não forem firmes interiormente, estabilidade e insight são perdidos; se praticarem mentalmente bem como recitarem verbalmente, estabilidade e insight serão iguais. Isto é chamado o fim último. O Sutra do Nome Puro O Sutra do Nome Puro, apresentando o buda leigo chamado Vimalakirti, é outra escritura budista que era muito popular entre os praticantes de Ch’an e é frequentemente citada nos ditos e escritos dos mestres Ch’an. Uma das funções centrais do ensino neste sutra é dissolver os apegos dogmáticos a doutrinas e práticas formais. CAPÍTULO 3. QUESTÕES Bodhidharma Bodhidharma veio para a China por volta do fim do século V ou do início do século VI. Ele é tradicionalmente considerado o fundador do Ch’an na China. A história do encontro entre Bodhidharma e o Imperador Wu do domínio chinês meridional de Liang é relatada no primeiro capítulo da coleção clássica conhecida como The Blue Cliff Record (Shambhala Publications, 1977, 1992). O grande mestre japonês do século XIV Muso explica o princípio subjacente em algum detalhe nas suas Dream Conversations (Shambhala Publications, 1996): A virtude sem sabedoria diz-se ser um inimigo por três vidas. Quando o tempo é passado em ignorância, fazendo apenas bem contaminado, virtude na esperança de recompensa, não é possível esclarecer o verdadeiro chão da mente. Isto é o inimigo da primeira vida. Como resultado da virtude contaminada, estados prazerosos eventualmente desenvolvem-se. Ainda no reino da emoção, eles ocasionam um aprofundamento de apegos mundanos. Estes apegos tornam-se influências para comportamento ganancioso e possessivo. Isto é o inimigo da segunda vida. Quando os estados prazerosos estão esgotados, enquanto a força da ignorância não foi diminuída mas sim aumentada pelo apego habitual às recompensas da virtude, a queda do estado de elevação de sentimento produz reações negativas. Isto é o inimigo da terceira vida. Budismo da Terra Pura O

Budismo da Terra Pura tem sido há muito o tipo mais popular de Budismo em toda a Ásia Oriental. Embora o Ch'an/Zen e o Budismo da Terra Pura pareçam exteriormente bastante diferentes, foram amalgamados de tempos a tempos por praticantes de ambos os tipos de escola, e dois dos patriarcas ou Grandes Mestres da tradição parental do Budismo da Terra Pura na China eram também mestres Ch'an reconhecidos. A prática da Terra Pura centra-se na invocação do nome de Amitabha, o Buda da Luz Infinita, para purificar a mente e experimentar o renascimento espiritual na Terra Pura de Amitabha no Ocidente. O Ocidente é a direção do sol poente, que simboliza a cessação dos pensamentos mundanos. Tal como os chamados fundamentalistas em outras religiões, os seguidores do Budismo lapsaram de tempos a tempos em visões literalistas e dogmáticas dos ensinamentos escriturais. A ressurreição de Hui-neng do significado interior do simbolismo da Terra Pura é repetida vezes sem conta na lore Ch'an e Zen ao longo das eras. Nas suas Dream Conversations, o Mestre Zen Muso explica: Entre os mestres das várias escolas do Budismo, incluindo o Budismo Zen, houve aqueles que encorajaram a prática budista da Terra Pura de cantar o nome do Buda da Luz Infinita. Alguns tipos de ensino e prática budista da Terra Pura são elementares e incompletos, mas isto é uma questão de perspetiva. O Sutra do Nirvana diz: "Palavras grosseiras e discurso fino acabam todos na verdade última." O Sutra do Lótus diz: "Trabalho produtivo e negócios não contrariam o caráter da realidade." Quando despertaste para o princípio do Grande Veículo, então toda a conversa no mundo, toda a atividade, é o Grande Veículo do Significado Perfeito; por isso a recitação de um nome de Buda dificilmente poderia ser chamada um veículo menor. Os mestres que estabeleceram o Budismo da Terra Pura compreenderam o princípio profundo do Grande Veículo nas suas próprias mentes, mas temporariamente distinguiram a Terra Pura da terra defilada para guiar pessoas ignorantes, traçando uma distinção entre autopoder e Outro-poder. Eles não eram ignorantes eles próprios; estes ensinamentos são expedientes compassivos de seres iluminadores. Entre os crentes no Budismo da Terra Pura, no entanto, há aqueles que invocam o nome do Buda com a noção de que há uma Terra Pura fora desta terra defilada. Isto não pode ser chamado o Grande Veículo do Significado Perfeito. Avalokitesvara e Mahasthamaprapta são nomes de bodhisattvas supernais tradicionalmente associados ao Buda Amitabha. Shakyamuni é um dos nomes de Gautama Buda. A interpretação simbólica de Hui-neng destes nomes é típica dos ensinamentos clássicos Ch'an e Zen.

Bodhisattvas supernais são frequentemente chamados “deuses” ou “deusas” em escritos ocidentais sobre arte e religião orientais, mas isto é incorreto e enganador, como pode ser visto pelos ensinamentos dos próprios mestres. CAPÍTULO 4. ESTABILIZAÇÃO E INSIGHT Estabilização e Insight O termo sânscrito samadhi, frequentemente renderizado como “concentração” ou “absorção”, foi comumente traduzido para chinês por um caráter que sugere estabilização ou estabilidade. No seu ensaio The Cooperation of Concentration and Insight, o grande Mestre Ch’an Yung-ming Yen-shou escreveu: “No Ch’an e nos Ensinamentos há dois métodos, os mais honrados das miríades de práticas das dez perfeições. No início são chamados parar e ver, para ajudar os novos aprendizes; mais tarde tornam-se concentração e sabedoria, raízes da iluminação. Estes são apenas uma realidade, que parece ter duas partes. No silêncio da essência da realidade está parar ao compreender a verdade; quando silencioso mas sempre consciente, o ver sutil está lá” (The Five Houses of Zen, Shambhala Publications, 1997). Shariputra e Vimalakirti No Sutra do Nome Puro, o discípulo de Buda Shariputra relata como o leigo iluminado Vimalakirti uma vez o encontrou sentado calmamente na floresta e o repreendeu por superficialidade, dizendo: Ei, Shariputra, não é necessariamente sentar que constitui sentar quieto. Sentar quieto significa não manifestar corpo ou mente nos reinos do desejo, forma e sem-forma — isto é sentar quieto! Demonstrar comportamento digno sem sair da absorção na extinção — isto é sentar quieto. Parecer envolver-se nas ocupações das pessoas comuns sem abandonar os princípios do Caminho — isto é sentar quieto. A mente não habitando no interior, mas não estando fora tampouco — isto é sentar quieto. Cultivar os trinta e sete elementos do Caminho sem ser movido por quaisquer visões — isto é sentar quieto. Entrar no nirvana sem terminar as aflições — isto é sentar quieto. O grande mestre Lin-chi disse: “Há carecas cegos que, depois de se terem enchido de comida, sentam em meditação, prendendo pensamentos que vazam para impedir que surjam, evitando clamor e buscando sossego. Isto é uma forma desviada de Zen” (Zen Essence: The Science of Freedom, Shambhala Publications, 1989). Súbito e Gradual Do ponto de vista absoluto, não há conflito entre iluminação súbita e gradual. Do ponto de vista relativo, pode ou não haver tal conflito. Se há ou não conflito pode depender, além disso, de se o ponto de vista relativo é relativo às necessidades do indivíduo ou à doutrinação do indivíduo. Enquanto o ensino de Hui-neng pode enfatizar a imediatidade e opor-se ao apego ao formalismo rígido, no entanto ele

reconhece explicitamente as aplicações legítimas de ambas as abordagens súbita e gradual, e distingue os tipos de mentalidades para as quais são adequadas. O que é repudiado nesta história de conflito entre as escolas do Norte e do Sul não é um possível método de Zen ou outro, mas as infeções de contenciosidade e fanatismo sectário. Os próprios mestres são retratados como não tendo nada a ver com a controvérsia; são os seguidores autoimportantes que estão emocionalmente agitados. Divididos ao longo de linhas doutrinárias, os seguidores confusos esqueceram que a praticidade efetiva é a essência da questão, não a formalidade dogmática. Enquanto Hui-neng não repudia inteiramente os métodos graduais da escola do Norte, ele coloca o caminho imediato num nível superior. Além disso, Hui-neng repudia um exagero associado à escola do Norte e mais tarde importado para a escola do Sul apesar dos avisos de Hui-neng. A inibição excessiva e introversional da atividade mental e física é contraindicada como não apenas ineficaz mas até prejudicial. Este tipo particular de comportamento obsessional pode ser visto a recorrer de tempos a tempos, tipicamente associado a certas condições históricas. Este tipo de budismo degenerado tem sido geralmente conectado com males psicológicos e sociais individuais e coletivos, na medida em que muitas vezes provocou oposição intelectual e cultural reativa ao próprio Budismo, como se a aberração fosse a realidade. Este facto infeliz é provavelmente uma razão para a preservação cuidadosa dos ensinamentos de Hui-neng. É notável que, após registar uma série de encontros iluminadores entre Hui-neng e desafiadores de vários tipos, este capítulo termina numa nota de resolução geral da controvérsia sectária, não só dentro do Budismo Ch'an, mas entre "várias seitas", aparentemente referindo-se à ampla gama de escolas budistas ativas no tempo de Hui-neng e dos seus contemporâneos. CAPÍTULO 5. MEDITAÇÃO SENTADA O grande mestre chinês do século XIV Kao-feng disse: "É essencial no estudo Zen que não te apegues a uma almofada de sentar para prática. Se afundares em oblivion ou distração, ou mergulhares em facilidade e tranquilidade, totalmente inconsciente, não só desperdiçarás tempo, como não serás capaz de digerir as oferendas dos doadores. Quando a luz dos teus olhos cair no chão um dia, no fim em que te apoiarás?" (Teachings of Zen, Shambhala Publications, 1997). O grande mestre japonês do século XIV Muso disse: "As pessoas que meditam sobre o fundamental cumprem as suas tarefas e atividades comuns no meio da meditação, e cumprem a meditação no meio das tarefas e atividades comuns. Não há disparidade entre meditação e

atividade. É para aqueles ainda incapazes disto, aqueles fracos em focar a sua intenção no Caminho, que períodos especiais de meditação foram estabelecidos. A prática de meditar quatro vezes por dia nas comunidades Zen começou desta maneira durante o século XII" (Dream Conversations). O grande mestre coreano do século XIII Chinul disse: "Enquanto as escrituras e tratados falam principalmente de prática sentada, isso é porque é fácil realizar dessa forma; eles também incluem andar, ficar de pé, e assim por diante, porque um desenvolvimento gradual ocorre... Todas as quatro posturas — sentar, ficar de pé, andar e reclinar — funcionarão." Chinul também disse: "Mesmo sentar não pode parar a mente; como pode andar, ficar de pé, e assim por diante, aceder ao Caminho? Se a tua aplicação prática alcançar maturidade total, mesmo se mil sábios surgissem não ficarias assustado, e mil monstros não poderiam virar a tua cabeça; então como poderias não ser capaz de fazer o trabalho enquanto andas, ficas de pé ou sentas?" (Kensho: The Heart of Zen, Shambhala Publications, 1997). O grande mestre chinês do século XI Ta-hui disse: "Se tens praticado meditação quieta mas a tua mente ainda não está calma e livre quando no meio da atividade, isto significa que não foste empoderado pela tua meditação quieta. Se tens praticado quietude apenas para te livrares da agitação, então quando estás no meio da agitação, a agitação perturbará a tua mente como se nunca tivesses feito qualquer meditação quieta" (Zen Essence). Buda disse: "Agachar imóvel não purificará um mortal que não superou a dúvida e o desejo." Buda também disse: "Não apenas por regras de conduta e observâncias religiosas, nem por muito aprendizado tampouco, nem mesmo pela attainment de concentração, nem por dormir sozinho, atinjo a felicidade da liberdade" (Dhammapada: Sayings of Buddha, Bantam Books, 1995). CAPÍTULO 6. ARREPENDIMENTO Os Cinco Perfumes Moralidade, estabilidade, sabedoria, libertação e conhecimento e visão libertados, aqui simbolizados por perfumes, constituem o que é conhecido como o corpo de realidade de cinco partes. Uma "encarnação" de um buda significa encarnação destas cinco realidades. Este ensino encontra-se no Lankavatara-sutra, uma das escrituras budistas comumente citadas no ensino Ch'an. A prática de arrependimento é retratada em mais detalhe na lore de meditação do T'ien-t'ai Budismo, com o qual o Ch'an e o Zen tinham fortes afinidades (ver Stopping and Seeing: A Comprehensive Course in Buddhist Meditation, Shambhala Publications, 1997, pp. 61–69). Os Quatro Votos Universais A metafísica e as meditações dos quatro votos universais também são descritas em Stopping and Seeing, pp. 28–29. As Três

Encarnações As três encarnações, ou corpos, de um buda (ou Tathagata, outro epíteto de um buda) são definidas de várias formas na literatura budista. O eminente Mestre Ch'an Pai-chang disse: O corpo de realidade no seu aspeto verdadeiro é chamado o Buda Iluminador como o corpo de realidade puro e claro; também é chamado o corpo de realidade vazio. Também é chamado o grande conhecimento de espelho perfeito, e é chamado a oitava consciência. Também é chamado a fonte da natureza, e também é chamado a fonte vazia. É chamado o Buda habitando na terra que não é nem pura nem defilada. Também é chamado o leão na sua toca. Também é chamado conhecimento aplicado adamantino. Também é chamado o altar imaculado, e também é chamado o vazio primário. Também é chamado a essência oculta. O Terceiro Grande Mestre disse: "É inútil trabalhar na concentração em quietude sem conhecer a essência oculta." Segundo, o corpo de recompensa buda é o Buda sob a árvore da iluminação. Este também é chamado o buda de transformação ilusória, e é chamado o buda beatificado. Este é chamado o Buda Luminoso como o corpo de recompensa completamente cumprido. Também é chamado o conhecimento da igualdade essencial das coisas, e também é chamado a sétima consciência. Também é chamado o Buda como resultado de acordo com a causa. É igual em todos os cinquenta e dois estágios de meditação, igual em santo e auto-iluminados, igual em todos os bodhisattvas, e é igualmente sujeito a dores como nascimento e morte, mas não é igualmente sujeito à miséria dos hábitos vinculantes dos seres sencientes. Terceiro é o corpo de projeção Buda. Agora no meio de todas as coisas, existentes e inexistentes, quando não há absolutamente influência de anseio, e nem indiferença tampouco, desapegado das quatro proposições [de ser, não-ser, nem, ou ambos], tais palavras e inteligência como possa haver é chamado Shakyamuni Buda com mil cem cem mil corpos de projeção. Também é chamado a grande projeção milagrosa, e é chamado desportar em poderes espirituais. Também é chamado conhecimento observacional analítico sutil, e é chamado a sexta consciência. CAPÍTULO 7. EVENTOS CHAVE O Grande Sutra do Nirvana O Sutra do Nirvana, mais propriamente intitulado Mahaparinirvana-sutra, "A Escritura do Grande Fim Último", é o análogo budista Mahayana do Hinayana Nibbana-sutta. É representado como o ensino final de Shakyamuni, Gautama Buda, pouco antes de passar para o nirvana final, ou parinirvana. O ensino quintessencial do Sutra do Nirvana é que a natureza de buda, a essência da iluminação, é eterna e inerente em todos os seres sencientes. Isto é congenial ao Budismo

Ch’an, e certas aforismos, alusões e imagens do Sutra do Nirvana são comumente encontrados ao longo da lore Ch’an e Zen. Ts’ao Ts’ao Este é um nome muito famoso na história chinesa. Ts’ao Ts’ao (Cao Cao) foi um senhor da guerra muito poderoso do século III d.C. Ele é mencionado aqui em conexão com a visita de um dos seus descendentes a Hui-neng para ilustrar como pessoas de fundo familiar distinguido respeitariam um camponês iletrado com realização espiritual. Isto ilustra a transcendência da verdade última sobre a verdade convencional. Neste ponto da história, além disso, Hui-neng ainda não é publicamente conhecido como um mestre Ch’an, quanto mais o Sexto Grande Mestre; por isso o seu reconhecimento pelo cavalheiro confuciano e o trisneto de Ts’ao Ts’ao também ilustra a possibilidade de reconhecer a verdade última de dentro da verdade convencional. Uma vez que Hui-neng foi publicamente reconhecido, esse reconhecimento público tornar-se-ia verdade convencional, e aqueles que reconhecem esse reconhecimento não estariam necessariamente a reconhecer a realidade da espiritualidade de Hui-neng. Ter Hui-neng reconhecido por leigos enquanto desafiado por monásticos ilustra o contraste entre sentido intrínseco e ignorância cultivada. Budistas profissionais cujos aprendizado e práticas eram uma fonte de autoimportância eram mais lentos a compreender Hui-neng do que leigos sem pretensões religiosas. Alguns monges orgulhosos e obsessivos, no entanto, realizaram a libertação através da orientação de Hui-neng, de acordo com as histórias tradicionais das suas interações, como encontrado neste capítulo do seu sutra bem como em sourcebooks clássicos Ch’an. O Sutra do Lótus O Saddharmapundarika-sutra, ou Escritura do Lótus da Verdade, é considerado a joia da coroa do Budismo pela escola T’ian-T’ai, e é frequentemente citado na lore Ch’an. De acordo com o Sutra do Lótus, o nirvana como extinção ou quiescência é meramente uma ilusão expedita, e o objetivo real é o conhecimento e visão do buddhahood. O Sutra do Lótus exalta o Ekayana ou Um Veículo, simbolizado pelo “veículo puxado por boi branco”, representando o caminho para a iluminação suprema. Numa das parábolas mais famosas do sutra, um homem descobre que a sua casa está em chamas com os seus filhos dentro. As crianças não respondem aos seus chamamentos para saírem, porque estão absortas a brincar com os seus brinquedos. O pai então concebe um expedito para as atrair para fora, prometendo às crianças brinquedos ainda melhores no exterior. Conhecendo os seus vários temperamentos e inclinações, o pai oferece três coisas — um carro de cabra, um carro de veado e um carro de boi. Atraídas para fora da casa em chamas por

estas promessas, as crianças recebem então um carro ainda melhor, atrelado a um grande boi branco. Os outros carros menores foram apenas mencionados para atrair as crianças para fora; uma vez fora, todas recebem o melhor. Isto simboliza a supersessão dos ensinamentos preparatórios provisórios pelos ensinamentos reais. Os Quatro Conhecimentos Os quatro conhecimentos, ou quatro cognições, são quatro modos de cognição considerados caracterizar a mentação completa de uma mente desperta, de acordo com a psicologia budista como delineada no Lankavatara-sutra — consciência como espelho, realização da igualdade universal da natureza essencial, observação precisa da diferenciação de características e sabedoria prática em ação. Estes também estão associados ao que são referidos como os três corpos ou encarnações do buddhahood ou iluminação: o corpo da verdade ou realidade, o corpo de recompensa ou prazer e o corpo de projeção ou emanação. O distinguido Mestre Zen japonês do século XVIII Hakuin escreveu: Quando a mentalidade discriminatória é subitamente despedaçada e a essência da iluminação surge subitamente, o enchimento do universo com a sua luz ilimitada é chamado a cognição de espelho universal, o corpo de realidade puro. Isto é a consciência de armazenamento transmutada. Realizar todas estas coisas nos seis campos dos sentidos — ver, ouvir, discernir e conhecimento — são a tua própria natureza iluminada é chamado cognição de igualdade, o corpo cumprido de prazer perfeito. Discernir os princípios das coisas pela luz do verdadeiro conhecimento é chamado cognição observadora sutil. Isto é o corpo de prazer perfeito, e também inclui o corpo de emanação. Atividade e quietude, mesmo tossir, cuspir e balançar os braços enquanto andas, todos os feitos em harmonia com a natureza da realidade são chamados cognição prática. Isto é chamado a esfera de liberdade do corpo de emanação" (Kensho: The Heart of Zen). Estabilidade do Dragão Estabilidade do dragão é um termo técnico para estabilização tão profunda que não é desestabilizada pela atividade no mundo. A imagem vem da ideia de que um dragão é fisicamente um animal mas mentalmente habita num estado elevado. Assim, é usado para representar o ideal budista Mahayana de transcender o mundo enquanto no próprio meio do mundo. Os Dois Veículos Este termo refere-se aos chamados veículos menores dos "ouvintes" (sravaka) e "iluminados individuais" (pratyeka-buddha), que culminam no nirvana pessoal. Na terminologia Ch'an, há uma implicação negativa de escapismo associada a este termo. O Mestre Ch'an clássico Pai-chang disse: "Mendicantes dos Dois Veículos puseram fim às doenças da

ganância e aversão, removendo-as completamente. Eles habitam na ausência de ganância e consideram isso correto. Isto é o reino sem forma. Isto é obstruir a luz de Buda, isto é derramar o sangue de Buda." As Sessenta e Duas Visões Esta é uma referência padrão a toda a gama de filosofias não-budistas, baseada na reputada existência de sessenta e duas escolas de pensamento diferentes no tempo de Buda. Na perspetiva Ch'an, a adesão dogmática a qualquer visão — como se a visão fosse ela própria a realidade — é inerentemente cultista, não-budista e herética. Cinco Agregados Este é um termo budista padrão para a bobina mortal. Os cinco agregados são matéria, sensação, perceção, coordenação e consciência. Dois Extremos e Três Tempos Os dois extremos são aniquilação e eternidade, os três tempos são passado, presente e futuro; cortar estes significa libertar a mente da fixação nestas discriminações como pontos de referência absolutos. Antes dos Budas Pré-Históricos: Depois dos Budas Pré-Históricos Estes são termos Ch'an: antes dos Budas pré-históricos refere-se ao conhecimento não-discursivo; depois dos Budas pré-históricos refere-se ao conhecimento discursivo. Estes também correspondem ao que são referidos como o coração do nirvana e o conhecimento da diferenciação. Em termos taoistas, o primeiro é chamado a ciência da essência; o último é chamado a ciência da vida. Prajnatara previu que um potro emergiria Prajnatara era considerado o Vigésimo Sétimo Grande Mestre, o predecessor de Bodhidharma, que introduziu o Ch'an na China. O "potro" é considerado aludir à emergência do mestre excecional Ma-tzu, um dos discípulos de Huai-jang, que popularizaria o Ch'an a um grau sem precedentes, com mais de cem sucessores. sramana Um sramana é alguém que está envolvido no autodomínio. A palavra vem de uma raiz verbal referindo-se a esforço, exaustão, superação, conquista e subjugação. Hui-neng parecia exigir cortesia dos monges, não de autoimportância, nem de reverência pelo rank ou convenção, mas por causa da função prática da humildade e cortesia no processo de autodomínio. CAPÍTULO 8. IMEDIATO E GRADUAL Escolas do Norte e do Sul Do ponto de vista absoluto, não há conflito entre iluminação imediata e gradual. Do ponto de vista relativo, pode ou não haver tal conflito. Se há conflito ou não pode depender, além disso, de se o ponto de vista relativo é relativo às necessidades do indivíduo ou à doutrinação do indivíduo. Enquanto o ensino de Hui-neng pode enfatizar a imediatidade e opor-se ao apego ao formalismo rígido, no entanto ele reconhece explicitamente as aplicações legítimas de ambas as abordagens imediata e gradual, e distingue os tipos de mentalidades

para as quais são adequadas. O que é repudiado nesta história de conflito entre as escolas do Norte e do Sul não é um possível método de Zen ou outro, mas as infeções de contenciosidade e fanatismo sectário. Os mestres que estabeleceram o Budismo da Terra Pura compreenderam o princípio profundo do Grande Veículo nas suas próprias mentes, mas temporariamente distinguiram a Terra Pura da terra defilada para guiar pessoas ignorantes, traçando uma distinção entre autopoder e Outro-poder. Eles não eram ignorantes eles próprios; estes ensinamentos são expedientes compassivos de seres iluminadores. Divididos ao longo de linhas doutrinárias, os seguidores confusos esqueceram que a praticidade efetiva é a essência da questão, não a formalidade dogmática. Enquanto Hui-neng não repudia os métodos graduais da escola do Norte inteiramente, ele coloca o caminho imediato num nível superior. Além disso, Hui-neng repudia um exagero associado à escola do Norte e mais tarde importado para a escola do Sul apesar dos avisos de Hui-neng. A inibição excessiva e introversional da atividade mental e física são contraindicadas como não meramente ineficazes mas mesmo prejudiciais. Este tipo particular de comportamento obsessional pode ser visto a recorrer de tempos a tempos, tipicamente associado a certas condições históricas. Este tipo de budismo degenerado tem sido geralmente conectado com males psicológicos e sociais individuais e coletivos, na medida em que muitas vezes provocou oposição intelectual e cultural reativa ao próprio Budismo, como se a aberração fosse a realidade. Este facto infeliz é provavelmente uma razão para a preservação cuidadosa dos ensinamentos de Hui-neng. É notável que, após registar uma série de encontros iluminadores entre Hui-neng e desafiadores de vários tipos, este capítulo termina numa nota de resolução geral da controvérsia sectária, não só dentro do Budismo Ch’an, mas entre “várias seitas”, aparentemente referindo-se à ampla gama de escolas budistas ativas no tempo de Hui-neng e dos seus contemporâneos. CAPÍTULO 9. A CONVOCAÇÃO IMPERIAL A Imperatriz Wu Tse-t’ien era a viúva de Kao-tsung, o terceiro imperador da dinastia T’ang. Dois dos seus filhos sucederam ao trono imperial, mas ela deslocou-os a ambos e pessoalmente tomou o leme do império por vinte e um anos, fundando uma nova dinastia Chou. Ela foi uma grande patrona do aprendizado, cultura e religião, especialmente o Budismo. Morreu mais tarde em 705. O Imperador Chung-tsung era o filho de Wu Tse-t’ien, que foi anteriormente deslocado pela sua mãe, e retomou o trono em 705. Os “dois professores An e Hsiu” convidados para a corte imperial eram

Shen-hsiu, alguns dos quais seguidores alegavam que era o Sexto Grande Mestre, e o reverenciado Mestre Nacional Hui-an, que morreu em 709 aos 128 anos. Tanto Shen-hsiu como Hui-an tinham sido discípulos do Quinto Grande Mestre Hung-jen. A recusa de Hui-neng em aceitar o patrocínio imperial é considerada parte do seu ensino. Enquanto alguns mestres budistas aceitaram o patrocínio real e imperial para proteger e espalhar o ensino, há também uma tradição de independência no Budismo Ch'an. A razão é que o patrocínio de elite poderia atrair pessoas para ordens budistas pelos motivos errados. A Linhagem dos Grandes Mestres A linhagem dada na versão mais antiga do sutra de Hui-neng difere desta em vários lugares, particularmente no que diz respeito aos últimos dos Grandes Mestres Indianos. A linhagem T'ien-t'ai dos Grandes Mestres Budistas concorda substancialmente com as versões Ch'an, exceto que termina com Sinha. A linhagem T'ien-t'ai também menciona Madhyantika, que foi outro sucessor de Ananda e é inserido entre Ananda e Sanavasa na versão mais antiga do Sutra de Hui-neng.